



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO EM HISTÓRIA

SANDRA KUESTER

TEMPOS DE FESTEJAR:
KERBFEST COMO PATRIMÔNIO TEUTO-BRASILEIRO DE SEARA/SC
(1993-2005)

CHAPECÓ
2020

SANDRA KUESTER

TEMPOS DE FESTEJAR:

KERBFEST COMO PATRIMÔNIO TEUTO-BRASILEIRO DE SEARA/SC

(1993-2005)

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino e coorientação da Profa. Dra. Mirian Carbonera.

CHAPECÓ

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Av. Fernando Machado, 108 E

Centro, Chapecó, SC - Brasil

Caixa Postal 181

CEP 89802-112

SANDRA KUESTER

TEMPOS DE FESTEJAR:

KERBFEST COMO PATRIMÔNIO TEUTO-BRASILEIRO DE SEARA/SC
(1993-2005)

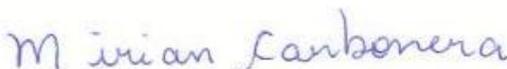
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em História, defendido em banca examinadora em 20/10/2020.

Aprovado em: 20/10/2020

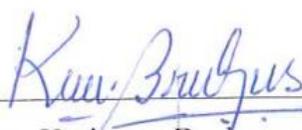
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino – UFFS
Presidente da banca/orientador

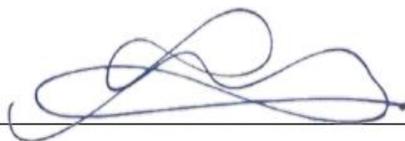


Profa. Dra. Mirian Carbonera – Unochapecó
Coorientadora



Prof. Dra. Katianne Bruhns – UFSC

Membro titular externo



Prof. Dr. José Radin – UFFS

Membro titular interno

Chapecó/SC, outubro de 2020.

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Kuester, Sandra

Tempos de Festejar: Kerbfest como patrimônio teuto-brasileiro de Seara/SC (1993-2005) / Sandra Kuester. -- 2020.

127 f.:il.

Orientador: Doutor Jaisson Teixeira Lino

Co-orientadora: Doutora Mirian Carbonera

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Chapecó, SC, 2020.

1. Kerbfest. 2. Identidade teuto-brasileira. 3. História da colonização. 4. Oeste catarinense. 5. Patrimônio cultural. I. Lino, Jaisson Teixeira, orient. II. Carbonera, Mirian, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi fruto de uma longa jornada que envolveu não apenas uma, mas várias pessoas e instituições. Somente consegui produzir esta pesquisa graças a uma união de esforços coletivos.

Primeiramente, meus agradecimentos voltam-se ao meu professor orientador, Dr. Jaisson Teixeira Lino, e à minha professora coorientadora, Dra. Mirian Carbonera, por terem abraçado o meu projeto, pelo tempo destinado às orientações, preocupações e pelo generoso auxílio prestado durante a realização deste trabalho.

Em seguida, não menos importante, é meu agradecimento para:

O corpo docente, pois me incentivou a olhar para o Oeste Catarinense com mais profundidade.

Os meus colegas, que me ofereceram apoio e lembraram que uma pesquisa também precisa de momentos de descontração.

O Programa de Pós-Graduação em História, por ter oferecido esta oportunidade tão valiosa para minha trajetória profissional e muito importante em minha vida, cuja dedicação, neste momento, se concretiza nesta pesquisa.

A Universidade Federal da Fronteira Sul, instituição responsável pela base dos meus conhecimentos em História, minha realização na carreira docente, pela qual tenho tanto apreço, e, sobretudo, por promover a curiosidade que move todo historiador.

A comunidade da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) de Seara, pelo incentivo à pesquisa, por disponibilizar as fontes históricas tão necessárias para a materialização deste estudo. Seria sempre grata por todo o carinho recebido e pela confiança concedida a mim e pela oportunidade de aqui eternizar um pouco da história do patrimônio teuto-brasileiro de Seara/SC.

A colega historiadora Ivone Nardi, pelos momentos que foram dedicados a me auxiliar com indicação de fontes.

Ao Jornal Folhasete, pela possibilidade de acessar o seu acervo e, com isso, enriquecer esta pesquisa.

A minha família: Arnildo, Ilse e Scheyla Kuester. Em nenhum momento, vocês tiveram dúvidas da minha competência. Entenderam minhas ausências e me ajudaram em

todos os momentos, principalmente em tarefas que eu não podia cumprir devido às horas de estudos intensos. Esse amparo emocional foi fundamental para mim!

RESUMO

Esta pesquisa analisou o *Kerbfest* de Seara/SC, ocorrido entre os anos de 1993 a 2005. Objetivou-se examinar como o *Kerbfest* construiu laços de pertencimento entre os descendentes de alemães no município de Seara. A metodologia utilizada compreendeu um estudo bibliográfico que, primeiramente, contextualizou a festa através dos processos de colonização germânica em esfera nacional e municipal. Posteriormente, foram problematizadas as relações étnicas, bem como as noções de representatividade e de bens patrimoniais. Para a festividade, foram utilizadas fontes orais, audiovisuais, jornais, atas de reuniões de presbitérios, fotografias e pôsteres. Dessa forma, o estudo voltou-se às análises das representações e relações étnicas e de seus bens patrimoniais. Os principais resultados desta pesquisa podem ser apontados como uma festa idealizada por um pastor e que, inicialmente, tinha o intuito de angariar lucros para a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Seara/SC. Contudo, o sentido da festa foi compreendido de maneiras distintas entre seus coordenadores; mas, para todos da equipe, foi uma maneira de representar a germanidade, uma das características étnicas teuto-brasileiras. Também trouxe um passado imaginado criado com base nos costumes do final do século XIX na Alemanha com ideais nacionalistas e disseminados no Brasil em grande medida na década de 1980 por folcloristas, além de integrar elementos de outros *Kerbfesten* da região. A festividade foi considerada uma tradição devido à sua constante repetição nos calendários municipais e religiosos de confissão luterana. Para a realização do *Kerbfest*, houve trocas étnicas que partiam desde o patrocínio, participações na festa e na composição de pratos, selecionados pelos organizadores, considerados típicos da culinária alemã. Esta festividade representou não somente um passado imaginário alemão, como também um passado colonial da região, fazendo parte do patrimônio cultural.

Palavras-chave: Kerbfest. Identidade Teuto-brasileira. História da Colonização. Oeste Catarinense. Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

This research analyzed the Kerbfest of Seara/SC, between the years 1993 to 2005. The objective was to examine how the Kerbfest built bonds of belonging between the descendants of Germans in the municipality of Seara. The methodology used comprised a bibliographic study that, firstly, contextualized the party through the processes of German colonization at national and municipal levels. Subsequently, ethnic relations were problematized, as well as the notions of representativeness and heritage assets. For the festivity, oral, audiovisual sources, newspapers, minutes from presbytery meetings, photographs and brochures were used. In this way, the study turned to the analysis of representations and ethnic relations and their heritage assets. The main results of this research can be pointed out as a party idealized by a pastor and that, initially, was intended to raise profits for the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil of Seara/SC. However, the meaning of the party was understood in different ways among its coordinators; but, for everyone on the team, it was a way of representing Germanity, one of the German-Brazilian ethnic characteristics. It also brought an imagined past created based on the customs of the late 19th century in Germany with nationalist ideals and disseminated in Brazil to a large extent in the 1980s by folklorists, in addition to integrating elements from other Kerbfesten in the region. The festival was considered a tradition due to its constant repetition in the municipal and religious calendars of Lutheran confession. For the holding of the Kerbfest, there were ethnic exchanges that started from the sponsorship, participation in the party and in the composition of dishes, selected by the organizers, considered typical of German cuisine. This festivity represented not only an imaginary German past, but also a colonial past in the region, being part of the cultural heritage.

keywords: Kerbfest. German-Brazilian identity. Colonization History. West of Santa Catarina. Cultural heritage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Ilustração 1 - Mapa atual de Seara/SC com as demarcações das empresas colonizadoras | 28 |
| Ilustração 2 - Enfeite de mesa – Vovô Choppão (1996) | 46 |
| Ilustração 3 - Desfile da rainha e das princesas da Terceira Idade (1999) | 51 |
| Ilustração 4 - Escolha da rainha e das princesas jovens (2002)..... | 53 |
| Ilustração 5 - Bancos ornados com cestas de flores (1994)..... | 56 |
| Ilustração 6 - Mulheres com trajes típicos da cultura teuto-brasileira no VII <i>Kerbfest</i> | 57 |
| Ilustração 7 - Membros da organização oferecendo produtos artesanais em cestas..... | 59 |
| Ilustração 8 - Caminhão trazendo o Coral São Daniel (etnia ítalo-brasileira)..... | 61 |
| Ilustração 9 - Carroça decorada, nomeada como “Os Karrosso”, com dois jovens bebendo cerveja (1999)..... | 62 |
| Ilustração 10 - Diferentes bonecas vendidas ao longo das edições dos bailes de <i>Kerbfest</i> | 69 |
| Ilustração 11 - População dançando ao redor de um casal que comprou uma boneca no II <i>Kerbfest</i> | 71 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Levantamento de entradas e saídas e lucros do <i>Kerbfest</i> de 1999 a 2005 (valores expressos em reais)..... | 75 |
|---|----|

LISTA DE SIGLAS:

- ANAÍ – Associação Nacional de Apoio ao Índio
- ASEFIR – Associação Searaense de Fissurados e Reabilitação
- CDL/ACIS – Câmara de Dirigentes Lojistas/Associação Empresarial de Seara
- CELESC – Centrais Elétricas de Santa Catarina
- CEP – Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos
- DEU – Distrito Eclesiástico do Uruguai
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- Embratur – Instituto Brasileiro do Turismo
- EST – Escola Superior de Teologia
- IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
- OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas
- SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
- TNT – Tecido não tecido
- UHE – Usina Hidroelétrica

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | O PROCESSO DE IMIGRAÇÃO DO TEUTO-BRASILEIRO LUTERANO EM SEARA | 19 |
| 2.1 | A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL | 19 |
| 2.2 | A COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO TEUTO-BRASILEIRA NA REGIÃO DE SEARA/SC | 24 |
| 2.3 | O LUTERANISMO EM SEARA | 34 |
| 3 | <i>KERBFEST</i>: UM PASSADO DO IMAGINÁRIO GERMÂNICO EM SEARA | 40 |
| 3.1 | A ABERTURA DO <i>KERBFEST</i> | 43 |
| 3.2 | OS CULTOS FESTIVOS | 53 |
| 3.3 | O <i>BIERWAGEN</i> | 57 |
| 3.4 | OS BAILES | 64 |
| 4 | O TEUTO-BRASILEIRO NO <i>KERBFEST</i>: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E PATRIMÔNIO | 79 |
| 4.1 | O TEUTO-BRASILEIRO E O <i>KERBFEST</i> DE SEARA | 79 |
| 4.2 | AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA TEUTO-BRASILEIRA PRESENTES NO <i>KERBFEST</i> DE SEARA | 91 |
| 4.3 | O <i>KERBFEST</i> COMO UM PATRIMÔNIO DO TEUTO-BRASILEIRO SEARAENSE | 103 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 111 |
| | REFERÊNCIAS | 114 |
| | ANEXO A | 124 |

1 INTRODUÇÃO

O *Kerbfest* é uma festa teuto-brasileira com particularidades que se distinguem conforme a comunidade que a comemora. Esta festividade passou a acontecer em Seara, município do oeste catarinense, no ano de 1993, e se estende à atualidade, havendo, nesse ínterim, fases de apogeu e crises.

Apesar das mudanças que a história proporcionou, o *Kerbfest* representou uma seleta comunidade teuto-brasileira do município de Seara. Entender o propósito e os meios que levaram a essa representação fez parte do tema deste projeto. A partir da delimitação do espaço temporal, foram investigados os fatos ocorridos entre 1993 e 2005, cuja temporalidade expressa mudanças significativas na maneira de festejar, bem como aspectos representativos da população teuto-brasileira.

Na região de Seara, essa festividade foi compreendida não somente como uma comemoração da construção do templo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) como também da colheita, ambas ligadas à história do município e região. Diante disso, esboçou-se uma hipótese inicial relevante para compreender a pertinência da pesquisa. E essa hipótese principia os processos de colonização de Seara.

Convém, portanto, contextualizar o processo de demarcação de terras em 1924, em Nova Milano (atual Seara), o qual foi possível a partir da compra de terras pelas seguintes empresas: Rio Branco Ltda.; Mosele, Eberle Ahrons & Cia; e Luce Rosa & Cia. Com o passar do tempo, na localidade, instalaram-se agricultores vindos do Rio Grande do Sul, especialmente das regiões de Guaporé, Serafina Corrêa, Casca e imediações (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004).

Nova Milano foi a primeira denominação. Fazia alusão à Milão, cidade da Itália, devido à descendência italiana da maioria de seus imigrantes gaúchos. Contudo, em 1944, foi renomeada Seara em virtude da Segunda Guerra Mundial, pois o Brasil pertencia ao bloco dos Aliados contra o Eixo, do qual Itália fazia parte (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004). Desde então, ruas, avenidas, bairros e parques de Seara foram recebendo nomes italianos, em detrimento de nomes alemães e poloneses.¹ Tratando-se de uma minoria demográfica de colonos, a população teuto-brasileira ficou isolada em pequenas comunidades até o surgimento de agroindústrias, o que, entre outros fatores, provocou o êxodo de muitos camponeses.

¹ Segundo o mapeamento do município, o qual foi feito pelo programa de Planejamento Urbano da Prefeitura de Seara/SC.

Dessa dissimilitude entre grupos, percebe-se a emergência da noção de etnia alemã, da valorização daquele que quer mostrar a sua diferença por meio da valorização de práticas e costumes criados e construídos pelas comunidades. Ressalta-se que a religiosidade foi um elemento utilizado pelos teuto-brasileiros para que expressassem seus costumes e suas práticas, principalmente nos períodos de maior conservadorismo, quando os pastores realizavam o culto em língua alemã, ou cantavam hinos em alemão². Os luteranos de Seara frequentavam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em comunidades de Nova Estrela, ou em Linha Taquarimbó, ambas pertencentes, na época, ao município de Concórdia. Posteriormente, passaram para o município de Arabutã quando este se emancipou de Concórdia. Mais tarde, com a criação de pontos de pregação em Seara, os cultos passaram a ser realizados nas casas dos membros. No ano de 1985, foi inaugurado um templo em Seara; e em 1999 a comunidade foi elevada à categoria de paróquia.³

Como comemoração pela construção do templo da IECLB, foi realizado o primeiro *Kerbfest* de Seara, no ano de 1993.⁴ Neste evento, o corpo da diretoria da comunidade luterana assumiu a organização, escolhendo o lugar, contratando bandas que tocassem músicas típicas e buscando elementos nos bailes de origem germânica. Mas a festividade não se restringiu apenas à comemoração do aniversário do templo, para alguns membros, representava a festa da colheita, uma maneira de relembrar práticas antigas de seus antepassados, onde as pessoas traziam em seu *Korb* – cesto em alemão – os mantimentos agrícolas e artesanais que eram leiloados para angariar lucros para a igreja.

De acordo com os relatos de alguns entrevistados, do termo *Korb* resultaria o *Kerbfest*. E, para Lenzi, Salvador e Konder (1989, p. 16, grifo meu): “O termo *KERB* (pronuncia-se quérpe) tornou-se uma forma abreviada do *KIRCHMESSEL*, *KERBFEST* ou *KIRCHWEIHFEST*, festa de inauguração da igreja”.

O *Kerbfest* também contava com o apoio da prefeitura e do comércio, que não somente patrocinavam os bailes mas também organizavam o concurso de vitrines com o tema do *Kerbfest*. Nesses dias, o município era enfeitada com flores, palmeiras, barris e canecas de chope; para tanto, as cores escolhidas eram as da bandeira alemã. Ademais, parte do lucro

² Algumas atas e livros caixa da comunidade de Taquarimbó anteriores a 1940, por exemplo, foram feitos em caneta-tinteiro e escritos em língua alemã.

³ Entende-se como paróquia um território sobre o qual se estende a jurisdição de um pastor ou pastora. Anteriormente a esta data, a igreja de Seara pertencia à paróquia de Nova Estrela comunidade de Arabutã/SC. Nesse caso, a paróquia não compreende a mesma área de uma cidade, podendo, dessa maneira, abranger diversos municípios.

⁴ Essa festividade já era comemorada em outras localidades rurais de Seara, como linha Vila Nova, Nova Teutônia e Linha Taquarimbó; porém, pertenciam a outras paróquias. Em Nova Estrela (Arabutã/SC), o *Kerbfest* ocorria desde 1936.

arrecadado destinava-se ao desenvolvimento de ações, pela igreja, na sociedade searense – cujos beneficiados eram hospitais, casas de menores infratores, abrigos –, à realização de palestras em escolas, a diversas ações direcionadas à coletividade. E outra parte destinava-se à manutenção da própria igreja.⁵

A festa ganhou respaldo nos anos que seguiram com a participação pessoas de diferentes etnias. Entretanto, a partir da análise de arquivos audiovisuais das festas, evidenciou-se uma mudança com o decorrer dos anos: inicialmente a festa reunia famílias, com o passar dos anos eram constituídos grupos, também conhecidos como “blocos” de jovens, que bebiam chope e festejavam de uma maneira diferenciada nas avenidas e no salão de festa. Esses blocos eram compostos por jovens que se identificavam especialmente por meio de camisetas confeccionadas para tal fim. Também havia a presença de carros com músicas eletrônicas e funk que eram remixadas com as músicas típicas germânicas.

No contexto acima esboçado, a festa inicialmente foi criada como uma necessidade de afirmação identitária de um grupo étnico teuto-brasileiro que vivia numa região onde a comunidade ítalo-brasileira era majoritária. E não há produções historiográficas envolvendo suas festividades, tampouco o processo de colonização sob o olhar do teuto⁶ nas pesquisas sobre Seara. Logo, esta festividade foi um lugar de memória coletiva, que se organizou, reorganizou e se refez num processo dinâmico.

Portanto, verifica-se que, ao se constituir um marco festivo com suas características de memória baseadas num passado real e fictício, há uma noção de patrimônio cultural. Nesse sentido, é importante ressaltar que o patrimônio remete-se ao local de memória e não à memória em si (SANTIAGO JÚNIOR, 2005). E, pensando na festa como um lugar de memória, utilizaram-se os conceitos de Nora (1993), autor que apresenta os lugares de memória como espaços destinados à repetição do passado, onde o indivíduo ingressa em um tempo cristalizado que sempre começa. Dessa forma, entende-se como patrimônio não apenas monumentos, mas também os rituais, as festas que marcam o coletivo, a religiosidade a maneira de viver de um povo (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

⁵ Informações colhidas em Livros Atas da Comunidade da IECLB de Seara/SC.

⁶ A não ser o do alemão Fritz Plaumann, que foi respeitado internacionalmente por suas pesquisas. Embora sem formação acadêmica, Plaumann desenvolveu especialmente pesquisa entomológica. Uma espécie estudada por ele foi a borboleta fêmea *Morpho Anaxibia* (Nymphalidae), a qual se tornou o símbolo do município. A casa onde viveu tornou-se um museu, assim como outro museu foi construído para expor a grande coleção de insetos dele. Exceto por Fritz Plaumann, pouco se conhece sobre a história das famílias de origem germânica no município.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como questão principal: “como o *Kerbfest* construiu laços de pertencimento entre os descendentes de alemães no município de Seara?”. O recorte espacial e temporal foi o município de Seara, entre os anos de 1993 até 2005.

O objetivo geral desta pesquisa foi “analisar como o *Kerbfest* construiu laços de pertencimento entre os descendentes de alemães no município de Seara, nos anos de 1993 a 2005”. Assim, foram estabelecidos como objetivos específicos: investigar o passado da colonização searaense; apresentar as diferentes formas de comemorar o *Kerbfest*, como ela foi criada e comemorada no município; investigar os discursos religiosos atrelados às festividades; problematizar os elementos representativos da festa, como: a decoração, a culinária, as bandas; trabalhar com a memória individual e coletiva dos participantes e organizadores do evento, e debater o *Kerbfest* como um patrimônio cultural searaense.

Para além das fontes bibliográficas que embasaram a pesquisa, foram consultadas muitas fontes primárias, tais como: atas de reuniões da diretoria da IECLB para a organização de cada edição; fontes audiovisuais produzidas durante os eventos⁷, bem como de suas celebrações e desfiles; fotografias, pôsteres e adesivos dos eventos. Boa parte dessas fontes foi fornecida pelos membros da diretoria do evento. Também foram analisadas matérias de jornais referentes às festividades (mais especificamente do Folhasete⁸, um jornal semanal de circulação local), assim como entrevistas com membros que compuseram a diretoria da comunidade luterana entre os anos de 1993 e 2005. Foram apenas cinco pessoas entrevistadas, já que muitos membros da diretoria participaram de mais de uma gestão, tendo em vista a possibilidade de reeleição em eleições realizadas a cada dois anos na comunidade da IECLB de Seara.

Destaca-se que o projeto desta pesquisa previa a realização de dez entrevistas; entretanto, como neste ano de 2020 ocorreu a pandemia – decorrente do Covid-19, justamente no período de coleta das entrevistas, não foi possível prosseguir com o cronograma, sendo cinco delas canceladas devido à instalação dessa crise sanitária. As entrevistas foram realizadas com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul.

No tratamento das fontes primárias, coube uma leitura rigorosa, para extrair e problematizar as informações, sabendo-se de antemão que estas não devem ser tratadas como

⁷ Estas fontes foram disponíveis em formato VHS e em estado de conservação que comprometeram a qualidade visual. Portanto, as ilustrações extraídas das gravações (Ilustrações 5; 6; 7; 10 e 11) apresentam-se pouco nítidas.

⁸ No espaço temporal determinado, a nomenclatura do jornal é modificada de “Seareiro Folhasete” para “Folhasete” em 2002.

uma verdade unilateral, e que todas elas passaram por recortes e manipulações de algum agente. Nas fotografias, por exemplo, foram analisados alguns elementos básicos: o uso de trajés, o uso de flores e a postura diante da fotografia, os personagens presentes e o local da fotografia. Já as fontes audiovisuais mostraram detalhes ausentes em documentos impressos, já que nestas ficam gravadas imagens fixas ou movimentos, som, de forma que são bastante abrangentes. Somadas a isto, as fontes documentais trazem os registros paroquiais no qual se insere o *Kerbfest*. Eis ali a delimitação, diante de tantas informações voltadas à comunidade luterana searaense o foco sobre o documento pode variar de acordo com o recorte feito (KARNAL; TATSCH, 2012). Além de todas as discussões religiosas e burocráticas contidas nestes documentos, despertaram interesse aqueles voltados à festa.

E, apesar da diversidade de fontes, importa explicar que elas não são monumentos, ou seja, algo munido de uma razão inquestionável. Até porque há no historiador um esforço constante em fazer falar as coisas mudas, de compreender o passado dos homens, das sociedades, daquilo que passou (LE GOFF, 2003).

Para contextualizar essa pesquisa, foram analisadas bibliografias referentes à migração dos alemães ao Brasil, bem como sua trajetória até a colonização do município de Seara. Bosi (1992) menciona que a colonização é entendida como o processo de ocupação de terras; nesse caso, esse processo é identificado no imigrante alemão ou teuto-brasileiro que comprava lotes de terras delimitados pelas colonizadoras que atuaram na região.

Seguindo a lógica da colonização de Bosi (1992), o colonizador possui o dever de cuidar, mandar na terra que possui – compreendida anteriormente como devoluta, vazia, sem dono –, e trazer prosperidade ao local. “Nem sempre, é verdade, o colonizador se verá a si mesmo como um simples conquistador; então, buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro faria jus” (BOSI, 1992, p. 12).

Nesse processo era preciso deixar para trás seu país, sua pátria, e começar sua vida em terras desconhecidas. Nelas, portanto, emergem as festas típicas num esforço de mostrar um passado real ou fictício, mas que orgulha o colonizador e seus descendentes. Essas festas, seguindo os estudos de Tedesco e Rossetto (2007), são ritualizadas e apresentam elementos do passado cotidiano que tentam buscar significações, relações simbólicas, formatos sociais, hierarquias, posições sociais e o desempenho de grupos étnicos que buscam se autoafirmar.

Mesmo com algumas mudanças, o *Kerbfest* de Seara tornou-se um patrimônio cultural que teve sua criação, apogeu e resiste ainda, mas com algumas dificuldades. Segundo Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011), esse patrimônio tem um princípio de

mostrar-se diferente do *outro* que habita no mesmo território, sugerindo uma consciência étnica, nutrindo uma crença em comum, que pode voltar-se aos tempos da colonização.

Foram problematizados alguns elementos da festa que demonstraram a etnia como distinta de outros grupos, como: o uso de flores, cestos, venda das bonecas e coroa de flores, uso de roupas típicas, pratos típicos, apresentações culturais de grupos de danças alemães, *Bierwagen* (desfile de um trio elétrico com a banda e distribuição de chope aos pedestres), critérios para escolha de rainha e princesas da festa, o “Vovô Choppão” (símbolo da festa de Seara), discursos religiosos e da comissão organizadora do evento sobre a festa, objetivos das edições da festa, dentre muitas outras informações que foram encontradas em leituras aprofundadas das fontes primárias.

Como esses elementos contam uma história e a maneira de festejar de determinada sociedade, foram analisadas as mudanças e permanências de um recorte espacial e temporal. Dessa forma, este estudo visa a uma reflexão sobre os processos do passado que foram capazes de modificar o modo de vida. E essas mudanças podem ser imaginárias, frutos de uma ficção, proveniente de uma memória coletiva ou individual (BARROS, 2011).

Em face do que foi exposto, Hobsbawm e Ranger (1997) propõe que os elementos imaginários presentes nos rituais do *Kerbfest* poderiam ser entendidos como estabelecidos por um conjunto de regras de valores e de comportamentos aceitos e repetidos por um determinado grupo de pessoas. Logo, o *Kerbfest* é uma festa tradicional de Seara, com a realização de uma edição a cada ano, com elementos que se repetiam e outros que se adaptavam, uns surgiam e outros desapareciam. Considerou-se a abordagem dos autores acerca da invenção das tradições ao analisar as características dos rituais, bem como a própria ordem de acontecimentos da festa.

No primeiro dia celebrava-se a abertura do evento, ocorrendo jantares típicos, sangria do primeiro barril de chope, concurso de rainha e princesas do *Kerbfest*, e, por fim, um baile. No dia seguinte havia um culto festivo, o qual partia para o *Bierwagen* e era finalizado com um baile. Nessa lógica, também foram analisados os elementos decorativos, a culinária, os trajes que remetiam a um passado imaginado dos antepassados imigrantes alemães.

Ressalta-se que o estudo não se limitou à observação da festa, mas sim analisou uma identidade étnica através de um ritual festivo. Aliando-se às noções de tradições, está a ideia de nacionalismo, definida por Benedict Anderson (2008) como pertencer a uma comunidade imaginada, limitada e soberana.

Como explicam Poutignat e Streiff-Fenart (2011), os grupos étnicos alimentam-se de uma crença de um pertencimento de uma comunidade de origem, com aparências e costumes

em comum, na lembrança de um passado de migrações. O que é relevante para a sua propagação, não importando sua origem consanguínea. Esses autores acrescentam que, na não existência de grupos etnicamente puros, há um fenômeno do esquecimento, fundamental para formar o sentimento de pertença em comum. Também se aliam ao sentimento de pertença a honra, a língua e a religião, que são códigos de uma determinada comunidade (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

Embora nem todos os participantes da festa sejam de origem alemã, são movidos por um sentimento de pertença em comum, por exemplo, professar a religião luterana, usar o dialeto alemão regional ou, ainda, possuir os demais elementos da festividade em seu cotidiano.

E, também considerando os aspectos mencionados, Poutignat e Streiff-Fenart (2011) analisam o tema “fronteiras étnicas”. Em sua obra, apresentam os estudos de Friedrik Barth sobre grupos étnicos e suas fronteiras, que são a base das suas reflexões contidas na obra. Os autores defendem que “as comunidades étnicas não vivem isoladas como ilhas”, visto que possuem trocas e sofrem mudanças ao longo da história.

Acerca desta relação de trocas, Barth explica que as fronteiras étnicas não estão necessariamente ligadas ao solo; estão nas relações entre os grupos culturais e no fato se perceberem como diferentes do outro. E, assim como as próprias comunidades étnicas, as fronteiras passam por mudanças, porque a sobrevivência de um grupo étnico depende de estratégias utilizadas nas sociedades industriais em seus nichos de articulação (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011).

No que se refere à etnia representada, de acordo com Seyferth (1981), entende-se o teuto-brasileiro como um grupo étnico que resultou dos processos migratórios de alemães para o Brasil. Inicia-se, na concepção alemã de nacionalidade como herança espiritual e moral. Um alemão sempre será considerado alemão, mesmo que não tenha nascido na Alemanha. Assim, a noção de pátria dos imigrantes alemães esclarece os fundamentos da etnia teuto-brasileira: onde se entende que uma pessoa pode estar ligada não somente pelo nascimento, mas também por lembrança, herança ou laços emocionais (SEYFERTH, 1981).

Seyferth (1981) esclarece que identificação étnica ocorre pelo pertencimento a um povo; neste caso, ao povo alemão. Nesse sentido, o teuto-brasileiro é o resultado do contato dos brasileiros com indivíduos de origem alemã. O sentido do termo “origem”, portanto, torna-se fundamental para a distinção étnica, pois está ligado à herança de sangue e não de território.

O *Kerbfest* realizado pelos teuto-brasileiros de Seara procurou recuperar o passado idealizado por meio dos diferentes rituais; contudo, com o passar das edições, diversas adaptações foram feitas – por exemplo: inovações tecnológicas, música e culinária.

Para uma melhor compreensão desta temática, a temporalidade determinada foi estabelecida com base na análise das fontes – dentre elas, atas e audiovisuais –, a partir dos quais foi perceptível um período áureo e, em seguida, um período de crises. Estas crises podem ser atribuídas à quantidade de participantes, às variações musicais e à própria união da comunidade. Entende-se, então, que as identidades são fluídas, pois o mundo moderno faz com que os seres humanos participem de vários grupos sociais simultaneamente, obtendo assim diversos papéis sociais (BARROS, 2011) e podendo ser um possível agravante na continuidade da festa.

Para melhor esclarecer esse tema, esta pesquisa compõe-se por três seções.

Na primeira seção, os estudos foram voltados à migração. Abordaram-se, primeiramente, os processos de imigração no Brasil; em seguida, os processos de delimitação política e geográfica do oeste catarinense aliados aos processos de imigração alemã e colonização de Seara, finalizando com o luteranismo local e a criação da comunidade da IECLB na paróquia de Seara.

A partir da análise da imigração alemã em nível nacional e local, direcionou-se para a segunda seção. Nesta, são apresentadas as características e as dinâmicas da festa. Inicia-se com detalhes sobre a festa de abertura, com descrição e a análise de rituais daquele momento; posteriormente, analisaram-se os cultos festivos que trouxeram sentido à comunidade religiosa. Abordou-se, na sequência, o *Bierwagen* e suas diversas representações étnicas durante os desfiles, e, por fim, foram apresentados os bailes, o período de alegrias, danças, comidas e também de afirmação identitária.

A terceira seção objetivou entender as representações da festa, a identidade e também seus bens patrimoniais. Inicialmente, procurou-se perceber a etnia e como seus elementos característicos se expressam no *Kerbfest*. Em seguida, foram analisadas as representações dos elementos dessa festividade que dão um sentido de identidade. Para finalizar, discutiram-se as representações da festa como bens culturais de uma coletividade que representaram não somente o município de Seara mas também as localidades que também passaram por processos de imigração alemã.

2 PROCESSO DE IMIGRAÇÃO DO TEUTO-BRASILEIRO LUTERANO EM SEARA

O sul do Brasil foi marcado pela imigração de origem alemã entre os séculos XIX e XX. Nesse cenário, encontra-se a atual Seara, no oeste catarinense, formada por diferentes etnias. Neste capítulo, inicialmente, são analisados os processos de imigração alemã no sul do país, dando enfoque aos processos regionais e locais. Também foram abordados os processos de constituição geográfica e política do oeste catarinense e de Seara. A análise se estendeu ao luteranismo, religião praticada por muitos imigrantes alemães, incluindo os que colonizaram Seara. Para finalizar, investigou-se a instalação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil com uma breve história de sua trajetória no município.

Para tanto, foram utilizadas fontes bibliográficas que concernem à imigração alemã, às transformações políticas e geográficas do oeste catarinense, à colonização e ao luteranismo. Ademais, a pesquisa foi complementada com fontes orais a fim de colher dados relacionados à instalação da IECLB no município.

Este capítulo é composto por três seções, que procuram introduzir o leitor no cenário histórico para compreender as conjunturas de tempo e espaço em que foi inserida a comemoração do *Kerbfest* em Seara.

2.1 A IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO SUL DO BRASIL

Para a análise do *Kerbfest*, torna-se indispensável aprofundar as “origens” da festividade, isto é, problematizar os percursos que levaram ao seu surgimento no município de Seara. Como o *Kerbfest* pertence à etnia germânica, este capítulo é composto pela contextualização histórica sobre os alemães e seus descendentes, seus processos migratórios e de colonização da região sul do Brasil.

A colonização resultou de um processo de criação de programas ou projetos que visavam a subdividir grandes propriedades através de organizações públicas ou privadas, cujo povoamento dar-se-ia com a instalação de famílias de agricultores nos lotes demarcados. No local, estavam previstas atividades de assistência e supervisão das comunidades formadas pelos imigrantes e pequenos proprietários rurais (PIAZZA, 1994). Da colonização, surgiu o termo colono, pessoa responsável por tomar conta, mandar e cuidar da propriedade na qual estivesse instalada (BOSI, 1992).

O início da imigração alemã no Brasil ainda não está bem definido na historiografia, isso porque provém de uma longa data seguida de várias ondas, com fluxos diferenciados. Os

alemães fizeram-se presentes desde a instalação das primeiras colônias em 1818, na Bahia, posteriormente em Nova Friburgo no Rio de Janeiro em 1819; porém, estas colônias não foram bem-sucedidas, pois os imigrantes se dispersaram (SEYFERTH, 1999).

Acerca do momento da imigração, Willems (1946, p. 47) define que “[...] o povoamento sistemático do Brasil meridional com imigrantes germânicos iniciou-se em 1824. O seu número também é bastante impreciso devido às constantes redefinições territoriais europeias. E, nesse caso, o autor cita que os imigrantes de língua alemã (entendido como austríacos, poloneses, russos e suíços) nos anos de 1886 a 1936 totalizavam 280 mil indivíduos.

Nesta pesquisa, os imigrantes alemães serão compreendidos de acordo com as definições de Willems (1946): “falantes da mesma língua”; afinal, os processos de imigração iniciaram em período anterior à unificação da Alemanha, isto é, eram fluxos migratórios antecedentes a uma “Alemanha propriamente dita” mas que se estenderam no período posterior ao surgimento do moderno estado germânico.

A quantidade de imigrantes não possuía tamanha representatividade no processo de imigração alemã da primeira metade do século XIX; contudo, houve uma constância após 1850 principalmente na região sul do Brasil, decaindo na década de 1930 (SEYFERTH, 1999). Esse período foi delimitado como as três fases da imigração alemã no Brasil.

A primeira fase, entendida por Jorge Luiz da Cunha (2006) como sendo o período entre os anos de 1824 até 1830, foi marcada pela necessidade de o governo imperial criar uma classe média brasileira. Essa classe deveria desenvolver-se na policultura e abastecer as cidades que estavam se expandindo (CUNHA, 2006). O interesse imperial também pairava sobre o fim do tráfico de escravos e a concessão de pequenas colônias de terras para proprietários imigrantes que utilizassem sua própria força de trabalho. Logo, os poucos escravos que trabalhavam em áreas que não estavam diretamente ligadas ao mercado externo migraram para áreas da prática da monocultura; assim, substituiu-se a força de trabalho do escravo pela do imigrante na produção de gêneros alimentícios (CUNHA, 2006).

Além disso, as citadas pequenas colônias de terras eram distribuídas às unidades familiares com um tamanho inicial de aproximadamente 75 hectares de terras, sendo paulatinamente reduzidas em seu tamanho para 25 hectares na segunda fase do processo migratório (SEYFERTH, 1999). Essas colônias tinham como finalidade ocupar as áreas chamadas devolutas (conhecidas como “vazios demográficos”), privilegiando um sistema de trabalho com mão de obra familiar. E as regiões que receberam esses imigrantes na primeira fase foram: São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara das Torres (CUNHA,

2006), no Rio Grande do Sul; São Pedro de Alcântara e Mafra, em Santa Catarina; e Rio Negro, no Paraná (SEYFERTH, 1999). Além das concessões de terras, foram ofertadas aos imigrantes ferramentas e subsídios para desenvolverem o trabalho agrícola.

Um aspecto a ser considerado nesse contexto são as preocupações em conseguir soldados para defender a independência do país contra as exigências portuguesas sobre a colônia. Tal incumbência ficou a cargo do major Von Schäffer que foi a Corte de Viena buscar apoio, e mais tarde, a Hamburgo (1824-1826) e a Bremen (1826-1828), onde, sob sua supervisão, embarcariam cerca de 4.500 pessoas, entre soldados e agricultores alemães.

Bremen, com o intuito de melhorias em seu porto, estreitou relações com o Brasil e selou um tratado de comércio. Em seguida, foi constituída uma agência para a contratação de colonos e soldados (CUNHA, 2006). Destaca-se que, com a Lei de Orçamento de 1830, o Império aboliu todas as despesas com a colonização (CUNHA, 2006). Posteriormente, devido ao fim do apoio imperial para a colonização aqui no Brasil, a situação econômica se agravou com a guerra civil (a Revolução Farroupilha) que se estendeu por 10 anos, dando fim à primeira fase da colonização (SEYFERTH, 1999).

Desde a vinda dos imigrantes da primeira fase, o teuto-brasileiro já esteve presente no país; porém, foi nesse primeiro processo que essa identidade ganhou vigor. Em seus estudos, Seyferth (1981) cita que a noção de “nacionalidade” esteve diretamente ligada “ao sangue” e que a ideia de “cidadania” esteve relacionada “ao solo”; assim, ambos os conceitos uniram-se e formaram uma “identidade”.

Um teuto-brasileiro não poderia ser caracterizado como alemão, pois não nasceu na Alemanha; contudo fez uso de sua língua e de vários elementos de sua cultura, não se sentindo brasileiro por completo; sobretudo, porque sua cultura era distinta da dos demais brasileiros que moravam nas proximidades (SEYFERTH, 1981). Percebe-se, ainda, que o teuto-brasileiro queria exercer seus direitos como cidadão brasileiro, como o direito a terra, ao voto, à educação, à liberdade de culto etc. Dessa forma, o teuto-brasileiro é um descendente de alemães e essa descendência pode ser distante ou não, pois o elemento formador do prefixo “teuto” está ligado ao sentimento de pertencimento a uma cultura que se difere e, ao mesmo tempo, assimila alguns elementos culturais do seu sufixo “brasileiro” (SEYFERTH, 1981).

Apesar da crise no império com a Lei do Orçamento e a Revolução Farroupilha, ainda havia uma ambição em trazer mais imigrantes para povoarem as terras “devolutas”. A solução encontrada foi estimular empresas privadas em proporcionar uma imigração espontânea, e também a criação de medidas legais para facilitar a entrada do imigrante futuramente (CUNHA, 2006). Enquanto isso, a Alemanha estava passando por um processo de unificação

a partir de 1840. Logo, a ideia de emigrar se relacionou com o desligamento da nação alemã, sendo vista de maneira negativa pelo Estado alemão. Com esse desligamento, o emigrante passaria a ser produtor e consumidor de produtos não alemães e, muitas vezes, de nações inimigas. Pensou-se, então, em incentivar os emigrantes a continuarem fazendo uso de produtos da indústria alemã, suprimindo, dessa forma, a falta de colônias pertencentes à Alemanha (CUNHA, 2006).

O consulado brasileiro na Alemanha, no ano de 1842, propagou a ideia de desviar os imigrantes alemães da América do Norte para a América do Sul, mais especificamente entre os rios da Prata e Paraná. O propósito era desenvolver economicamente a região sul do Brasil com os interesses econômicos nacionais da Alemanha (CUNHA, 2006). Em 1845, iniciou a segunda fase da imigração alemã; e esta se estendeu até 1889.

Em 1848 o governo sancionou a Lei Orçamentária, concedendo a cada província cerca de 26 mil hectares de terras devolutas que deveriam ser habitadas e trabalhadas por colonos. Contudo, somente em 1851 o governo do Rio Grande do Sul promulgou essa lei que garantia a distribuição gratuita de terras ao mesmo tempo em que foram se estruturando empresas coloniais da província (CUNHA, 2006).

Mesmo havendo apenas um agenciador legalmente encarregado de trazer imigrantes da Prússia para a província do Rio Grande do Sul, chamado Peter Kleudgen, emergiram outros; porém, farsantes interessados no agenciamento não somente nesta província, mas também em Santa Catarina e no Rio de Janeiro (CUNHA, 2006). A consequência foi que os colonos recém-chegados eram barrados nos portos por não trazerem consigo documentos legais. Esse tipo de acontecimento foi noticiado em vários jornais de circulação local e também reportado à Alemanha. Em 1854, foi cassado o contrato de Kleudgen, e este optou por retornar a Hamburgo e dedicar-se a outros negócios (CUNHA, 2006).

Mesmo sendo planejada desde 1838, a Lei de Terras foi promulgada somente em 1850. Dava acesso às terras devolutas, mas com restrições, pois era destinado somente um determinado lote de terra para cada família de imigrante. Assim, foi criado no Brasil um sistema econômico que separava proprietário de trabalhadores (CUNHA, 2006). Nessa lei, somente os imigrantes poderiam ter acesso à terra através da compra, interrompendo a concessão de terras gratuitas vigente na primeira fase da imigração. A política brasileira visava a instalar no país agricultores livres e europeus. As terras a eles destinadas situavam-se em regiões isoladas, ainda que em alguns casos estivessem próximas às capitais provinciais (SEYFERTH, 1999).

Necessitando de imigrantes, primeiramente o governo transferiu a responsabilidade de colonização às províncias e ao Ministério da Agricultura (SEYFERTH, 1999). O governo do Rio Grande do Sul em 1857 começou a premiar os agenciadores que traziam imigrantes legalizados com documentos assinados pelos cônsules brasileiros na Alemanha. Além disso, nesses documentos deveria constar a condição do imigrante, sendo elas: saudável, apto ao trabalho e sem dívidas com as leis de seu país de origem, não deveriam ser mendigos, nem moradores de asilos, nem mulheres solteiras sem a presença da família, ou prostitutas (CUNHA, 2006).

Segundo Cunha (2006), não demorou para que, a partir dessa iniciativa, surgissem uma série de especuladores e falsários dando golpes no Estado. Na tentativa de combater essas ações, o cônsul-geral do Brasil em Hamburgo sugeriu oferecer este dinheiro diretamente aos colonos que tomassem a iniciativa. Entusiasmado, o presidente da Província do Rio Grande do Sul prometeu aos colonos que receberiam 50 mil réis, incluindo transporte até a colônia escolhida para habitar. Percebendo o equívoco, o presidente avisou ao cônsul que o Estado não conseguiria arcar com as despesas, mas já era tarde demais. Com a finalidade de barganhas que o governo garantiu para trazer imigrantes legalizados, o cônsul de Hamburgo assinou contrato com Martin Valentin de Hamburgo e com Gustav Schmidt de Bremen para a introdução de 6 mil imigrantes no Brasil. O presidente da província protestou as ações alegando que não teria condições para pagar e acomodar tantos imigrantes em tão pouco tempo. Como medida, o Estado desautorizou as práticas do cônsul. Esse desfecho tomou as manchetes de Hamburgo e Berlim, o que dificultou, ainda mais, a vinda de imigrantes alemães para o Brasil (CUNHA, 2006).

Nesse período, em 1847, ocorreu a Revolta de Ibiacaba, quando colonos de diferentes nacionalidades rebelaram-se contra as precárias condições de trabalho nos cafezais de São Paulo. Essa revolta gerou uma série de denúncias à Alemanha e agravou a situação brasileira referente às migrações (SEYFERTH, 1999).

Como consequência dos escândalos, o ministro do comércio alemão retirou o Brasil da lista dos países confiáveis para os quais somente poderiam emigrar os prussianos e deixou de conceder espaço às transportadoras que realizavam as viagens migratórias. Em Berlim havia a propaganda de conscientização para a não emigração ao Brasil devido às péssimas condições pelas quais o colono se encontrava, principalmente nos cafezais de São Paulo. Porém, isso não impediu que continuasse ocorrendo a emigração (CUNHA, 2006).

Cunha (2006) cita que muitas petições de colonos alemães principalmente da região sul do Brasil foram enviadas à Alemanha com a finalidade de liberar mais emigrantes. Como

a Alemanha não ponderou, essa situação não mudou até 1890 (queda de Bismarck do poder). Então, na segunda fase da imigração atuaram as companhias particulares de colonização, as quais estiveram em todo o oeste catarinense. A iniciativa foi vantajosa ao Império, uma vez que diminuiu suas despesas com as demarcações das áreas coloniais e com o processo de instalação. A venda de terras foi um negócio lucrativo. Antes eram vistas como “vazias” ou “sem habitantes”, mas tornaram-se uma mercadoria nesse período. O colono realizava a compra a prazo e seu título de compra somente lhe seria entregue mediante a quitação da dívida. Já às empresas, cabia receber as terras do Estado, fazer as demarcações e as vendas (SEYFERTH, 1999).

Finalizando a segunda fase da imigração alemã, a província do Rio Grande do Sul foi explorada pela colonização alemã da seguinte forma, começava no leste,

[...] onde os contrafortes da Serra Geral que seguem em direção ao sul dirigem-se para o oeste afastando-se do Litoral, na altura das colônias de Torres e Três Forquilhas. Era interrompida por cerca de 60 km de grandes propriedades privadas e reiniciava com a Colônia do Mundo Novo, formando uma linha ininterrupta de colônias alemãs, oficiais e particulares, em direção ao oeste, que se estendia sobre Novo Hamburgo, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, São João do Monte Negro, Teutônia, Estrela, Santa Cruz, Germânia e Santo Ângelo até Santa Maria da Boca do Monte, numa extensão aproximada de 300 km. (CUNHA, 2006, p. 299).

Já em Santa Catarina a colonização efetuou-se, em grande parte, por meio das companhias colonizadoras. Uma empresa formada por Hermann Blumenau e Ferdinand Hackradt ocupou o médio vale do Itajaí. A Sociedade Hamburguesa de Colonização fundou Dona Francisca, atual Joinville, e se estendeu até Rio Negro. Em 1860, o governo assumiu a administração de Blumenau e também fundou Brusque. A companhia Hanseática de Colonização fundou Hammonia, atual Ibirama, em 1897. Essa empresa também construiu ferrovias que ligavam Joinville, Blumenau e Jaraguá do Sul e formou uma região com várias habitações germânicas (SEYFERTH, 1999).

A terceira fase da imigração alemã ocorreu em todas as áreas do sul do país, por tratar-se de um período posterior à Primeira Guerra Mundial; mas, relacionou-se com a exploração do sertão catarinense e a delimitação do oeste de Santa Catarina.

2.2 A COLONIZAÇÃO E IMIGRAÇÃO TEUTO-BRASILEIRA NA REGIÃO DE SEARA/SC

Na região do Alto Vale do Uruguai, no oeste catarinense, encontra-se o município de Seara. Para compreender a imigração alemã desta região, foram analisados seu passado geográfico, social e econômico do período colonial ao atual.

Iniciando a análise por uma perspectiva das fronteiras geográficas, Heinsfeld (1996) aponta que as disputas territoriais entre Espanha e Portugal do período colonial, estiveram também no Brasil e na Argentina no século XIX. O autor apresenta a questão das disputas seguidas de acordos entre os reinos sobre os territórios americanos, inicialmente com o Tratado de Tordesilhas e, posteriormente, com o Tratado de Madrid em 1750, delimitando como fronteira ao sul, no atual estado catarinense, os rios Peperi (deságua no rio Uruguai) e Santo Antônio (afluente do rio Iguaçu).

Ainda segundo Heinsfeld (1996), tanto habitantes da colônia espanhola quanto espanhóis ficaram descontentes com este último acordo. Reafirmaram, então, um novo tratado: o de Santo Ildefonso, em 1777. No entanto, as comissões demarcatórias encontraram dois rios mais ao leste: um que deságua no Uruguai, o atual Rio Chapecó, e um afluente do Iguaçu, atual Rio Jangada. O autor argumenta que houve um interesse por parte dos espanhóis em conquistar as terras ao leste. Para Heinsfeld (1996), após a Proclamação da República em 1890, os ministros de relações exteriores Quintino Bocaiúva (brasileiro) e Estanislao Zabellos (argentino) negociaram em Montevidéu um tratado que ligasse os rios Chapecó à foz do rio Chopim, entregando esta região à Argentina.

Esses embates entre Argentina e Brasil foram apresentados por Heinsfeld (1996) como “Questão de Palmas” para os brasileiros e “Questão de Misiones” para os argentinos. Segundo o autor, em 1891 a Câmara dos Deputados colocou em votação um parecer de rejeição do tratado e este foi aceito. E coube ao então presidente dos Estados Unidos da América (Grover Cleveland) julgar a questão. Esta foi sentenciada em favor do Brasil no ano de 1895, e um território de 30.621 Km² foi destinado para os brasileiros, havendo delimitação das fronteiras entre os rios Peperi e Santo Antônio.

Compreendidos os limites ao oeste, parte-se a um estudo das fronteiras que delimitam o norte e o sul da atual região oeste. E essa delimitação resultou de uma disputa entre as províncias de Santa Catarina e Paraná e ficou conhecida como Contestado, segundo Machado (2004). As terras que compreendiam a província de Santa Catarina em 1820 se estendiam de Lages até o litoral. A partir de 1853, a área ao oeste de Lages pertencia ao Paraná. Além disso, Machado (2004) mostra que, em 1879, foi feita uma jurisdição provisória que determinava o Rio do Peixe como limite do oeste catarinense, viabilizando a implantação dos municípios de Curitiba e Campos Novos.

Valentini (2009) acrescenta que no século XX as províncias catarinenses e paranaenses eram ricas em erva-mate representando importante fonte de renda extrativista para o país. Esse fator, para Machado (2004), foi um agravante na disputa dos territórios ao oeste. De acordo com o autor, houve consenso entre as elites políticas locais com o ex-governador Lauro Müller em auxiliar para que a questão de limites ganhasse projeção nacional. Machado (2004) explica que, devido aos interesses econômicos e territoriais, ocorriam muitos ataques tanto catarinenses quanto paranaenses. Estes cessaram em 1916, quando o coronel Felipe Schmidt, primo de Lauro Müller, aceitou a proposta do então presidente da República, Venceslau Brás, delimitando a região através de um acordo entre os estados assinados pelos governadores do Paraná e de Santa Catarina. Segundo o autor, o estado catarinense ficou com toda a área norte do território Contestado, com os limites os rios Negro e Iguazu avançando ao oeste até a fronteira com Argentina.

Compreendendo a situação geográfica relacionada às fronteiras do estado catarinense, volta-se o olhar para a população que habitava na região oeste. De acordo com Machado (2004), no século XVII a margem esquerda do rio Iguazu era habitada por índios e caboclos. No século XIX ocorreram ocupações ao oeste, fazendo uma ligação entre Sorocaba e as regiões das Missões por meio dos caminhos das tropas de muares. Assim, para o autor, a região oeste passou a ser composta por indígenas, caboclos e grandes proprietários de terras provenientes do Rio Grande do Sul e do Paraná. Ademais, na região as levas de imigrantes europeus anteriores a 1900 eram numericamente menos significativas (MACHADO, 2004).

Durante as disputas sobre o território contestado, houve a construção de uma ferrovia que ligava Rio Grande do Sul a São Paulo, atravessando o estado catarinense. De acordo com Valentini (2009), esta ferrovia iniciou em 1910 a cargo da empresa estadunidense *Brazil Railway Company*, que subsidiou a empresa *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*. Esta última com interesses na extração madeireira e venda das chamadas “terras devolutas” a imigrantes. Os trilhos que ocupavam o território catarinense partiam de União da Vitória, no Paraná, até Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul; nessa travessia, em uma distância aproximada de 20 A 30 km, existiam instalações ferroviárias onde principiaram pequenos povoados (VALENTINI, 2009).

Valentini (2009) aponta que em 1909 houve a autorização, feita pelo governo do Paraná, para demarcação de “terras devolutas” dos rios Rancho Grande, Engano, Peperi e Uruguai (terras que, na época, ainda pertenciam ao governo paranaense). Esta demarcação abrangia terras dos atuais municípios de Joaçaba, Capinzal, Campos Novos e Concórdia. O

autor relacionou o fato de as colonizadoras possuírem origem no Rio Grande do Sul com a possibilidade da chegada de teuto e ítalo-brasileiros gaúchos (VALENTINI, 2009).

Valentini (2009) traz em seu trabalho projetos executados pela *Southern Brazil Lumber & Colonization Company* entre os anos de 1915 a 1920. Nesta pesquisa, destacam-se os projetos das colônias Rancho Grande e Rio Engano (Colônia Concórdia) de 1917; contudo, outras colonizadoras atuaram nessas áreas posteriormente. Outro projeto percebido foi o da Sociedade Territorial Mosele, Eberle, Ahrons & Cia que também atuava no Rio Engano e da mesma forma negociada por outras colonizadoras, mas que foram vendidas apenas em 1930. Estes dois projetos observados na pesquisa de Valentini (2009) são relevantes, pois correspondem à base geográfica do atual município de Seara.

Pertencente ao município de Concórdia, Seara surgiu primeiramente como um vilarejo, habitado por imigrantes gaúchos que viram suas terras esgotadas e limitadas para o número crescente das famílias agricultoras. Em sua maioria, as famílias que se deslocaram eram numerosas e buscavam quantidade e qualidade de terras para a estabilidade financeira de seus filhos (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004).

Uma das principais características do movimento migratório é seu processo de estímulo que pode ser atrativo e expulsor (FRANZINA, 2006). Nesse caso, conforme destacam Gonçalves, Manfroi e Nardi (2004), os estímulos foram tanto de atração às “novas terras” a serem cultivadas para garantir melhores condições de vida, quanto um estímulo expulsor de sua antiga região, onde não encontravam mais terras para trabalho, pois esta já estava demasiadamente ocupada.

O reconhecimento da região da atual sede de Seara ocorreu em 1923. No ano seguinte, iniciou-se o processo de colonização; porém, a fixação dos colonos ocorreu com maior intensidade a partir de 1927. Por fim, Seara emancipou-se de Concórdia em 03 de abril de 1954 (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004). Na região atuaram, além da Mosele, Eberle, Ahrons e Cia, as seguintes empresas colonizadoras: Luce, Rosa & Cia e Rio Branco. Suas concessões diferiam de tamanho, (como mostra a Ilustração 1), e 5,4298 ha ficaram destinadas para Mosele, Eberle, Ahrons e Cia; 43,1148 ha para Luce, Rosa & Cia e 41,2921 ha para Rio Branco. Tais empresas não venderam seus lotes apenas a imigrantes gaúchos como também a europeus (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004), e fazem parte também da terceira fase da imigração alemã.

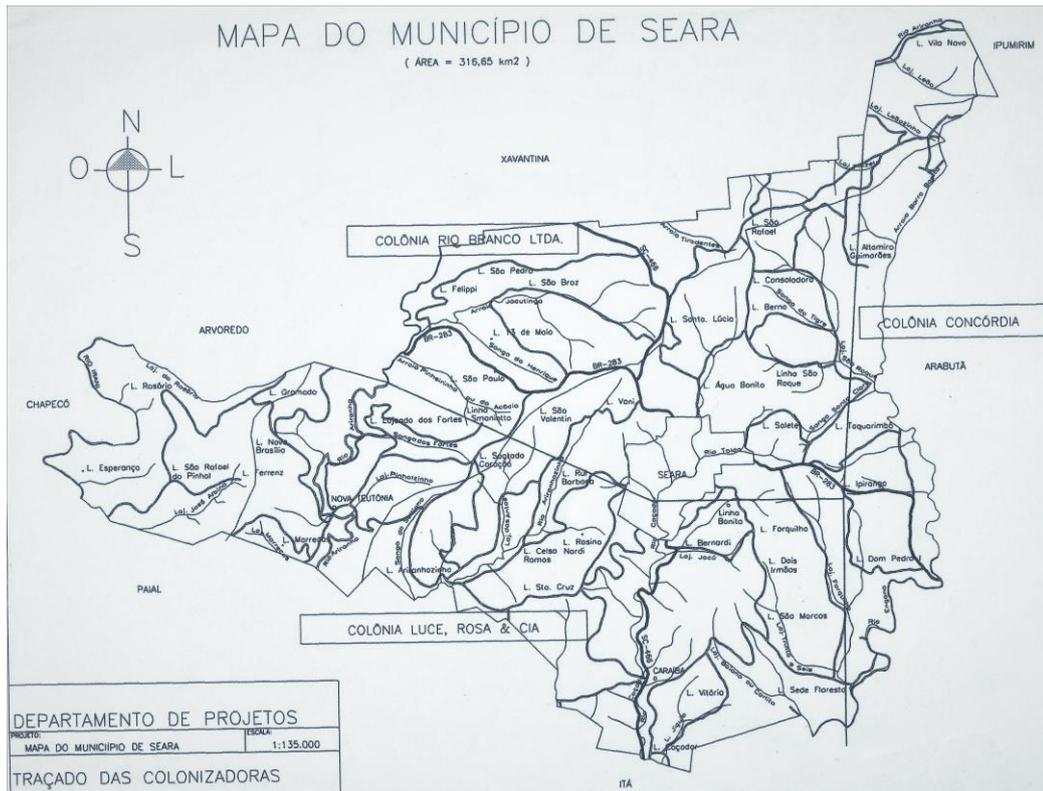


Ilustração 1 – Mapa atual de Seara/SC com as demarcações das empresas

Fonte: Prefeitura Municipal de Seara (2019).

Embora o foco deste capítulo seja a chegada de alemães e teuto-brasileiros a Seara, é importante salientar que a maioria dos imigrantes da região era composta por italianos e ítalo-brasileiros. Tanto que a primeira denominação do município foi Nova Milano, fazendo referência à Milão, na Itália (GONÇALVES; MANFROI; NARDI, 2004).

Além de ítalos e teuto-brasileiros, outras etnias habitavam a região. Segundo Gonçalves, Manfroi e Nardi (2004), os índios Kaingangs ocupavam as margens do Rio Uruguai e seus afluentes, neste caso, o Rio Caçador, que percorre o município de Seara. Para Lori Altmann (2007), os imigrantes depararam-se com os Kaingangs assim que chegaram à região. Todavia, apenas em 1990 a Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAÍ) enviou à Procuradoria da República em Santa Catarina um ofício declarando a presença de povos Kaingangs nas áreas que seriam atingidas pela construção da Usina Hidrelétrica (UHE) de Itá/SC. Ou seja, na história oficial do município, pouco se registrou sobre este grupo étnico. Segundo a autora: “Não há registros mais explícitos por 60 anos” (ALTMANN, 2007, p. 208).

Sobre a população cabocla a historiadora searaense Ivone Nardi, em entrevista ao jornal Folhasete, destacou que muitos são os registros dos posseiros: “[...] através de seus sobrenomes, leva a perceber que já haviam famílias estabelecidas na região, como os

sobrenomes Rosa, Lemes, Gonçalves, Costa, Silva, Prado, Rodrigues, Souza, Morais, Soares, Oliveira e Bueno” (PISCHKE, 2005, p. 1).

Fundamentando seus argumentos, a historiadora apresentou na matéria do jornal um registro de nascimento de Dorvalina Lemes da Rosa, nascida em Seara em 1906, ou seja, em data anterior aos processos oficiais de colonização da localidade em questão (PISCHKE, 2005). Neste caso, pensar a população teuto-brasileira de Seara, é considerar que esta etnia é uma minoria colonizadora em termos demográficos e não sociais. Também a referida etnia fora vista como aquela que traria o desenvolvimento econômico regional. Essa afirmação foi relatada por José Arthur Boiteux, que registrou a viagem do governador Adolfo Konder à região em 1929:

De Catanduvas fomos a Coração, Irany e Ponte Serrada, do município de Cruzeiro. [...] Influenciados pela constante corrente emigratória que procede do Rio Grande do Sul – e os novos colonos para as glébas catarinenses, já são todos nascidos no visinho Estado sulino, descendentes de italianos e alemães, toda uma gente forte e decidida, disposta ao trabalho, levando áquelles rincões, até ha pouco incultos por abandonados, a prosperidade e riqueza. (BOITEUX, 2005, p. 87).

Esse relato sustenta o ideal de progresso econômico relacionado às etnias europeias que iniciavam a colonização das terras do oeste do Estado de Santa Catarina. Portanto, compreendeu-se a comunidade teuto-brasileira de Seara não como marginalizada, mas, sim, como um pequeno grupo populacional.

Contudo, ainda há comunidades no município onde se encontram populações teuto-brasileiras e alemães, como no distrito de Nova Teutônia, em referência à cidade de Teutônia/RS colonizada por imigrantes alemães (ALTMANN, 2007). Altmann, em sua tese, entrevistou alguns moradores desse distrito que relataram que seus antepassados alemães vieram refugiados da Primeira Guerra Mundial, ou que vieram para o “novo lugar” devido ao esgotamento das terras no Rio Grande do Sul. A colônia existe desde 1922, e a companhia colonizadora que tratou de imigrar a população foi a Luce, Rosa & Cia, com sede em Porto Alegre/RS (ALTMANN, 2007).

As terras comercializadas por essa companhia localizavam-se no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e cada lote vendido media aproximadamente 25 ha. Tal empresa possuía escritórios em Barro (atual Gaurama), Passo Fundo e Santa Maria, no Rio Grande do Sul. No oeste catarinense, colonizou os atuais municípios de Itá, Seara e parte de Chapecó, sendo fundadas até 1921 as seguintes colônias: Barra Grande, Irany, Uvá, Poço Rico, Nova Santa Cruz, Nova Teutônia e São Raphael (ALTMANN, 2007).

Na década de 1910, as propagandas eram geralmente escritas em alemão e veiculadas de duas maneiras: nas estações de trem entre Santa Maria e Marcelino Ramos e nos jornais lidos por colonos da época. O intuito era atrair famílias para a compra de terras. As propagandas atravessaram o Atlântico e chegaram às mãos de alemães, os quais observavam nas folhas mapas com traçados de estradas, inclusive uma ferrovia, esta que, na verdade, nunca chegou a ser construída (ALTMANN, 2007). Nas palavras de Callais (1993), quando uma família de alemães (os Plaumann) chegou ao escritório da empresa Luce, Rosa & Cia, percebeu que a ferrovia retratada no mapa da empresa na Alemanha não existia e que sequer havia um projeto de construção dela.

De sua fundação, em 1888, até o ano de 1915, a empresa Luce, Rosa & Cia. demarcou terras, abriu estradas e linhas com topógrafos e agrimensores vindos da capital gaúcha de onde residiam os empresários Sr. Adolfo Guilherme Luce e Dr. Thimótheo da Rosa. E visava a formar núcleos de mesma origem, costumes e religião, povoando regiões com origens exclusivamente germânicas e outras italianas. No estado catarinense, as colônias alemãs eram Nova Santa Cruz, Uvá, Poço Rico, Monte Alegre, Barra Grande e Nova Teutônia que hoje se localizam nas atuais cidades de Itá, Seara e Chapecó (ALTMANN, 2007).

A compra das terras era feita mediante um sinal com mais três parcelas com juros de 6% ao ano; porém, se a dívida não fosse quitada dentro de um ano, as terras poderiam ser destinadas a outros colonos interessados por ela. Os colonos também eram obrigados a ceder suas terras para a abertura de estradas, sendo eles próprios que auxiliavam nesse processo; quando isso ocorria, o valor do lote também aumentava (ALTMANN, 2007).

Ao comprador cabia todas as despesas referentes a compras, vendas, impostos e escrituração. Não poderia vender suas terras antes que estas fossem quitadas; e, caso elas fossem abandonadas, dificilmente a empresa devolvia o valor pago pela propriedade, contrariando o que fora prometido nas propagandas (ALTMANN, 2007).

A empresa Luce, Rosa & Cia também encarregava um representante para cada colônia. E cada representante deveria informar à empresa sobre problemas encontrados com terras e também instalar vendas para a circulação de produtos não cultiváveis na região e mercadorias industrializadas, por exemplo (ALTMANN, 2007).

A localidade de Nova Teutônia foi uma das primeiras regiões habitadas por colonizadores europeus em Seara. Contribuiu para o comércio e cultura local a Casa da Viúva Nute, de propriedade de Amália de Coert – nasceu em Teutônia/RS e veio com seus pais para Nova Teutônia com os primeiros imigrantes, sendo os “primeiros moradores” da região. Amália casou-se com Willi de Coert em 1930; porém, enviuvou em 1945. A casa em que

morava com seu marido, construída em 1935, foi ampliada em 1952 e serviu de hospedaria para os tropeiros e viajantes que vinham do Rio Grande do Sul com destino ao oeste catarinense e sudeste paranaense. Além de pouso aos viajantes, havia pastagem e descanso para os animais. Preocupando-se com o lazer e bem-estar, Viúva Nute (como passou a ser chamada) construiu uma cancha de bocha, uma prancha de bolão e um salão para realizar bailes com músicos da comunidade (ALTMANN, 2007). Hoje esta propriedade está sob a guarda municipal e abriga o museu do imigrante alemão, onde são preservados vários elementos culturais da imigração local.

Além desta casa, havia outras instituições, como a Associação Alemã dos Homens Cantores (*Männergesangverein*) de Nova Teutônia e um Grupo de Danças já extinto. A língua alemã também é uma importante contribuição cultural, por ser bastante utilizada em ambiente doméstico e considerada a língua materna para alguns idosos da comunidade (ALTMANN, 2007). A língua é um elemento vital que expressa afetividade entre os moradores, carregado de valores simbólicos e de espaços de memória, conforme se perceberá no próximo capítulo deste estudo.

Uma importante contribuição cultural e científica para o município foi o alemão Fritz Plaumann que migrou como refugiado da Primeira Guerra Mundial e chegou a Nova Teutônia em 1924. Trouxe, em sua bagagem, vastos conhecimentos sobre biologia, química, astronomia, botânica e agronomia, além de alguns bens materiais que conseguiu trazer da Prússia Oriental arrasada pela guerra. Quando ele e seus pais chegaram às terras compradas, aprenderam a caçar, pescar e sobreviver em geografias desconhecidas, com escassos recursos e muita mata fechada. Lidar com doenças também foi desafiador, pois, segundo um trecho do diário de Plaumann, relatou Spessatto (2001), muitas pessoas haviam morrido de tifo, epidemia que assolou a região. Essas dificuldades podem ser atreladas aos demais imigrantes da região; isso porque vieram em situações economicamente semelhantes, isto é, pobres, com poucos recursos, buscando um recomeço (ALTMANN, 2007).

Plaumann registrou e classificou muitos animais que coletou na região. Mantinha contato com cientistas brasileiros e de outras localidades – como: Alemanha, Inglaterra, Iugoslávia, Suécia, Estados Unidos, Áustria, Canadá e França –, com os quais trocava correspondências com fotografias, dedicatórias, resultados de análises e algumas espécies, a fim de ampliar os horizontes do conhecimento científico. Algumas espécies receberam nomes científicos em sua homenagem, por exemplo, a *Gyretes plaumanni* (LUBENOW, 2015). Capturou vários animais, dentre eles: “[...] abelha, saúva, cupins, macaco, veado, cotia, raposa, paca, tapeti, quati, irara, gato do mato, corvo preto, urubu preto, branco ou rei, uru,

baitacas, pombos, tucano, saracura, falcões, açores, cobras (de diversos tipos) [...]” (ALTMANN, 2007, p. 159-160).

Sua obra foi marcada, sobretudo, pela coleta de espécies de borboletas. Elas consagraram seu trabalho como pesquisador, deixando-o conhecido como: “O Caçador de Borboletas”. Dentre a grande coleção organizada por ele, uma fêmea em especial da espécie *Morpho Anaxibia* (Nymphalidae) ganhou destaque, tornando-se inclusive um dos símbolos municipais de Seara (ALTMANN, 2007).

Pelo seu trabalho científico, Plaumann recebeu várias homenagens como: “Medalha do Mérito Anita Garibaldi; Título de Mérito Universitário pela Universidade Federal de Santa Catarina; Medalha do Mérito Cultural Cruz e Souza e a Grã Cruz de Mérito da Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha” (LUBENOW, 2015, p. 9). Além das atividades entomológicas, Fritz Plaumann foi professor, comerciante, fotógrafo e chegou a ser um representante da colonizadora Luce, Rosa & Cia em Nova Teutônia (ALTMANN, 2007). Em colônias habitadas por imigrantes e escassas de recursos financeiros, é comum o prestígio de pessoas que têm conhecimento das letras para ensinar e realizar cerimônias.

Como mencionado anteriormente, Nova Teutônia não é a única localidade de Seara em que ocorreu a imigração alemã ou teuto-brasileira. No livro autobiográfico de Biagio Aurelio Paludo, o primeiro prefeito de Seara, há uma passagem em que deixa claro outra região como uma colônia alemã: “Passada a fase ruim, com um maior afluxo de colonos para a região e como eu peguei a freguesia da colônia alemã que estava colonizando entre Nova Milano [Seara] e Concórdia, o negócio começou a melhorar” (PALUDO, 1985, p. 36).

Para compreender este outro território mencionado, é necessário analisar a composição geográfica em tempos de colonização. Concórdia abrangia os atuais municípios de: Seara, Arabutã, Lindóia do Sul, Xavantina, Ipumirim, Itá, Arvoredo, Ipira, Peritiba e parte de Irani (DRIEMEIER, 2002).

Com o decorrer dos anos, esses municípios foram se emancipando e formando fronteiras geográficas. De acordo com Heinsfeld (2016), as fronteiras são construções da história humana; portanto, resultados das expressões sociais. Dessa forma, o autor complementa que as fronteiras não são fixas, mas dinâmicas, articuladoras, ora avançam, ora recuam. As fronteiras não são mais vistas como um componente gerador de conflitos, mas de aproximação de povos.

Assim, mesmo após a emancipação das pequenas vilas que faziam parte de Concórdia, há espaços que mantêm vínculos de parentescos e de trocas culturais ainda que habitem

próximo às fronteiras. Um exemplo é o município de Arabutã⁹ o qual possui sua colonização majoritariamente alemã (DRIEMEIER, 2002); porém, em sua fronteira com Seara, encontram-se picadas ou linhas onde habitam teuto-brasileiros. São elas: Linha Rio Engano, Linha Ipiranga, Linha Dom Pedro I, Linha Taquarimbó e Linha Três Fronteiras (que podem ser observadas na Ilustração 1). Neste caso, apesar de não ter esclarecido em seu livro, Biagio Aurelio Paludo fazia menção à região de Arabutã, que foi emancipada somente em 1991 (DRIEMEIER, 2002). Também há outras linhas fronteiriças com o distrito de Nova Teutônia onde se encontra esta população étnica, como: Linha Ariranhazinha, Linha Marrecas, Linha Gramado, Linha Nova Brasília e Linha Celso Ramos (exibidas na Ilustração 1).

No contexto temporal estudado, isto é, entre 1993 a 2005, Seara possuía uma população aproximada de 15.500 a 17.000 pessoas (IBGE, 2019). Na economia, destacavam-se a agroindústria e a pecuária. Primeiramente, com a presença de um moinho; mais tarde, com agroindústrias como a Seara Alimentos. E, no processo de industrialização dos municípios, ocorreu situação semelhante em várias cidades e regiões do país: o êxodo rural.

De acordo com Seyferth (1981), um dos efeitos da industrialização é o aumento do comércio, e o empenho de o colono em cultivar o que há de maior expressão comercial, além da necessidade do uso da língua portuguesa. Dessa forma, entre 1993 e 2005, Seara contava no meio rural com colônias alemãs que faziam uso de sua língua no cotidiano; já na área urbana, encontravam-se teuto-brasileiros adaptados com a industrialização, com sua língua e sua cultura voltadas mais ao âmbito familiar e religioso.

Portanto, a população teuto-brasileira de Seara é fruto de processos migratórios que deixaram a Alemanha já estabelecida como nação ou não, instalaram-se no estado gaúcho e, posteriormente, devido à escassez das terras migraram para Seara. E, além de imigrantes da primeira e segunda fase, em Seara havia os imigrantes da terceira fase, uma massa refugiada da Primeira Guerra Mundial que encontrara, assim como todos os imigrantes, um lugar para um recomeço.

E esse recomeço trouxe em sua carga: o passado, os valores, a cultura. Dentre esses elementos, está a religiosidade. Alberseim (1962) esclarece que, em tempo de colonização, o sacerdócio assumia papel importante na vida social das comunidades, pois encontravam nele o indivíduo conhecedor da natureza dos homens. Então, era a pessoa mais procurada para

⁹ Segundo Driemeier (2002), Arabutã/SC foi colonizada pela empresa Mosele, Eberle Arohns & Cia. Sua primeira nomenclatura foi Nova Germânia devido ao fato de seus imigrantes serem provenientes de Germânia/RS.

auxiliar a comunidade em assuntos individuais como educação, herança, contratos comerciais, escolha de cônjuges, organização de festa etc.

Além do sacerdócio, o devoto participante também exercia um papel importante. Nesta categoria, enquadravam-se desde o leigo que improvisava suas cerimônias até as lideranças da igreja que representavam sua comunidade no município e em outras regiões. Desempenhavam atividades como visitas em hospitais e lares, orações em setores de estudos bíblicos, organização administrativa e financeira da comunidade e da paróquia, e demais feitos que envolvem não somente fiéis e igreja mas também o município de Seara.

2.3 O LUTERANISMO EM SEARA

Como referido anteriormente, a religião constitui-se como um elemento importante para o teuto-brasileiro. Procurou-se, dessa forma, mostrar os processos que levaram à criação da comunidade luterana de confissão evangélica em Seara, comunidade esta que sediou o *Kerbfest*.

O luteranismo chegou ao Brasil como uma religião da imigração que veio com os imigrantes alemães e esteve vinculada com a etnicidade de grupos germânicos. Sua historiografia, segundo Jungblut (1994), corresponde à precariedade com o qual os imigrantes alemães ou teuto-brasileiros de devoção protestante praticavam sua religiosidade como acreditavam ser correta. Na falta de apoio eclesiástico, deixavam a religiosidade nas mãos de leigos, e faziam o possível para satisfazer a população, mas nem sempre alcançavam seu êxito. Esse fator foi determinante para que algumas comunidades arrecadassem meios para ter apoio de instituições luteranas da Alemanha (JUNGBLUT, 1994).

Segundo Jungblut (1994), as comunidades luteranas teuto-brasileiras preferiam a vinculação com as matrizes litúrgicas de seu país de origem. Esse interesse resultava na resistência em uma possível autonomia do luteranismo no Brasil. Com essas providências, gradativamente os pastores alemães migravam para o Brasil; dessa maneira, formaram-se algumas organizações eclesiásticas dos luteranos teuto-brasileiros. Mais adiante, as organizações tornaram-se mais centralizadas, o que possibilitou a criação do primeiro sínodo, chamado Sínodo Rio-grandense de 1886. Mais tarde, seguiu-se com o Sínodo Evangélico de Santa Catarina, Paraná e outros estados sul-americanos em 1905 (JUNGBLUT, 1994).

João Klug (1998) contextualiza a vinda do luteranismo no Brasil. Em seus estudos, mostra as sanções sofridas pelos luteranos no primeiro período da imigração, quando o Brasil tinha como religião oficial o catolicismo, e argumenta que o império precisava conviver com

as “heresias” trazidas pelo imigrante, ressaltando que isso era visto como ameaça para a estrutura da igreja católica nas regiões de imigração. O autor aponta que os imigrantes alemães não católicos eram vistos como cidadãos de “segunda categoria”. Seus matrimônios não eram reconhecidos; então, viviam em concubinato, o que trouxe problemas relacionados aos direitos de herança (KLUG,1998).

Klug (1998) apresenta que o governo catarinense, entre 1850 a 1859, não apoiava a prática do protestantismo e chegou a demitir professores alemães luteranos, julgando sua moral como sendo “perigosa”. Além disso, o autor trouxe dados que mostravam que padres somente realizavam casamentos mistos se o casal assinasse um termo de que seus filhos seriam educados na religião católica.

Segundo Klug (1998), mesmo com o advento da República no Brasil, havia ainda resquícios de intolerância religiosa herdada do período imperial. É possível citar, como um dos vários exemplos trazidos pelo autor, as atitudes dos padres que, por volta de 1909 na atual cidade de Apiúna/SC, não permitam dar a comunhão para jovens que frequentassem escolas luteranas.

Entretanto, o embate não estava apenas entre católicos e luteranos. Os protestantes teuto-brasileiros do início do século XX passaram a dispor de duas modalidades doutrinárias distintas: uma instituição que recebia apoio missionário dos Estados Unidos da América, no Sínodo do Missouri, tendo princípios missionários e transétnicos; e outra instituição que defendia para além de seus propósitos eclesiais o culto à germanidade. A primeira, discordando do luteranismo alemão, fundou seu próprio sínodo – o Sínodo Evangélico Luterano do Brasil; já a segunda concebia a religiosidade como indissociável da cultura e etnia alemã. E, entendendo essa associação de religiosidade e etnia, os luteranos, em seus primórdios, não praticavam o trabalho missionário (JUNGBLUT, 1994).

O culto à germanidade e a sua condenação foram duas posições que dividiram durante décadas as comunidades teuto-brasileiras. Porém, na década de 1930, com a política de nacionalização do presidente Getúlio Vargas em vigor, o culto à germanidade passou a ser perseguido, e as celebrações eram impedidas de acontecer na língua alemã. Abandonando o culto à etnia, os luteranos passaram a autonomizar-se gradativamente, resultando numa reestruturação institucional eclesial. Criou-se uma “Federação Sinodal”, que mais tarde passou a ser chamada de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) em 1949. Para além dessa mudança, a IECLB inclinou-se a lutar por reformas políticas e sociais no Brasil defendendo inclusive a Teologia da Libertação (JUNGBLUT, 1994).

No início da colonização da região da atual Seara, as agências colonizadoras contratavam os serviços pastorais, um fator positivo para as propagandas destinadas aos colonos, pois apresentavam assistência religiosa. Muitos pastores faziam atendimento deslocando-se a cavalo, pousavam em casas de famílias e, até mesmo, praticavam a agricultura de subsistência com seus familiares. E algumas localidades não possuíam pastores ordenados; dessa maneira, era selecionado um colono leigo para se encarregar dos assuntos eclesiásticos e muitas vezes também da educação das crianças (ALTMANN, 2007).

A IECLB de Seara tinha como sua paróquia, até 1999, o distrito de Arabutã chamado Nova Estrela. Foi colonizado por imigrantes oriundos de Estrela/RS e de Lageado/RS, além de alemães e romenos. Primeiramente, a comunidade construiu um templo que tinha funcionalidade de escola e igreja, sendo Jorge Häefliger o pastor e professor escolhido pela comunidade. Posteriormente, em 1934 ocorreu o primeiro culto, que foi realizado, num galpão, pelo pastor ordenado Heinrich Brakemeier. Contudo, a primeira igreja foi inaugurada somente no dia 24 de outubro de 1938, cujo sínodo era o rio-grandense e sua paróquia na época localizava-se na cidade de Erechim/RS (ALTMANN, 2007). Nesse período, essas comunidades religiosas eram denominadas “evangélicas alemãs” e sofreram grandes repressões e perseguições por parte do Estado cuja maioria era católica. Essa repressão ocorreu devido aos acontecimentos internacionais – isto é, a Segunda Guerra Mundial, visto que o Brasil se posicionava contrariamente ao país alemão – e nacionais, com a política de nacionalização implantada pelo então presidente Getúlio Vargas. Assim, muitas igrejas continuavam seus cultos clandestinamente, em casas onde não possuíam torres nem sinos. As restrições iam além, pois não era permitido o uso da língua alemã para as celebrações e todos os pastores deveriam ser brasileiros (ALTMANN, 2007).

Devido ao grande fluxo de imigrantes do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, a criação de um sínodo que atendesse região do Alto Uruguai foi trazida para debate. Em seguida, em 1968, criou-se o Distrito Eclesiástico do Uruguai (DEU). Tal distrito inclinou-se às causas sociais e econômicas da população, manifestando, mais tarde, apoio aos atingidos por barragens e aos sem terras. As metas missionárias pelas quais o DEU estava engajado priorizavam a formação eclesiástica popular. Esse distrito era composto por nove paróquias 102 comunidades e 6.800 famílias atendidas por dez pastores e quatro pastoras além de vários colaboradores leigos. Estes últimos eram lideranças que atuavam no Culto Infantil, no Ensino Confirmatório, nos Grupos de Jovens, na Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE), em grupos de estudos bíblicos, em visitas em hospitais e a idosos, em cultos, no

presbitério e em outras atividades comunitárias. Essa formação de leigos ocorria em finais de semana, na área distrital (ALTMANN, 2007).

Mais tarde o DEU centralizou-se e criou o Sínodo Uruguai (ALTMANN, 2007) que atualmente abrange as cidades de: Alto Bela Vista, Arabutã, Concórdia, Chapecó, Cunha Porã, Ipira, Joaçaba, Luzerna, Maravilha, Mondai, Palmitos, Piratuba, São Miguel do Oeste e Seara em Santa Catarina, e Erechim, Erval Seco, Iraí e Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul (PARÓQUIAS, 2019).

Primeiramente, o município de Seara possuía apenas um ponto de pregação, e o pastor vinha da paróquia de Nova Estrela, distrito de Arabutã.

Em entrevista¹⁰, realizada na cidade de Itá, no dia 02 de março de 2020, com L. D. A. (2020), com 71 anos, membra da IECLB foi recordado como ocorreram os primeiros encontros religiosos e onde foi o primeiro ponto de pregação:

O primeiro era nas casa, em volta. E depois era no nosso porão. Lá onde foi desmanchado a casa. [...] Casaram no nosso porão. Tinha vários batizados, a filha da minha irmã... Mas foram feito um monte de coisa lá na nossa... E o pessoal vinha nos culto! Meu tava cheio aquele porãozinho sempre. Eu não me lembro bem dos pastor, mas tinha vários pastor. Eles moravam em Nova Estrela aquela vez, porque era de Nova Estrela a paróquia.

Improvisadamente, os cultos e os rituais (casamento ou batismo) eram realizados no porão da casa de L. D. A. (2020). A comunidade luterana de Seara foi fundada no dia 27 de dezembro de 1976, segundo consta em ata (IECLB, 2007, p. 37), tendo como membros fundadores: Werno Ermindo Becker, Orides Barrionuevo, Erni Mário Lohmann, Lauro Manerov e Irineu Kilpp. A primeira diretoria eleita foi constituída pelos seguintes membros: presidente: Werno Ermindo Becker, brasileiro, casado e comerciante; secretário: Orides Barrionuevo, brasileiro, casado, motorista; tesoureiro: Erni Mário Lohmann, brasileiro, casado, industriário; Conselho Fiscal: Lauro Manerov, brasileiro, casado, industriário; Irineu Kilpp, brasileiro, casado, comerciante.¹¹

Diante destes dados, conclui-se que a comunidade não era composta somente pelos membros citados, mas sim por suas esposas e, possivelmente, seus filhos, além de outros

¹⁰ As pessoas entrevistadas por Sandra Kuester, moradoras de Itá ou de Seara, terão seu nome e o de seus familiares mantidos em sigilo e serão identificadas por siglas. Isso vale também para os nomes dos pastores e das pastoras que atuaram na festividade. No total, foram cinco entrevistados entre os dias 7 e 12 de março de 2020. Foram mantidos os relatos originais sem qualquer correção; portanto, devem ser desconsiderados os desvios da norma culta.

¹¹ Informação extraída da Ata do dia 02 de dezembro de 2007. A fim de melhor identificar as fontes consultadas no arquivo físico da comunidade luterana de Seara, as datas das atas citadas constarão em nota de rodapé.

membros que não compunham o presbitério. Exercer essa função era importante para a comunidade, e, conseqüentemente, para o *Kerbfest*; afinal – segundo as atas de reunião da comunidade – era o presbitério que organizava todas as festividades.

Segundo Emílio Voigt (2010), a palavra “presbítero” tem origem bíblica, cujo significado é: “a pessoa mais velha”. Contudo, esse nome possuía duas interpretações. Também poderia ser entendido como “líder de um grupo”. Isso se explica no Antigo Testamento, onde os anciãos eram os que possuíam cargos políticos, militares e judiciais.

Segundo Emílio Voigt (2010), na IECLB, o presbitério guia a paróquia ou comunidade, organiza e supervisiona atividades missionárias, diaconais e administrativas de sua área; e, a cada ano, precisa prestar contas em uma assembleia geral extraordinária. O presbitério é formado através de uma eleição livre e democrática, quando são instalados em culto diante da comunidade. O autor salienta que para compor o presbitério, é preciso ser um membro ativo da IECLB e na vida comunitária. Devem ter conhecimentos sobre a Bíblia, sobre o Catecismo Menor de Martim Lutero e sobre os documentos normativos da igreja, em principal, daqueles que regem a comunidade. Finalizando, Voigt (2010) explica que também devem estar dispostos a participar de retiros, seminários e cursos preparatórios.

No decorrer dos anos, a comunidade luterana searaense da área urbana¹² cresceu e a necessidade de um templo emergiu. Segundo S. M. B. (2020), de 66 anos: “[...] primeiramente veio um troquinho da Alemanha, mas no fim isso terminou; e daí, a gente tinha que andar com as próprias pernas”. Isto é, assim como a maioria das IECLBs, a de Seara recebeu um apoio financeiro da Alemanha para construir seu templo; porém, não foi o suficiente. Então a comunidade precisou encontrar outros meios para conseguir atingir seu objetivo. Tais meios foram lembrados por S. B. Segundo ela, esse processo ocorreu “*com muito trabalho, com poucos sócios, mas foi trabalhado, foi lutado. A gente fazia as festa*”. Ou seja, as festas eram meios de arrecadar lucros para conseguir alcançar os propósitos da comunidade.

Para S. B. (2020): “[...] o povo [...] vinha morar, migrar para a cidade; daí se ajudavam”. Assim, o crescimento da comunidade tornou possível a edificação de uma igreja. Segundo o memorial descritivo da construção do templo, este foi planejado e assinado pelo engenheiro Nestor Faraon no dia 28 de abril de 1982, com uma área de 114 m².

¹² Já havia um templo da IECLB na área rural, como em Linha Taquarimbó, cujos registros mais antigos da igreja mencionam a data de 1940, escrito em canetas tinteiro e em língua alemã. Apesar de a localidade pertencer ao município de Seara, a comunidade também pertencia à paróquia de Nova Estrela.

Hoje a paróquia de Seara conta com as seguintes comunidades: Ariranhazinha, Nova Teutônia, Pindorama e Três Fronteiras, havendo pontos de pregação em Monte Castelo e Caraíba. A comunidade de Seara conta com Grupo de Jovens, da OASE, e um presbitério que é eleito a cada dois anos através de formação de chapas. Além do trabalho de evangelização, realiza eventos religiosos, culturais e de entretenimento que se tornaram tradição, tais como: Macarronada do Dia de Ação de Graças, Baile de Casais e o *Kerbfest*.

Este último é uma festa que carrega consigo a representação da cultura teuto-brasileira, relacionando o sagrado com o profano. É um lugar de memória, onde se comemora a criação do templo da IECLB com elementos da cultura da população que trouxe a igreja luterana para a América. No *Kerbfest*, utiliza-se a língua alemã não somente em rodas de conversas, mas também nas músicas e, algumas vezes, na própria celebração festiva. Enfim, essa festividade representa um lugar de percepção e afirmação identitária daqueles que carregam consigo um antepassado de mesma nacionalidade.

3 KERBFEST: UM PASSADO DO IMAGINÁRIO GERMÂNICO EM SEARA

Neste ponto da pesquisa, buscou-se apresentar a festividade e suas principais características, mostrando as mudanças e permanências em seu recorte temporal. Na elaboração deste capítulo, contou-se com o uso de fontes documentais, orais, audiovisuais – como as filmagens dos eventos, cultos e desfiles – fôlderes, fotografias, o jornal Folhasete de circulação local e semanal e bibliografias necessárias para embasar esta análise.

Antes mesmo da constituição da igreja, as festas eram recorrentes na comunidade luterana searaense a fim de arrecadar fundos para a construção de seu templo. Porém, mesmo com a igreja construída, a comunidade ainda estava carente de recursos destinados aos trabalhos missionários, na formação eclesiástica, despesas do templo, dentre outros custos da igreja. Como solução, a comunidade decidiu engajar-se na comemoração do *Kerbfest*. Este foi um dos motivos para sua criação, segundo S. M. B. (2020), pois essa entrevistada menciona que a festividade: “[...] seria também para arrecadar fundos, né? Pra igreja sobreviver, porque só com a contribuição dos membros... Porque eram poucos”. Ou seja, na época, a quantidade de membros da comunidade era insuficiente para manter por si só todos os gastos do templo e as contribuições dadas ao Sínodo Uruguai.

Contudo, além dos lucros arrecadados à igreja, o *Kerbfest* de Seara tentou resgatar tradições, pois: “Já veio lá da Alemanha os Kerbfest. É uma tradição que os nossos antepassados trouxeram da Alemanha”, afirmou o membro da comunidade A. B. (2020), com 79 anos de idade. Nessa tradição, procurou-se expressar o *Deutschtum*, isto é, valorizar língua, cultura, entre outras características relacionadas à Alemanha (SEYFERTH, 1981) que se expressaram na festa, buscando-se dar continuidade para as próximas gerações.

Essa tradição de origem germânica foi trazida por colonizadores oriundos do estado gaúcho, mais especificamente nas regiões dos vales do Taquari, Jacuí e Caí (LENZI; SALVADOR; KONDER, 1989), onde nasceram ou descenderam os grupos organizadores do *Kerbfest* searaense.

A festividade foi vista como uma tradição pelos searaenses, pois sua data sempre esteve no calendário municipal. De acordo com Hobsbawm e Ranger (1997), tradição é um conjunto de práticas reguladas e aceitas por um determinado grupo. Essas práticas podem ser de ordem ritualística ou simbólica, manifestando valores e comportamentos por meio da repetição, e possuem uma relação com um passado; nesse caso, com a Alemanha.

Com o intuito de compreender os diversos significados da festividade em Seara/SC, foi necessário um olhar direcionado ao interior do evento, mais especificamente à memória coletiva dos organizadores. Para Halbwachs,

[...] aqueles que escrevem a história, e que registram as mudanças, as diferenças, entendem que, para passar de um para outro, é preciso que se desenvolva uma série de transformações das quais a história não percebe senão a somatória ou o resultado final. [...] A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, [...]. (HALBWACHS, 1990, p. 88).

Para isso, foram analisadas as entrevistas concedidas pelos coordenadores do evento.

Primeiramente, segundo L. D. A. (2020), “*o Kerb é um aniversário, né? Da igreja*”. A entrevistada se referiu, dessa maneira, à terminologia da palavra que provém de *Kirchweihfest*, isto é, festa da inauguração do templo (LENZI; SALVADOR; KONDER, 1989).

Outro significado foi explicado por S. B. (2020): “*Acontece... Kerb quer dizer cesto. E daí antigamente, então, as pessoas vinham, que traziam o mantimento dentro de uma cesta, que nem pra levar pra festa. Pão vinha numa cesta. Kerb, Korb, e festa, é festa, né? Pra mim, é o significado do Kerbfest.*” Fez-se uma analogia da palavra *Kerbfest* com *Korb* – cesto em alemão. Isso possibilitou explicar alguns aspectos decorativos da festividade abordados nas páginas seguintes.

A. B. (2020) também trouxe em sua fala semelhante significado, mas voltado às práticas oriundas da Alemanha: “*Antigamente reunia-se, que nem na Alemanha. Reunia-se e trazia os balaio, que é Kerb [...]. E fazia aquela festa naquele dia. Cada um trazia, fazia leilão lá. Por causa disso, [...] eles deram o nome de Kerbfest*”.

Esses diferentes significados na memória coletiva da comunidade podem ser explicados por meio da incomunicabilidade dos estados mentais, no qual Candau (2012) argumentou que as pessoas de um mesmo grupo social podem ter interpretações diferenciadas do mesmo acontecimento; nesse caso, do *Kerbfest* de Seara. Logo, o último relato trouxe uma memória herdada sobre um possível passado da festividade.

De acordo com Halbwachs (1990), é importante compreender que as memórias não são acontecimentos passados, mas sim representações de acontecimentos, são imagens que representam o passado. Segundo o autor, essas imagens podem reproduzir o passado de forma equivocada, transferindo as lembranças consideradas reais para fictícias.

Nas entrevistas realizadas com os organizadores do *Kerbfest* de Seara e mediante consulta de gravações audiovisuais ocorridas durante os cultos de celebração da festa, foi possível encontrar as memórias referentes à origem da festividade no município.

Em vídeo da oitava *Kerbfest* “Culto e *Bierwagen*”, num momento de prédica, o pastor R. A. revela: “[...] três pessoas, eu e mais duas pessoas daqui da comunidade, falamos uma vez numa oficina aqui: e que tal nós fazer um Kerb? E essas pessoas continuam fiéis. E isso não dá pra deixar de falar” (VIII KERBFEST, 2000a).

A partir dessa informação, soube-se que, no município, a festividade foi lembrada pelo pastor R. A. e por mais dois membros da IECLB não citados na gravação. Foi citada como uma festa tradicional presente em outras localidades e que também poderia ser reproduzida no município.

Confirmando essa afirmação, em entrevista, S. B. (2020) disse que o *Kerbfest* de Seara foi uma festa fruto da memória de outras festas regionais:

[...] a N. [membra da igreja] lá tem um apartamento. Veio morar uma mulher, [...] lá de Piratuba, que trabalhava na prefeitura. E lá em Piratuba tem os Kerb, de muitos e muitos anos, e continua ainda [...]. Então, daí a N. foi pedindo pra ela: como assim, assim. E daí, então, ela foi. A gente foi pedindo explicação dela, fazendo as bonecas assim e assim, ou ela trouxe um de molde pra nós fazer. Daí ela ajudou nós muito.

Também houve relatos de S. M. B. (2020) e de L. B. (2020), esta com 72 anos, alegando que as festividades foram fruto das experiências que os membros obtiveram com *Kerbfesten* de outras regiões, como de Arabutã e seus distritos. Nessa região, onde muitos membros moravam, de onde vinham os pastores (incluindo R. A.), e onde havia paróquia, portanto, a influência regional não foi descartada. E, nas falas, estava evidente a força da memória para a elaboração do evento. Sobre isso, Candau (2012) comenta que, para uma memória coletiva ser forte, deve ser repetida diversas vezes. E foi o que ocorreu com as práticas festivas do *Kerbfest* de Piratuba/SC.

Candau (2012) acrescenta que dificilmente os indivíduos pensam, agem da mesma maneira e possuem as mesmas memórias; porém, para haver uma memória coletiva, é necessária uma única memória preponderante que seja aceita por uma comunidade. Nesse caso, a memória do pastor R. A. e de C. F. (senhora cujo nome foi lembrado por S. B. (2020), a qual apresentou as características do *Kerbfest* de Piratuba/SC para os organizadores, e que foram aceitas pela comunidade teuto-brasileira de confissão luterana searaense.

Na elaboração de um projeto encaminhado para o Instituto Brasileiro do Turismo (Embratur), o objetivo da festa foi apresentado da seguinte maneira:

[...] é o de resgatar ricas tradições populares com raízes religiosas, bem como manifestar a gratidão de um povo, oportunizando um clima festivo e celebrativo. Pretende-se valorizar a cultura regional e o jeito de festejar e celebrar de um povo. Na verdade, um povo que não valoriza a sua história e suas tradições é um povo pobre, sem passado e de futuro incerto. Além do que, um povo que se reúne e celebra se fortalece para a vida e para o trabalho. (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE SEARA, 2000, [s. p.]).

Nesta correspondência, encontraram-se diversos elementos que traziam sentido à festa, como as referências religiosas e principalmente seu valor nacional. O *Kerbfest* foi entendido como uma festa que enalteceu um passado em comum de uma população, que apresentou um vínculo de um passado imaginado, relocado e adaptado. A festa, neste caso, sugeriu atravessar um tempo vazio, consultando constantemente a história (ANDERSON, 2008) trazendo a noção de as pessoas da festa, que nunca se entrecruzaram anteriormente se conheciam pelo simples fato de pertencerem a um suposto passado colonial comum.

Essas representações revelaram o *Deutschtum* anteriormente citado, que demonstra que a nacionalidade pode ser algo herdado: “um alemão é sempre alemão, ainda que tenha nascido em outro país” (SEYFERTH, 1981, p. 46). Essa concepção foi evidenciada nas palavras de A. B. (2020): “*Já veio lá da Alemanha os Kerbfest. É uma tradição que os nossos antepassados trouxeram da Alemanha*”.

O uso do pronome “nossos” na fala de A. B. revelou esse pertencimento à etnia teuto-brasileira. Para Barth, somente os fatores que são socialmente pertinentes podem diagnosticar uma pertença, e não as suas diferenças com outros grupos étnicos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Se A. B. manifestou-se como pertencente à etnia, então estava querendo ser percebido como um teuto-brasileiro.

O *Kerbfest* de Seara foi um espaço de memórias relocadas e reinventadas com práticas simbólicas que tentaram representar um suposto passado alemão e também a colonização alemã no Brasil e em Seara. Essa festividade retinha um ritual que iniciava com uma festa de abertura, passando por um culto festivo, seguindo pelo *Bierwagen* e finalizando com um ou dois bailes. Ao longo de 13 anos de festividade, houve mudanças na maneira de festejar, assim como adaptações para seu tempo e espaço; no entanto, as características simbólicas que remetem ao *Deutschtum* permaneceram.

3.1 A ABERTURA DO KERBFEST

A abertura da festa era um momento destinado à população para organizar as demais etapas que estavam por vir no *Kerbfest*. Nela eram enfeitadas as ruas, as vitrines de lojas e sacadas de casas, realizados bailes para a Terceira Idade com a escolha da rainha e das princesas da festividade, e, por fim, a sangria do primeiro barril de chope.

O *Kerbfest* de Seara sempre ocorreu no primeiro final de semana após a páscoa. Após a fase de 40 quarenta dias de abstinências oriundos da quaresma, a comunidade religiosa entrava em festa comemorando a vida, a construção de seu templo e um período de colheitas. Esta festa era carregada de valores sagrados pela comunidade religiosa local. O registro dela no calendário paroquial e municipal na semana posterior a páscoa revela uma possibilidade de festejar após a ressurreição de Jesus Cristo, divindade que os membros da IECLB creem.

Inicialmente as festas tinham duração de três dias. Houve variações também para dois, até se reduzir a apenas um dia. Parte do lucro da festividade era arrecadada para a igreja, ao Sínodo Uruguaí e ao município como ao Hospital São Roque (IECLB, 2001e, p. 30),¹³ aos bombeiros (IECLB, 2002e, p. 36)¹⁴ e Associação Searaense de Fissurados e Reabilitação (Asefir).

Segundo as atas, na abertura da festa as apresentações de grupos de danças de tradições alemãs do município e de outras cidades catarinenses e gaúchas eram uma constante. Esses grupos reforçavam as representações femininas e masculinas através da dança, onde os homens demonstravam sua força e coragem com performances que incutiam um passado agrícola, por exemplo, o ato de serrar a madeira manualmente. Já às mulheres destinavam-se a delicadeza de uma dama, sempre com um sorriso no rosto, com passadas e marcações leves, a espreita e adoração de seu par. Desde a abertura da festa, os papéis referentes ao gênero em relação ao passado agrícola alemão estavam bem delimitados.

Joana Maria Pedro (2004), em um estudo das mulheres do sul do Brasil, explica os ideais da época colonial catarinense no século XIX nas regiões de imigração alemã. (PREPARATIVOS, 2001, p. 12)¹⁵ Segundo a autora, tentou-se idealizar um padrão feminino, a fim de oferecer conforto ao homem alemão que era visto como um sujeito “trabalhador”. Na época, a mulher alemã “[...] devia se fazer respeitar; ser asseada; ser boa mãe e boa filha; ter uma sexualidade restrita ao casamento; ser solidária com os vizinhos e parentes, além de

¹³ Ata da sessão realizada em 21 de novembro de 2001.

¹⁴ Ata da sessão realizada em 09 de abril de 2002.

¹⁵ Pedro (2004) aborda o tema referente à região do Vale do Itajaí, mas a própria autora sugere que pode ser aplicado em várias outras localidades de imigração alemã.

econômica e comedida” (PEDRO, 2004 p. 289). Essas adjetivações estavam no *Kerbfest*, especialmente ao que concerne a “comedida”, que foi observado nos gestos praticados e anteriormente descritos.

Na festa, as apresentações culturais eram os momentos que atraíam os olhos dos festeiros, isto é, dos participantes da festa. Assistiam dali a um espetáculo teatral, mostrando um suposto cotidiano do passado alemão através da dança. Incutindo a sensação de estar diante de si um baile de camponeses alemães, mostrando “[...] signos agrários rústicos como manifestação de um relato de origens, representações que já não estão mais presentes, mas que em algum momento assim foi” (TEDESCO; ROSSETTO, 2007, p. 71).

Mais tarde, na décima edição da festa (2002), a apresentação cultural estendeu-se para apresentações de corais de comunidades próximas e da Associação Cabocla de Seara (IECLB, 2002a, p. 32)¹⁶. Em momentos como esse, mostram as afinidades que foram construídas com outras etnias fruto da colonização (NODARI, 2009). Neste aspecto, a festa (embora de cunho germânico) tentou mostrar-se de caráter popular devido à diversidade étnica participativa, já que a maioria dos festeiros não pertencia à etnia teuto-brasileira.

Inicialmente, o município era enfeitado com o intuito de animar a população para as festividades. Eram confeccionadas faixas e bandeirolas do evento e fixadas em pontos estratégicos de Seara, como nos acessos e na Casa da Cultura. (IECLB, 1999c, p. 5).¹⁷ Decorações também eram colocadas em postes com o apoio da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) de Seara até a nona edição (2001) (IECLB, 2001a, p. 20).¹⁸ As decorações também eram compostas por guirlandas com casais de bonecos vestidos “tipicamente” (IECLB, 2000c, p. 15),¹⁹ além de faixas com a figura simbólica do *Kerbfest* de Seara conhecida pela equipe organizadora como “Vovô Choppão” (Ilustração 2) (IECLB, 2002b, p. 33)²⁰.

¹⁶ Ata da sessão realizada em 05 de fevereiro de 2002.

¹⁷ Ata da sessão realizada em 16 de março de 1999.

¹⁸ Ata da sessão realizada em 05 de abril de 2001.

¹⁹ Ata da sessão realizada em 02 de março de 2000.

²⁰ Ata da sessão realizada em 19 de fevereiro de 2002.



Ilustração 2 - Enfeite de mesa – Vovô Choppão

Fonte: IECLB (2019).

Esta imagem utilizada em vários momentos das festividades, desde cartazes, pôsteres, adesivos, bandeirolas e enfeites de mesa, mostrou o imaginário de um festeiro no *Kerbfest*. Isto é, um teuto-brasileiro vestido com roupas que remetiam a um possível passado alemão, mas usado apenas nos momentos de festa. Trazia consigo uma caneca de chope, a bebida mais consumida na festa, e a ideia de que todo o teuto-brasileiro gostava de chope ou cerveja. A imagem do vovô remetia a um indivíduo idoso, do ser carregado de história para contar sobre seu passado: um passado imaginado. Contudo, o uso de trajes típicos por parte dos festeiros era mais intenso nas primeiras edições da festividade.

Na abertura, era comum também animar a população com um concurso de fachadas e vitrines. Para isso, o município deveria procurar o organizador responsável pelo concurso, e enfeitar sua fachada ou vitrine para a festa. Essa competição era julgada e premiada pela CDL/ACIS (Câmara de Dirigentes Lojistas/Associação Empresarial de Seara) (IECLB, 1999d, p. 7), sendo os critérios: criatividade, beleza e originalidade; e as notas atribuídas eram de um a cinco pontos (IECLB, 1999d, p. 7).²¹

De acordo com os convites endereçados aos municípios (Anexo 1), foi sugerido que “[...] Ornamente seu jardim criando o espírito do KERBFEST e recebendo bem os visitantes”. Elaborou-se, então, um cenário a partir da imaginação de um passado construído. Nas

²¹ Ata da sessão realizada em 30 de março de 1999.

palavras de Umberto Eco (1984) criou-se uma “irrealidade no cotidiano”, isto é, onde as ideias que se pretendiam evocar como verdadeiras deveriam parecer como verdadeiras. Em outras palavras, procurou-se expressar um imaginário de uma suposta Alemanha entre os searaenses. No período de abertura da festa até seu término, as fachadas de casas e vitrines eram enfeitadas criando uma noção de que o município ingressou em um passado alemão fictício, proposto pela comunidade teuto-brasileira luterana. Porém, para sanar esse interesse, era necessário que o cenário do passado alemão fosse aceito pelos munícipes de diferentes etnias para decorar seus jardins e evocar esse “espírito do *Kerbfest*”.

Os investimentos voltados à divulgação do evento eram grandes, sendo publicizados em rádios e emissoras de televisão local. Também eram distribuídos pôsteres e cartazes pelas cidades vizinhas, além do uso de carros de som para lembrar a população da festividade. Na décima edição realizada no ano de 2002, a prefeitura colaborou com a produção de 5 mil pôsteres (IECLB, 2001e, p. 30)²² o que explicou o inusitado *slogan* da capa: “Na terra da borboleta, do leite, do frango e do suíno também se toma muito chopp” (X KERBFEST, 2002c).

Essa frase carregou valores políticos, econômicos, culturais e étnicos. Devido à base econômica do município ter sido a agroindústria, os elementos “leite, frango e suíno” foram ressaltados, e deram relevância ao trabalho de produtores e à agroindústria. Já o termo “borboleta” foi adicionado para lembrar os trabalhos de Fritz Plaumann, citado anteriormente. O complemento “também se toma muito chopp” trouxe um elemento de inclusão do teuto-brasileiro ao turismo municipal, pois a produção agroindustrial e os trabalhos de Plaumann que distinguiram o município como a capital estadual da borboleta já eram conhecidos regionalmente. Houve interesses por parte dos organizadores e da prefeitura em adicionar a festividade no roteiro turístico de Santa Catarina, porque havia a participação de municípios vizinhos e até mesmo de outras cidades do sul do país contribuindo economicamente com o município.

Apesar do interesse político, os locais para a festa eram vistos com indiferença pelo poder público. Os bailes de abertura desde a primeira até a nona edição (1993 a 2001) foram realizados no Centro Comunitário de Seara, que se localizava no centro do município, próximo à matriz da igreja católica e ao hospital. Mas o ambiente era inapropriado para a realização da festividade, como alega A. B. (2020): “É isso, é porque a comunidade não tem local apropriado pra isso. Aí, muitas vezes, o Centro Comunitário também não [...] é muito

²² Ata da sessão realizada em 21 de novembro de 2001.

apropriado pra fazer um Kerb mais a noite, porque fica perto do hospital". Em nenhum momento, esta problemática foi resolvida na história da festividade searaense, pois nunca houve um local apropriado para festas como um salão de bailes na área urbana. Dessa maneira, a organização sempre necessitou de locações de ginásios para fazer suas festas de maneira improvisada.

No dia da abertura, havia os jantares típicos, entrando em cena o trabalho feminino. No decorrer das edições, as mulheres decoravam a festa e produziam jantares e pratos considerados típicos pela organização (segundo as atas). Em uma ata, constavam detalhes a composição do almoço para a décima segunda edição (2004): "[...] Almoço típico: linguiça, tripa grossa, costelinha de porco, coxa de frango, carne [de] gado, carne [de] porco, saladas, alface, xuxu [*sic*], repolho, tomate, cebola, rabanete com pepino, pão e cuca" (IECLB, 2004, p. 4).²³ Nesta edição, diferentemente das outras, no lugar do jantar, foi servido um almoço "típico".

Neste registro, foi possível notar que os alimentos considerados "típicos" receberam a mesma dinâmica da festa, ou seja, foram criados e readaptados a uma realidade. Não se descarta a possibilidade de alguns componentes da culinária apresentada ter vindo da Alemanha; mas, de acordo com Sumerian e Katz (2009), os processos migratórios fazem com que alguns alimentos sejam incorporados à dinâmica local. Um exemplo a ser citado é a presença do chuchu, que é uma hortaliça americana.

A culinária é um sistema de trocas de elementos étnicos. Como visto no primeiro capítulo, passou por trocas no contato entre os grupos ao longo da história, sendo difícil identificar que elemento é exclusivo de um ou outro grupo. Em entrevista com membros da organização, os principais componentes dos pratos, para L. D. A. (2020), eram: salame, cuca, cachorro-quente, batata frita, *einsbein* (joelho de porco) e churrasco. Complementando, S. M. B. (2020) lembrou-se de: chucrute, maionese, cenoura, batata cozida, tripa-grossa e salame cozido. Já S. B. (2020) lembrou-se dos bolinhos de carne produzidos por elas.

Os componentes da culinária que estavam nos registros das atas são um pouco distintos dos relatados pelas entrevistadas. Isso porque, de acordo com Woortmann (2016), representam memórias alimentares que foram selecionadas em um tempo e espaço e cristalizadas. Então, talvez as memórias das entrevistadas remetessem às primeiras edições, ou seja, de 1993 até 1999 (sétima edição), dados que não foram encontrados em registros, pois as atas disponíveis para esta pesquisa partiam de 1999. A isso cabem os "alimentos-

²³ Ata de sessão realizada em 06 de abril de 2004.

âncoras”, definidos por Woortmann (2016) como alimentos que, por algum motivo, um grupo de pessoas selecionou e manteve na atualização da memória. Dessa maneira, os pratos entendidos como típicos no *Kerbfest* de Seara foram criados a partir de lembranças de receitas compreendidas pelas mulheres da organização do evento, ou também de possíveis interferências com experiências de outras festas desta modalidade.

Foi nesse prisma, sobre um olhar nas produções dos pratos, que se pensou no valor do trabalho para o teuto-brasileiro expresso no *Kerbfest* searaense, não somente em seu sentido simbólico, mas em sua organização. Para o teuto-brasileiro, o trabalho não exerceu apenas a função de sobrevivência ou acúmulo de riquezas, possuiu valores voltados à moral. Para o homem o trabalho voltou-se para fora de casa, ou seja, na agricultura, no comércio, artesanato, indústria etc. Já a mulher voltou-se representativamente ao âmbito privado, doméstico e cuidando dos filhos, embora no seu cotidiano estivesse também na agricultura (FLORES, 1997).

Essa característica é analisada por Pedro (2004) em jornais de circulação das capitais do sul do país nos séculos XIX e XX, em cujas notícias e reportagens as mulheres de etnia alemã eram vistas como “trabalhadeiras” tanto no âmbito privado como na agricultura, porém sem se afastarem de seus filhos. Além disso, Pedro (2004) mostra a perspectiva conservadora da época, pois o homem deveria sustentar financeiramente a casa, e à mulher cabia respeitar o pai, o marido, bem como cuidar do lar e da educação dos filhos.

Essa noção de trabalho doméstico esteve nas entrevistas com as mulheres que auxiliaram no preparo dos jantares. Segundo L. D. A. (2020):

O mais fazia os prato. Era, salame, cuca... Aí tinha tudo. Era cachorro quente, era batata frita. Meu Deus, quanta batata frita! E janta também foi feito. Aqueles é [...] “einsbein” [joelho de porco] como que se diz, também foi feito no começo. Churrasco. E foi feito cuca também. Meu Deus, quanta cuca!

O trabalho primeiramente era manual, feito pelas próprias mulheres da comunidade que deixavam os afazeres particulares para trabalharem coletivamente a fim de conseguir servir toda a população que viria jantar na abertura da festa. Tais atividades estão também no relato de S. B. (2020):

Pras festas, muitas vezes a gente fazia. Ainda tinha a T. do A. [membros da igreja]. Eu me lembro: ela amassava a cuca em casa, baciona, aí ela... Nós tinha pedido ali no Gaffuri [panificadora] se a gente podia assar lá. Sim, eles falaram. Daí, ela trazia pra baixo; mais um pouco, já tava crescida. A gente colocava nas forma, e... Deixava crescer e assava lá. Umas cinquenta, setenta, noventa cuca. Um ano nós fizemo. Foi trabalhado, mas era bom, era divertido.

A partir da oitava edição (2000), o jantar foi terceirizado por restaurantes locais (IECLB, 2000b, p. 14).²⁴ A alteração foi feita, a partir da sétima edição (1999), conforme relatado pela coordenação: “Com relação à janta e pratos típicos, ficou decidido que se procurará terceirizar” (IECLB, 1999d, p. 13).²⁵ Isso ocorreu, segundo depoimentos, devido a exigências sanitárias, pois para L. B. (2020): “*Não tinha lei pra proibir isso. Era tudo livre. Dava pra fazer tudo dessa forma*”, lembrando as práticas de trabalho culinário comunitária. Apesar de em 2004 (décima segunda edição) o trabalho culinário comunitário das mulheres ter sido retomado, não descarta as preocupações da organização com as restrições da vigilância sanitária.

Segundo a Lei Municipal nº 1.114/1997, em seu art. 22:

Toda pessoa, proprietária de ou responsável por estabelecimento ou local para lazer, deve contar, para construção ou instalação ou funcionamento ou utilização dele, com a aprovação do serviço de saúde competente, a fim de que não ponha em perigo a saúde e a vida dos que nele trabalhem ou dele se utilizem, nem polua ou contamine o ambiente. (SEARA, 1997).

Para fins de esclarecimentos sobre a abrangência do termo lazer, o inciso 1º declara: “[...] a expressão lugar ou estabelecimento para lazer, inclui, entre outros, aeródromo, autódromo, balneário, boate, camping, campo e centro esportivo, cinema, circo, clube, colônia de férias, estádio, ginásio de esportes, [...]” (SEARA, 1997). Para conseguir produzir os pratos da festa, a organização deveria adquirir uma licença, com a inspeção da vigilância, a fim de que todos os procedimentos estivessem de acordo com a lei. De certa forma, o receio por provocar algum mal para a população festiva pairou entre os organizadores; portanto, preferiu-se terceirizar o trabalho para equipes e/ou empresas que já possuíam experiências na culinária, como restaurantes.

Ainda sobre o trabalho coletivo relativo à culinária da festa, vale notar a diferença entre o ato de servir os pratos e o jantar. No jantar, havia mesas apropriadas para as refeições, com vários pratos e afastadas da população que bailava. Já os pratos são pequenas porções semelhantes a lanches, onde não havia um espaço específico para lanchar, e também não necessitava dos serviços de garçons, pois a população retirava sua porção de batata frita ou cachorro-quente com os atendentes da cozinha.

²⁴ Ata da sessão realizada em 17 de fevereiro de 2000.

²⁵ Ata da sessão realizada em 30 de março de 1999.

Outro atrativo que acontecia na abertura da festa era o baile da Terceira Idade. Este foi realizado desde a sétima edição (1999) até a décima primeira (2003). Conforme constam nos registros das atas, estes bailes eram diferenciados dos demais que compunham o *Kerbfest*, pois possuíam os valores de ingresso e de alimentação menores em comparação aos outros bailes. Além disso, eram realizados à tarde e finalizavam à noite, já os outros bailes eram realizados à noite e finalizados no amanhecer. Nos bailes de Terceira Idade, ocorriam a escolhas de rainhas e princesas. Estas desfilavam pelos salões, eram premiadas e tinham como privilégio uma carroceria especial no desfile do *Bierwagen* que ocorria no dia seguinte.

As inscrições para o concurso eram gratuitas e feitas pelos coordenadores de grupos de idosos de Seara. Os critérios estabelecidos para desfilar foram “pertencer a um grupo de Idosos e estar trajada tipicamente” (IECLB, 1999d, p. 6)²⁶, como percebido na Ilustração 3. O desfile realizava-se à tarde, e à rainha era dado um troféu (este patrocinado pela prefeitura municipal) (IECLB, 1999f, p. 12)²⁷, faixa e flores eram entregues pelas entidades da época, como prefeito Flávio Ragagnin e vice-prefeito Edemilson Canale e pela Sra. Eni Tartari, coordenadora do grupo de idosos do município.



Ilustração 3 - Desfile da rainha e das princesas da Terceira Idade (1999)

Fonte: IECLB (2019).

²⁶ Ata da sessão realizada em 30 de março de 1999.

²⁷ Ata da sessão realizada em 04 de novembro de 1999.

A festa destinada aos idosos foi uma maneira de saudar e enaltecer os antepassados que fizeram parte do processo de colonização de Seara – fossem eles teuto-brasileiros ou não. Sobre isso, cabe mencionar esta observação de Nodari (2009, p. 106): “[...] as fronteiras étnicas, de acordo com os momentos históricos, podem manter-se, apagar-se, reforçar-se, ou mesmo desaparecer”. Nesse momento específico, as etnias foram eclipsadas sobre a teuto-brasileira, mostrando uma indiferença às origens étnicas das participantes, contanto que cada uma representasse simbolicamente uma teuto-brasileira com o uso de “trajes típicos”. Foi, então, uma forma de reforçar a etnia de origem germânica.

Na abertura da décima edição (2002), houve uma novidade: a escolha da rainha e das princesas jovens (IECLB, 2001f, p. 31).²⁸ Os critérios para participar eram ter: no “[...] mínimo 14 anos, trajes típicos e morar no município” (IECLB, 2001g, p. 32).²⁹ As moças eram preparadas antecipadamente para o desfile, ensaiando a ordem de entrada na passarela e o que fazer quando estivessem nela.

No momento do desfile, cada jovem entrava com uma mão na cintura ou no vestido e a outra carregando uma cesta de flores. Em cada extremidade da passarela, faziam pausas e, coordenadamente, davam meia volta em seu próprio eixo. Durante a performance, os responsáveis pelo protocolo divulgavam seus dados como: filiação, que entidade ou comunidade representavam, altura, cor dos olhos e cabelos, idade, escolaridade, esporte preferido, par escolhido, e alguma frase ou pensamento que a jovem se identificasse. Em média, as moças possuíam 16 anos e cursavam o ensino médio (X KERBFEST, 2002a). A presença de cestas de flores nos desfiles representava, para os organizadores, um dos símbolos do *Kerbfest*. Isto é, o *Korb* utilizado para trazer os mantimentos.

Além disso, algumas participantes improvisaram trajes de outras etnias ou culturas, como é o caso do uso de vestidos gaúchos aliados ao uso do avental como se pode observar na ilustração a seguir. O uso de aventais, para Pedro (2004), no século XIX demonstrou um ideal de mulher “trabalhadeira” e também um símbolo de limpeza e eficiência. Na Ilustração 4, assim como na maioria das imagens desta pesquisa, percebeu-se que as mulheres trajadas, traziam como adereço um avental sempre na cor branca. Isso corresponde às concepções de Pedro (2004), pois, para esta peça manter-se branca, quem a usa necessita ter habilidades com o trabalho.

²⁸ Ata da sessão realizada em 04 de dezembro de 2001.

²⁹ Ata da sessão realizada em 27 de dezembro de 2001.



Ilustração 4 - Escolha da rainha e das princesas jovens (2002)

Fonte: IECLB (2019).

As flores, os trajés e os gestos representavam jovens simpáticas e comedidas, que carregavam em si o trabalho doméstico e a fidelidade ao seu par, características estas atribuídas ao gênero feminino na cultura ocidental. A encenação lhes valeria o título de melhor representação do que seria uma jovem teuto-brasileira no imaginário do júri e o dever de convidar a população para a festividade no ano seguinte.

Uma atração da abertura do *Kerbfest* era a sangria do primeiro barril de chope que geralmente era feito em meio a entidades. Este evento era considerado solene devido à significação do chope para a festa. Ela era a bebida mais consumida e também fazia parte da cultura alemã e teuto-brasileira. Não se pode negar também a ideia de que o consumo da bebida estava ligado ao prazer, algo esperado pela população e um dos princípios da festividade.

A intenção do lançamento ou da abertura do *Kerbfest* parece compreender seu propósito: dar a “[...] largada oficial para o evento” (NOITE, 2002b, p. 3). Havia, pois, a necessidade da população se preparar para a festa que se iniciava.

3.2 OS CULTOS FESTIVOS

O *Kerbfest* era compreendido entre os religiosos como uma festa sagrada. E era preciso reforçar essa sacralidade através de uma celebração, por meio de cultos com

características ecumênicas para atender os participantes do evento e que gostariam de participar da celebração, mesmo que eles pertencessem a outra religião.

O culto festivo ocorria após o dia da abertura. As portas da igreja eram abertas a todos que participavam da festa. Este era o período de estreitar as relações do ser com o sagrado, atribuindo sentido à festa ao indivíduo religioso.

Como propõe Eliade (1992), a festa pode ser compreendida como sagrada e profana. O sujeito religioso, em especial os cristãos, percebe-se como criação de um criador do mundo; assim, para a criatura, todas as coisas feitas pelo criador são sagradas. Os religiosos podem perceber-se como cocriadores, capazes de produzir, ou materializar os desejos de Deus; portanto, suas criações (a festa, por exemplo) foram sagradas para os religiosos (ELIADE, 1992). O profano, para Eliade (1992), seria a percepção da festa do ponto de vista do não religioso. E este, seguindo a lógica do autor, concebeu a festa apenas como um lugar para encontrar os amigos e festejar com músicas, comidas e bebidas abundantes.

Aliado à noção de sacralidade, o culto festivo tinha função social importante para os membros da comunidade. Segundo A. B. (2020):

[...] sem culto, acho que não pode sair um Kerb. O mais importante é começar com um culto. Depois do culto, o Bierwagen é uma coisa importante. Aí festejar todo mundo junto e no baile isso anima e alegra todo mundo. Mas sempre tem que começar com um culto primeiro. Porque o culto faz parte do Kerbfest. Se não tivesse igreja, não tivesse comunidade, também não teria o Kerb. Por causa disso, [...] o culto tem que fazer parte do Kerbfest. Tem que iniciar com o culto.

A fala A. B. (2020) reforçou a ideia de que o culto estreitou as relações de pertencimento entre seus membros, trazendo sentido ao *Kerbfest* como uma comemoração da inauguração do templo; também rememorou aqueles que participaram dos primórdios da comunidade e dos processos da construção do templo. Era um momento importante entre os religiosos de confissão luterana, movidos por um sentimento de conquista do espaço fixo de culto, não necessitando mais se reunirem provisoriamente em porões ou em casas de membros para realizar seus rituais e celebrações. Ou seja, essa festa é também um momento de relembrar a história da comunidade de confissão luterana de Seara.

Para Eliade (1992) o espaço religioso, no caso a igreja, seria um eixo cósmico que liga a terra aos céus. É uma maneira de os religiosos encontrarem-se com seu deus; logo, com o seu “mundo”. Afinal, todo o “mundo” para um religioso é sagrado, pois é criação de seu Deus. Já o profano, para o autor, seria aquilo que se encontra fora deste “mundo” como o medo, a morte, a maldade e o caos. Para Eliade (1992, p. 23), “[...] instalar-se em um

território equivale, em última instância, consagrá-lo [...]. ‘Situá-lo’ num lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que está pronto a assumir ao ‘criá-lo’”. Isto é, a edificação da igreja para os religiosos não era apenas uma construção material; ela transcendia isso, era a compreensão dos desejos de seu Deus, o lugar onde o religioso estava mais próximo com o seu Deus. Além disso, “[...] toda a construção e toda a inauguração de uma nova morada, equivalem de certo modo a um novo começo, a uma nova vida” (ELIADE, 1992, p. 33).

Logo, compreende-se o valor da sacralidade aliada à edificação do templo como um papel social que este assumiu na comunidade, pois representou “um começo” para os evangélicos de confissão luterana de Seara.

A comemoração da edificação do templo ou da colheita, com as ofertas transportadas em um *Korb*, pode ser entendida como uma recusa de viver a história linear ou o tempo presente para viver em um tempo mítico. Ou, ainda, um passado reinventado a partir de uma herança cultural herdada dos antepassados.

Para o grupo pesquisado, a ideia da festa como uma herança dos antepassados alemães ainda é muito reforçada pelo discurso dos líderes religiosos, como o pastor S. B. durante o VI Kerbfest (1998a):

No dia de hoje nos lembramos das pessoas que vieram de longe, os imigrantes europeus que atravessaram o oceano em busca de novas terras e novas oportunidades de vida. [corte do cinegrafista] para lembrarmos a história, da formação da comunidade, nós te agradecemos, oh, Deus!, por esse momento, e que podemos estar aqui juntos, não só como membros da comunidade mas com tantos outros irmãos e irmãs, que estão nos presenciando hoje com a sua alegria [...].

Dependendo do pastor ordenado à igreja, os cultos inclinavam-se aos discursos que relacionavam etnia com religião, lembrando os tempos em que o luteranismo era concebido como uma religião de imigração. Ou, ainda, relembando os processos de imigração, da busca de um recomeço em terras desconhecidas.

Outros pastores faziam questão de realizar discursos mais ecumênicos, lembrando um dos poderes atribuídos ao Deus cristão que é sua onipresença. Portanto, não está presente somente nas casas de oração, mas também no trabalho, no lazer, nas horas tristes e felizes. Segundo o pastor R. A., em relato do II Kerbfest (1994a): “*toda a nossa vida, tem a ver com Deus, desde a nossa própria dança, a nossa festa, a nossa celebração*”. Assim também a festa é fundamentada pelo pastor R. A. como um momento de descanso e lazer, lembrando o terceiro mandamento bíblico referente ao dia de descanso. Enfatizando que a vida não é e não

pode ser algo somente inclinado ao trabalho, devendo ser reservado um momento para a festividade.

Outro elemento enfatizado foi o trabalho dos membros para os preparativos da festa, salientando os valores que o teuto-brasileiro atribuiu ao trabalho como uma “honra” (FLORES, 1997). Esses valores são evidenciados em algumas falas como de S. B. (2020): “*Mais, era divertido. Todo mundo ajudava, todo mundo trabalhava. Era bom*”. O trabalho comunitário foi visto por ela como divertido e bom. L. D. A. (2020) também lembrou que as pessoas não negavam auxílio para trabalhar em comunidade:

As flores eram cortadas e montadas, ma eram flor e mais flor. Eram caixas e caixas de flor! Meu ma às vez nós se juntava em dez, doze, numa tarde assim, todas. E ninguém dizia que não. [...] aquela vez era legal. Se eu fosse hoje de novo, nova, eu ia de novo! De tão bom que era!

Essa quantidade exaltada por L. D. A. (2020) tinha uma explicação. As flores produzidas manualmente eram utilizadas como ornamentação na igreja para o momento do culto, no caminhão do *Bierwagen* e no local que sediava os bailes.

Apesar de a igreja de confissão luterana não possuir imagens de santos, anjos, e demais personagens, não significa que não podia ser ornada. Em dia de culto festivo, o templo era enfeitado com muitas flores, em especial, cestos com flores ou alimentos artesanais, como observado na Ilustração 5.



Ilustração 5 - Bancos ornados com cestas de flores (1994)

Fonte: II Kerbfest (1994a).

A decoração do templo mudava nas diferentes edições da festa. Existiam cerimônias onde os enfeites eram compostos de fitas coloridas e flores de papel crepom. Havia momentos em que os alimentos produzidos pelas mulheres da comunidade eram ofertados em cestos no altar e, após a cerimônia, compartilhados entre os participantes do culto, como mostra a Ilustração 6.



Ilustração 6 - Mulheres com trajes típicos da cultura teuto-brasileira no VII *Kerbfest*

Fonte: VII Kerbfest (1999a).

Na Ilustração 6, observou-se a presença de mulheres “tipicamente trajadas”. Assim como elas, homens e crianças membros da comunidade ou não “trajavam-se tipicamente” para as próximas etapas da festa: *Bierwagen* e bailes.

O culto era finalizado com cantos e compartilhamento dos alimentos que estavam no altar. Percebia-se, entre os religiosos, que o culto era uma aproximação com seu Deus, uma lembrança da edificação do templo e forma de agradecimento pelas colheitas. Aquele momento reforçava os valores sagrados da festividade para os religiosos.

3.3 O BIERWAGEN

O *Bierwagen* era um desfile onde um caminhão distribuía chope e refrigerante gratuitamente à população. Esse desfile era acompanhado por trios elétricos que tocavam músicas “típicas” alemãs. Também havia um concurso de carros alegóricos que apresentavam

enfeitados com características das culturas teuto-brasileiras, ítalo-brasileira e cabocla. Contudo, ao analisar as fontes, foi possível observar mudanças na maneira de desfilar e interpretar o desfile ao longo das edições.

Esta etapa do *Kerbfest* iniciava com fogos de artifício em frente à igreja avisando à população da abertura do desfile. Bandas iniciavam o cortejo; e, às vezes, essa recepção partia no pátio da igreja, ou ficavam um ou dois trios elétricos específicos tocando músicas típicas do começo do desfile até o término, no local do baile. Os músicos, em sua grande maioria, apresentavam-se com roupas “típicas”. Os trios elétricos eram ornamentados com flores de papel e folhas de palmeiras ou possuíam um modelo de carroceria antiga, lembrando um possível passado colonial. Apesar da presença desses trios elétricos, nada impedia que os demais participantes tocassem outras músicas para animação própria.

Ainda nas proximidades da igreja, havia o caminhão do *Bierwagen* que distribuía copos de chope e refrigerante gratuitamente para a população que vinha unir-se à festa. Este caminhão era identificado com um leiteiro e geralmente estava à frente dos foliões.

Os fogos de artifícios eram elementos fundamentais para a animação desta etapa da festa. Havia pessoas responsáveis pela compra e estudo de pontos estratégicos para sua explosão. Em todas as edições, o responsável contava com o apoio do Corpo de Bombeiros. Porém, mesmo com o cuidado nas explosões dos fogos, nada impedia que populares também os lançassem (IECLB, 1999b, p. 4).³⁰

Havia até 2004 (décimo segundo *Kerbfest*) um concurso de veículos alegóricos enfeitados pela população. As pessoas que gostariam de participar deveriam procurar o responsável pelo desfile e inscrever-se. Assim, uma equipe de jurados poderia avaliar e atribuir notas. Os prêmios eram troféus, barris de chope e cervejas para serem consumidos no baile. As gravações do desfile do *Bierwagen* apresentavam veículos alegóricos dos mais diferentes estilos, desde tração animal, braçal, carros antigos, jericos³¹, tratores, caminhões, caminhonetes, carros, peruas etc.

Com base nas fontes audiovisuais e em fotografias, observou-se um espetáculo do imaginário da população que manifestava elementos não somente da etnia teuto-brasileira como de outras que fizeram parte do cenário colonial searaense. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizadas por imagens”

³⁰ Ata da sessão realizada em 05 de março de 1999.

³¹ Jericos são veículos improvisados e baratos, geralmente utilizados no trabalho do campo.

(DEBORD, 1997, p. 14) e que esteve no imaginário ideal do que seria um teuto-brasileiro, um ítalo-brasileiro e um caboclo.



Ilustração 7 - Membros da organização oferecendo produtos artesanais em cestas

Fonte: VI Kerbfest (1998a).

Inicialmente havia carros alegóricos adornados com elementos voltados ao teuto-brasileiro, como representa a Ilustração 7. Revela-se um passado cristalizado. Homens e mulheres apresentavam-se com vestimentas “tipicamente alemãs”, evidenciando um passado imaginado.

Mulheres se exibiam com longos vestidos e aventais bordados com flores, entre outros detalhes que remetiam ao trabalho doméstico, além do uso do antigo corpete, ou algum colete que faz alusão à peça. Os detalhes se estendiam também para os cabelos, com: flores, tranças, penteados especiais para expressar a delicadeza atribuída a mulher. Nos estudos de Lucas Voigt (2018) relacionados aos trajes no folclore alemão, uma mulher sempre usaria cabelo preso quando estivesse em público, cabendo apenas ao marido ver sua esposa com os cabelos soltos em ambiente privado. Voltando ao desfile, algumas mulheres também portavam cestos com flores ou alimentos, reforçando o ideal do trabalho feminino como símbolo do *Kerbfest* searaense. Elas acenavam ao público sorrindo, dançando, tentando contagiar a população que as assistia.

Os homens no *Bierwagen* distribuía chope, tocavam em bandas, dirigiam os carros, lançavam fogos de artifícios, cantavam e dançavam. Eram maneiras de demonstrar sua valentia, controle, e força. Assim como as mulheres, o imaginário apresentado em suas

indumentárias também remetiam ao trabalho. Para Voigt (2018), os trajes podiam ser influenciados pelas atividades profissionais de cada região da atual Alemanha, por exemplo, os trajes de Schleswig-Holstein (uma região onde predomina a pesca). Nessa localidade, segundo o autor, as meias eram usadas dentro das botas e estas eram impermeabilizadas com gordura animal. Possivelmente, esses aspectos do cotidiano foram incorporados na fabricação dos trajes utilizados pelos grupos de danças, como discutido pelo autor em sua pesquisa.

No caso de Seara, os trajes eram mais genéricos e simples, semelhantes ao *Dirndl*, um traje simples de passeio, este será aprofundado no próximo capítulo. Tais indumentárias associadas às características de gênero e trabalho revelam uma “[...] tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social” (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 10). Esses aspectos fizeram parte de uma criação cujo objetivo é incluir valores, ideias e padrões de comportamento de uma determinada época de regiões germânicas.

Os elementos de representação excediam as indumentárias para outros símbolos do *Kerbfest* como: flores de papel crepom, folhas de palmeiras, fitas coloridas, bonecas, barris ou canecos de chope além de garrafas de cerveja, instrumentos musicais (percussão e aerofones), o Vovô Choppão e produtos artesanais como linguças e cucas. Estes componentes serviam de ornamentos aos veículos que também portavam a bandeira alemã, ou decoravam seus carros com as cores da mesma.

Havia também a presença da etnia ítalo-brasileira, que se apresentava em carros ornados com folhas de palmeiras, produtos artesanais como salames, queijos, pães, vinhos e panelas com polentas e a bandeira italiana, bem como nos instrumentos musicais que portavam (tais como pandeiros e acordeons); mas, grande parte das pessoas que desfilavam trajava indumentárias se assemelhavam às de origem alemã – como se percebe na Ilustração 8.



Ilustração 8 - Caminhão trazendo o Coral São Daniel (etnia ítalo-brasileira)

Fonte: IECLB (2019).

Observando as fontes audiovisuais e fotográficas, outra etnia que esteve em vários momentos é a cabocla. Esta desfilava com elementos mais rústicos, ou voltados ao passado da agricultura regional em tempos não tão distantes quanto aos imaginários alemães e italianos. Desfilavam com carros de boi ou com máquinas agrícolas e jericos. Usavam, em sua decoração: folhas de palmeiras, bananeiras, pés de milho e de mandioca. Também bebiam cerveja ou chope, mas traziam a carne assada como produto alimentício. Suas indumentárias não se remetiam a um imaginário europeu, e andavam com chinelos ou até mesmo descalços, vestiam uma blusa e uma bermuda de tecidos simples, ou apenas uma bermuda, deixando o peito nu. Usavam grandes chapéus de palha ou de couro ou bonés, o que remete a um passado de trabalho, observado na Ilustração 9, apresentada a seguir.



Ilustração 9 - Carroça decorada, nomeada como “Os Karrosso”, com dois jovens bebendo cerveja (1999)

Fonte: IECLB (2019).

Os grupos mostravam uma necessidade de se identificarem através de símbolos que remetiam a um ideal. Havia também festeiros que desfilavam representando instituições ou grupos de amigos dos quais faziam parte. Nem sempre aqueles que ornavam seu carro, ou vestiam trajes “típicos alemães”, pertenciam a esta etnia, apenas aceitavam a festa, contemplavam o espetáculo fazendo parte dele.

No sétimo *Kerbfest* (1999), o desfile apresentou-se mais solene. Na comissão de frente estavam jovens da IECLB/Seara “tipicamente” trajadas segurando uma faixa do *Kerbfest* seguida de outras moças com bandeiras da IECLB, da Alemanha, do Brasil, de Santa Catarina e de Seara. Essa solenidade trouxe novamente um aspecto nacionalista para a festa. De acordo com Benedict Anderson (2008), as características que definem um nacionalismo são: estar em uma comunidade imaginada, limitada e soberana. Ela é imaginada, porque o desfile e toda a festa remetem a um passado idealizado colonial teuto-brasileiro e searaense. Dispõe de sentimentos de pertencimento, onde todas as pessoas que ali estão se conhecem pelo fato de possuírem um possível passado em comum: ou a colonização do município e da região, ou pertencem à mesma etnia predominantemente representada. Ela é limitada, porque as bandeiras portadas delimitam muito bem a que região se está se referindo. Não é do mundo todo, mas sim de uma comunidade teuto-brasileira luterana, localizada no município de Seara, no estado catarinense, no Brasil. É soberano, pois pensa em ser livre e independente, em pertencer ao roteiro turístico catarinense, numa tentativa de legitimidade da etnia teuto-

brasileira sem relação com as demais etnias. Essa necessidade de sentir-se soberano esteve evidenciado, entre os coordenadores do evento planejado para o ano de 2000, arquitetar um monumento referente à festividade. Porém, o projeto não se concretizou (IECLB, 2000e, p. 19).³²

Ao longo dos anos o veículo do prefeito também desfilava, mas seus adornos, além de possuírem flores, ciprestes ou folhas de palmeiras, também traziam borboletas para fazer menção aos trabalhos de Plaumann. Remetendo igualmente ao nacionalismo, pois o símbolo municipal (a borboleta), alude à ideia de algo limitado e soberano no país.

Também era momento de a rainha e as princesas da terceira idade, e, mais tarde, a rainha e princesas jovens desfilarem. Para isso, era destinado um veículo especial, lembrando uma carruagem, de onde a realeza se aposentava para ficar sorrindo e acenando, reafirmando o caráter fantástico da festa.

A teatralidade é outro aspecto evidente no desfile, não somente por parte dos organizadores, mas os próprios festeiros planejavam performances para serem realizadas enquanto desfilavam. Em tais encenações, estavam: exibir ideal de refeição com uma mesa apresentando alimentos típicos germânicos com os participantes trajados, acenando, cantando e até tocando músicas. Além disso, havia criatividade em insinuar que seu jerico era movido a chope; portanto, faziam pausas no desfile para consertar a “bomba de chope que faria o carro funcionar”. Festeiros assavam carne em churrasqueiras improvisadas nos veículos e faziam determinadas coreografias para chamar a atenção de quem assistia ao desfile.

Com o passar das edições, houve modificações na forma de festejar por parte dos festeiros. Aos poucos a população foi deixando de enfeitar as vitrines e fachadas, resultando na extinção dessa categoria de competição a partir da nona edição da festa, em 2001. Os próprios desfiles ganharam outro caráter, aparecendo cada vez menos carros alegóricos e mais carros de som, pois os jovens se reuniam em blocos identificados por camisetas diferenciadas e faziam seus desfiles sem interesse de competir, mas sim de participar, beber, divertir-se, esbanjar, viver o não cotidiano.

Surgiu, então, uma nova forma de comemorar a festa. Os festeiros eram compostos por jovens que estavam marcados pela globalização. Esta, segundo Hall (2006), atravessa fronteiras nacionais, ligando outras comunidades em novas combinações de tempo e espaço, tornando o mundo mais conectado. Esses jovens festeiros produziram novas identificações locais e eram caracterizados por blocos. Em suas camisetas havia frases que os caracterizava,

³² Ata da sessão realizada em 25 de abril de 2000.

mostrando o patrocínio de várias instituições locais. Os jovens bebiam chope e escutavam versões de músicas num misto de funk com música “típica alemã”, o que gerou a música Bonde do Alemão da Banda 2001. Também ouviam outros estilos musicais famosos da época, mas não deixavam de estar nos desfiles, isto é, traziam elementos culturais de outras comunidades adaptadas neste novo espaço. Não usavam trajes, não ensaiavam coreografias; porém, viam-se como jovens festeiros do *Kerbfest* de Seara.

Contudo, essas mudanças não foram percebidas positivamente pelos coordenadores da festividade. Segundo a equipe, o *Bierwagen* estava pobre em animação com poucos participantes, pensando-se, assim, em eliminar a competição do desfile, e deixar apenas a animação das bandas e a distribuição de bebidas (IECLB, 2002e, p. 36).³³ A competição perdurou até sua décima segunda edição (2004). E, a partir desse ano, havia somente o caminhão do *Bierwagen* distribuindo bebidas para a população no trajeto que partia da Igreja até o local dos bailes.

Para concluir, em todas as edições em que aconteceu o concurso de desfile de carros alegóricos, havia concentração de pessoas dançando, bebendo e cantando nas ruas até acabar o chope do caminhão do *Bierwagen*. Finalizando, a população assistia a uma chuva de fogos de artifícios nas proximidades do ginásio, saudando para mais uma etapa que começaria: o baile. Também foi percebida uma ressignificação do desfile ao longo das edições, pois a juventude influenciada pela globalização adaptou as novidades globais à festividade e aos costumes locais.

3.4 OS BAILES

Foram momentos onde a população se reuniu para comemorar. Neles eram praticados rituais, como os saques das bonecas e a retirada da coroa com determinadas brincadeiras que animavam a população. Essa etapa da festividade revelou-se rica em teatralidades, gestos, gostos, danças e músicas. Foi um momento cujas renegociações étnicas se mostraram mais evidentes.

Era a última etapa da festividade, o momento do arrebatamento, com muita comida, bebida e dança. Representava um festival de ícones, imagens, representações, gestos, idiomas, músicas, recriado de um tempo antigo, para um tempo novo (FLORES, 1997).

³³ Ata da sessão realizada em 09 de abril de 2002.

Mesmo sobre o predomínio das representações germânicas, existiam outros grupos étnicos que brindavam, comiam e dançavam juntos. Era o momento em que – segundo os entrevistados – os membros, amigos e familiares uniam-se para comemorar, festejar, alegrar-se. A alegria era contagiante, extrapolava a pista de dança para dentro de outros compartimentos, como nas cozinhas, onde as gravações puderam flagrar mulheres dançando enquanto não havia pedidos ou enquanto “descansavam” (II KERBFEST, 1994a).

Nos bailes, assim como nos desfiles, era onde se colocavam em prática as ideias de “como fazer um *Kerbfest*” trazido de Piratuba/SC. Aperfeiçoaram-se aos espaços improvisados e novidades foram agregadas de modo a facilitar o trabalho ou para agradar o público diverso.

Ao longo das edições, o *Kerbfest* foi passando por transformações, mas todos os dias de festa eram finalizados com um baile, seja ele de curta ou longa duração. A música era a “alma” da festa. Wolff (2001) analisa, em sua pesquisa, as bandinhas da cidade de São Carlos/SC. Alguns pontos citados por essa autora são semelhantes aos costumes praticados na comunidade de Seara/SC. Segundo Wolff (2001, p. 40): “Não havia festa sem bandinha”, isto é, o costume fazia parte de um cotidiano histórico de ambas as comunidades: São Carlos e Seara.

Em entrevista sobre o passado e a juventude dos membros da comunidade, S. B. (2020) revelou que: “*de vez em quando tinha uns bailinho, mas daí arrumava um gaitero, era tudo... [...] nem luz num tinha!*”. A música possuía grande valor histórico não apenas entre os membros da IECLB, mas também para todo o oeste catarinense. De acordo com Wolff (2001), mesmo sem espaços predeterminados ou com pretextos para tocar, a música fazia parte do cotidiano das pessoas.

Ainda que as bandinhas pertencessem a um passado comum do oeste catarinense, as músicas do *Kerbfest* de Seara eram um pouco distintas. Nas primeiras edições, eram mais instrumentalizadas e cantadas no estilo “típico alemão” (II KERBFEST, 1994a). Outra característica dos bailes era “não deixar a banda parar com público no salão” (IECLB, 2002e, p. 36).³⁴ Nas gravações dos bailes, verificam-se músicas interligadas, até mesmo com ritmos diferentes. O intuito era não deixar o público parado na pista de dança. Nas primeiras edições, os bailes chegavam a ter duração de 10 horas, mas esse tempo foi diminuindo para até 6 horas. As músicas também sofreram mudanças ao longo das festividades. Em dado momento do baile, elas eram cantadas em português e outros estilos musicais (sertanejo, por exemplo).

³⁴ Ata da sessão realizada em 09 de abril de 2002.

Algumas brasileiras eram adaptadas para bandinhas de estilo germânico (como a canção “A Banda” de Chico Buarque, que era tocada e cantarolada). Também eram tocadas músicas tradicionais mexicanas como *La Adelita* e italianas como *Quel Mazzolin Di Fiori* e *Tarantella*. Nas gravações e em fôlderes analisados, todas as bandas que animaram os bailes eram da região ou do estado gaúcho.

As músicas também tinham um lado lúdico a ser apresentado por parte das bandas que apresentavam traços de solidariedade e emoções para os festeiros (WOLFF, 2001). Algumas vezes fantasiavam-se com perucas e imitavam mulheres, usavam chapéus estilos sombreiros para tocar músicas mexicanas. Também desciam do palco e tocavam em meio à população na pista de dança, ou subiam em mesas ou cadeiras e bebiam cerveja diretamente da garrafa.

O espetáculo agora invade o público, em uma ficção onde os músicos são os intermediadores e fazem os festeiros viverem essa fantasia. O mesmo acontecia após as apresentações dos grupos de danças germânicas, quando os dançarinos uniam-se ao público para dançar a *poloneise*. Essa dança era feita com casais formando uma fila indiana. O primeiro par da fila comandava os gestos e as coreografias que os demais casais deveriam imitar, tudo isso em ritmo de marcha.

Ainda no âmbito do espetáculo interagindo com o público, a partir da quarta edição (1996), havia a presença de grandes canecos de chope suspensos no teto. Eles, segundo a análise das gravações, foram feitos com uma armação de metal envolto de TNT (Tecido Não Tecido) nas cores amarelo e branco, sugerindo uma caneca cheia de chope. Em determinado momento da festa, esses canecos derramavam, sobre o público, diversos balões amarelos e causavam agitação por fazer parte da teatralidade da festa, pois o sugestivo banho de chope reforçava ainda mais os componentes do *Kerbfest*. Porém, esses elementos mostram-se adaptados no tempo e no espaço. O chope sempre foi algo representativo da festa e do *Deutschtum*; mas, naquele momento sua representação foi readaptada para um espetáculo no âmbito dos ícones, das sugestões, uma vez que não agradaria aos festeiros banharem-se de chope gelado literalmente.

Durante os bailes, havia quem aproveitava apenas para assistir e jantar. Os jantares ou lanches eram servidos nas mesas que ficavam no entorno da pista de danças e em outros compartimentos do Centro Comunitário. Quando a festa foi transferida para o centro esportivo Carecão, no ano de 2002, as refeições eram realizadas em determinado espaço da pista de dança, separado por pequenas grades, já que este ginásio era relativamente maior que o anterior.

No cenário que se formava, havia aqueles que faziam suas refeições e os festeiros que dançavam interagindo com os músicos reforçando a impressão de um espetáculo. Assim, as pessoas “vinham para viver o evento: para ouvir os outros também, para tomar parte de uma manifestação coletiva” (ECO, 1984). As mesas eram ofertadas gratuitamente para um grupo determinado de pessoas como: grupo de danças, prefeito e vice-prefeito, delegado, major e cabo (IECLB, 1999e, p. 9)³⁵, as demais pessoas necessitavam pagar por uma mesa. Isso demonstrava uma diferenciação social por compor um grupo de autoridades ou de colaboradores do evento, pessoas consideradas figuras importantes para a festividade.

Ainda sobre os preparativos da festa, para tudo isso funcionar, cada membro da IECLB ficava encarregado de alguma função tanto antes, durante e após o evento, a qual geralmente era dividida por gênero. Em entrevista com o membro A. B. (2020) soube-se que: *“É ali era só trabalho. Aí nós pegava todo mundo junto [...] cortava folhas de palmeiras, ia nos mato. Eu ajudava bastante isso, nos primeiros. E aquela cipreste pra enfeitar, que as mulheres que enfeitavam o salão”*.

Em todas as edições analisadas, às mulheres cabia a parte de decoração, da culinária desde o preparo até a venda. Já aos homens eram destinadas atividades de líderes, algo que também não deixa de ser representado no próprio desfile do *Bierwagen*. No depoimento de S. B. (2020), há a presença dos trabalhos que eram reservados às mulheres:

F. [membra da igreja] veio aqui costurar as bonequinha. E a L. [membra da igreja] vinha aqui. A gente se reunia aqui ou ali na igreja, na N., pra deixar tudo pronto pro dia. Muito serviço e muita vontade das pessoas pra trabalhar. E o mais pesado foi no dia. Então, lá em cima no Centro Comunitário, levar tudo aquela comida pra cima. Tudo aqueles prato. Levar pra baixo lavar, levar de novo pra cima.

As festas, por sua vez, eram ornamentadas com as folhas de palmeiras e ciprestes que os homens coletavam, e, com as flores e as bonecas que as mulheres confeccionavam. Aos homens também era destinado o ato de escolher e negociar as bebidas que seriam consumidas, bem como as carnes para o churrasco. As mulheres tinham como tarefa cozinhar os demais componentes dos pratos; os homens precisavam assar a carne e servir as bebidas. Eles ainda cuidavam da venda de bonecas e de toda a parte financeira da festa.

Inicialmente, as decorações no ambiente do baile eram exageradas. Muitas fitas coloridas de papel crepom ficavam presas nas extremidades do teto do ginásio, unindo-se ao

³⁵ Ata da sessão realizada em 06 de abril de 1999.

centro. Ali havia uma ou até três coroas, compostas por um aro de metal envolto de ciprestes e flores de papel crepom. Nessas coroas, eram penduradas as bonecas do baile.

Cada casa de vendas de fichas de bebidas eram enfeitadas com correntões de papel ou ciprestes. Igualmente, os ciprestes forravam o telhado, o que lembrava as antigas casas enxaimel com telhado de palha, no “típico” estilo germânico. Nas casinhas, também havia flores de papel, bem como nos corrimões, na cozinha e na copa. Além delas, existiam cestos de flores, alguns confeccionados em miniaturas e que eram vendidos como uma lembrança daquela festividade por jovens tipicamente trajadas. As mesas eram todas enfeitadas com papel especial do evento onde havia a presença do Vovô Choppão. O acesso da festa era todo forrado de galhos de palmeiras com flores de papel, esta característica foi uma constante em todos os bailes. E, por que não contar como parte da decoração e da teatralidade a própria equipe trabalhadora do evento? Estavam todos trajados tipicamente para servir o outro, pertencente ou não a sua etnia, convidando-o a mergulhar naquele passado recriado no presente por meio de gestos, cumprimentos, danças, sabores, músicas, e decorações.

Nessa festa também se encontrava o público jovem que brincava. Havia crianças, muitas delas vestidas tipicamente. Aproveitando sua presença, os adultos mais próximos a elas ensinavam-nas a dançar ritmos fáceis, como a polca, ou até cirandas para participar dos grandes círculos feitos com os festeiros. Nesse cenário, é clara a percepção do cuidado com a perpetuação da tradição. Do ensinar para dar continuidade, para a tradição não acabar, assim como supostamente “chegou da Alemanha” deverá permanecer para as próximas gerações, como uma herança, um patrimônio que revela o *Deutschtum* da comunidade.

Dentre tantos detalhes, o grande destaque do baile, assim como os músicos, era a realeza composta por bonecas sacadas durante o baile. Era uma tradição do *Kerbfest* a presença das bonecas, que inspirada nas festas de Piratuba/SC, sofreu transformações ao longo das festividades. S. M. B. (2020) revela, em entrevista, como foi o processo de confecção das bonecas:

[...] a gente se reunia no nosso pavilhão ali, e daí se confeccionava. Chamava uma turma de mulheres, as que tinha. E daí a gente pegava aquela garrafa de cerveja mesmo [...]. E daí tinha senhoras, por exemplo, a S. B. [membra da igreja] confeccionava os vestidinhos e a N. P. [membra da igreja]. É, e daí a gente montava, cortava de revista o rostinho, e fazia de algodão as primeiras, só mais tarde, daí já, com as modernidades que vinha, já tinha os cabelinho pra comprar, daí a gente enrolava, por exemplo, numa tampa, e colava aqueles cabelinhos. Era trabalhoso, mas valeu a pena.



Ilustração 10 - Diferentes bonecas vendidas ao longo das edições dos bailes de Kerbfest

Fonte: Elaborada pela autora com base em imagens captadas em seis vídeos.³⁶

A fala de S. M. B. (2020) já trouxe um histórico da confecção, onde inicialmente sua matéria-prima era uma garrafa de cerveja. De certa forma, assemelhava-se com a silhueta da mulher tipicamente trajada – como se observa na compilação de imagens de bonecas (Ilustração 10: bonecas A até a D), com um colete que suprimia o abdômen e um vestido que apresentava volume da cintura para baixo. Inicialmente, os vestidos eram costurados e a cabeça era composta por rostos de mulheres impressos em revistas, sendo estes rostos, recortados e colados na frente de uma bolinha de algodão (Ilustração 10: bonecas A, B e C). Havia, ainda, uma coroa para distinguir a realeza, pois a primeira boneca era chamada de rainha; as duas seguintes eram as princesas e as demais eram mais simples, não fazendo parte da realeza, ou seja, não possuindo coroas e suas roupas eram mais singelas (Ilustração 10: percebe-se a boneca A como rainha devido à presença de sua coroa). Os braços das bonecas eram feitos de arames com pequenas flores artificiais em suas extremidades, sugerindo um buquê (Ilustração 10: bonecas A e D).

Posteriormente, as bonecas começaram a receber cabelos sintéticos, e mais tarde, em vez de um rosto de recorte de revista, recebiam uma cabeça de bonecas de plástico (Ilustração

³⁶ A) II Kerbfest (1994a); B) III Kerbfest (1995c); C) III Kerbfest (1995b); D) VI Kerbfest (1998b); E) VIII Kerbfest (2000c); F) X Kerbfest (2002b).

10: bonecas E e F). Dessa maneira, os ornamentos se sofisticavam com mais detalhes na cabeça, como flores ou chapéus. Aos poucos as bonecas deixaram de possuir um corpo de garrafa, para ter um corpo de tecido (Ilustração 10: bonecas E e F).

Segundo S. M. B. (2020): “[...] isso depois não dava mais, porque o pessoal começava a cutucar na boneca. E ela caía e quebrava, né?. E daí era perigoso, né? E daí, por isso, depois, optemo por comprar a boneca mesmo”. Com intuito de zelar pela segurança dos festeiros, as bonecas foram se sofisticando. A última registrada em vídeos estava rica em adornos, com cabelos bem detalhados, olhos de acrílico e aparência cada vez mais humana (Ilustração 10: boneca F). Outra possível consideração das mudanças estéticas surgiu pela demanda dos festeiros que adquiriam as bonecas, ou seja, buscou-se agradar os compradores com uma peça com mais detalhes decorativos, ainda que fossem produzidas com aquilo que estava ao alcance das artesãs e no mercado de confecção da época.

A compilação das imagens das bonecas acima exibida (Ilustração 10) demonstra as modificações que as bonecas passaram ao longo das edições da festa. Assim como nos desfiles e no processo de escolha para a rainha da festa, a boneca se revestiu do “espírito do *Kerbfest*”, contendo todos os elementos de representação do *Deutschtum*. As bonecas, de certa forma, representavam as mulheres do *Kerbfest* de Seara.

As bonecas faziam parte de um ritual presente em todas as edições da festa, o ritual de sua retirada e exaltação. Segundo atas e gravações referentes às festividades, as bonecas eram vendidas por um valor fixo estipulado pela diretoria. A boneca rainha, a mais rica em detalhes, era a mais valiosa. Posteriormente, vinham as princesas, as quais tinham custo reduzido pela metade em comparação ao da rainha. Já as demais bonecas possuíam valores inferiores com relação à realeza.

Durante os bailes, o casal que desejava sacá-la demonstrava seu interesse com sinais, cutucando-a ou fazendo-a rodopiar sob a coroa. Assim, os responsáveis pela venda se aproximavam munidos de caderno e caneta para registrar o nome do comprador, receber o dinheiro e pendurar outra boneca abaixo da coroa. O casal que conseguia sacar a boneca dançava, segurando-a e exibindo-a para todos da festa. Ao mesmo tempo, os festeiros faziam uma ciranda em torno do referido casal ou aplaudiam, dançavam, cantavam e gritavam como uma maneira de parabenizar o saque (Ilustração 10).



Ilustração 11 - População dançando ao redor de um casal que comprou uma boneca no II Kerbfest

Fonte: II Kerbfest (1994a).

A disputa pelas bonecas mais caras representava um poder econômico; em geral, a rainha era adquirida por pessoas com maior poder aquisitivo. Entendendo as bonecas como representação de uma realeza feminina, e na perspectiva de Wollf (2001), era um privilégio para o casal poder escolher dançar com a rainha ou as princesas do baile e tê-las para si. Algumas vezes, as bonecas eram compradas coletivamente em grupos de amigos para festejar em conjunto; desse modo, a exaltação passou do âmbito de um casal para uma coletividade.

Nesse ritual de compra da boneca, nem a coroa safava-se da diversão. Em algumas edições, ela era comprada e as pessoas brincavam de aprisionar os demais casais do baile nela. Na sexta edição, a banda que animava desafiou as pessoas a comprar a coroa “*para ver quem vai ser o rei da festa*” (VI KERBFEST, 1998b). Entendeu-se, então, que na festa além da boneca rainha e das princesas, havia o rei que era aquele que comprava a coroa com um custo elevado, superior ao da boneca rainha. Revelaram-se sutilmente os valores atribuídos aos gêneros, onde o rei possuía valor superior ao da rainha e das princesas; e, materialmente falando, uma coroa e uma boneca podem possuir o mesmo valor, dependendo de sua confecção.

Dentro desse cenário de um suposto passado germânico, havia decorações de outras etnias, bem como sua presença como coadjuvantes desse espetáculo. Em algumas edições, também compunha a decoração um cartaz pintado à mão com a figura de um personagem sem trajes típicos, descalços, deitado em uma rede e bebendo chope de um barril que estava suspenso em uma árvore. Tal ilustração estava próxima à copa, e representava um sujeito não pertencente à etnia teuto-brasileira, porém entrando no “espírito do *Kerbfest*” searaense. Mais

tarde, na sétima edição (1999), tinha uma ilustração semelhante com a anterior, mas com sapatos e barrigudo. Nesta ilustração, havia as seguintes frases: “Eu não tenho pressa. Quem bebe morre. Quem não bebe?” Essa frase, assim como as duas pinturas, foram sugestivas e possuíam uma variedade de interpretações. Elas podem ser interpretadas na perspectiva profana proposta por Eliade (1992) como uma festa apenas para beber. Mas também podem ser interpretadas como uma manifestação do “espírito do *Kerbfest*”, expresso pela escrita e imagem, onde o exagero, a bebedeira, o não cotidiano ou o momento de extravasar faziam parte da celebração da vida.

Além dessas representações, mais um fator evidenciava sutilmente a presença de outras etnias, como os patrocínios por exemplo. Muitos dos patrocínios para a elaboração dos eventos eram doados por famílias ítalo-brasileiras de destaque social do município. Seus sobrenomes estavam estampados em fichas de vendas de bebidas e alimentos, nos papéis de mesa, nos canecos vendidos, evidenciando uma renegociação das etnias (NODARI, 2009).

A partir da sexta edição (1998), as festividades começam a apresentar um caráter mais prático por parte da organização e decoração. As várias fitas coloridas presas ao teto deram lugar a largas faixas de TNT e a correntões de cipreste com flores de papel. As cores que compunham as faixas eram “verde, vermelho, branco e amarelo” (IECLB, 1999c, p. 5).³⁷ Mostraram-se sugestivas, já que vermelho e amarelo compõem a bandeira alemã, já as cores verde, branca e vermelha compõem as bandeiras italiana e searaense. Contudo, a junção das cores pode ser interpretada de diferentes maneiras, por exemplo: junção da etnia teuto-brasileira com a ítalo-brasileira ou a teuto-brasileira searaense.

As casinhas, antes tão ornamentadas com folhas de ciprestes, passaram a ter propagandas, ou apenas ter algumas flores de papel. A festividade, então, mostrou seus primeiros sinais de desunião no trabalho coletivo referente aos enfeites, o que foi alegado com unanimidade entre os membros entrevistados como sendo a maior dificuldade na elaboração do *Kerbfest*: “*Chamar o povo pra trabalhar, [...] porque eram poucos*”, como relatou S. M. B. (2020):

Além disso, diminuiu-se consideravelmente o número de bonecas confeccionadas. No ano de 1998, foram feitas 60 bonecas; em 1999, 31 bonecas (IECLB, 1999b, p. 3).³⁸ No ano de 2000, foram reduzidas para dez unidades (IECLB, 2000d, p. 15-16)³⁹; em 2002, confeccionou-se apenas uma boneca. Com a análise das gravações dos bailes, percebe-se um

³⁷ Ata da sessão realizada em 16 de março de 1999.

³⁸ Ata da sessão realizada em 05 de março de 1999.

³⁹ Ata da sessão realizada em 22 de março de 2000.

intervalo gradativamente maior na compra de uma boneca e outra, e a insistência dos músicos em estimular as vendas; contudo, conforme a festa passou a atrair um público mais jovem, foi diminuindo o interesse pelas compras das bonecas e ocorrendo maior volume de vendas de chope e cerveja.

Os festeiros também abandonaram seus trajes típicos para usarem apenas adereços, tais como chapéus ou flores nos cabelos. Até mesmo o grupo de danças de Seara tirava os trajes após as apresentações culturais para, em seguida, retornar com uma camiseta própria que os identificava como um grupo. Percebendo essas mudanças por parte dos festeiros, a coordenação pensou em estratégias de reunir essa nova maneira de representação comunitária para festejar. A presença de crianças também diminuiu, porque o fórum decretou que estas deveriam permanecer com seus responsáveis somente até as 22 horas (IECLB, 2003, p. 47).⁴⁰

Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) tenha entrando em vigor em 1990, isto é, antes da primeira edição da festa, já havia preocupações por parte da organização do *Kerbfest* quanto à entrada de crianças no evento. Apesar de a festa apresentar caráter familiar, possuía a presença de bebidas alcoólicas. No art. 149 do estatuto, está proibida a entrada de menores de idade em eventos sem o acompanhamento de responsáveis legais (BRASIL, 1990). Isto posto, foram consultadas as legalidades no fórum do município como demonstra um breve registro em 1999: “No fórum para ver a questão dos menores” (IECLB, 1999d, p. 7).⁴¹

As restrições tornaram-se maiores com as críticas vindas do sistema de saúde sobre a festa. Esse fato consta na monografia de Sabrina Mores (2004, p. 17), em trecho no qual menciona o *Kerbfest* de Seara e de demais cidades catarinenses:

A iniciação ao uso de bebidas alcoólicas é vista não apenas com tolerância pela sociedade, mas pelas famílias que ainda vivenciam as práticas do Kerb, e associam o uso do álcool uma forma de “curtir” a vida, de prazer, de diversão e de autoafirmação, como também incentivam, acham “graça” nas crianças que experimentam.

Percepções e críticas como essas podem ter intimidado a organização da festividade em manter suas edições. Sobre isso, S. M. B. (2020) argumentou que houve um possível declínio: “*Daí eles alegavam que vinham bastante gente no hospital de noite. Aí, no fim, aconteceu que a gente tinha que pagar até pro hospital os médicos. Uma taxa, porque eles tinham mais trabalho por motivo das bebedeira. Daí, né?*”. Nesta fala, no trecho “eles

⁴⁰ Ata da sessão realizada em 15 de abril de 2003.

⁴¹ Ata da sessão realizada em 30 de mar. de 1999.

alegavam” a entrevistada referiu-se ao poder público ligado à saúde. Nesta análise, conclui-se que o *Kerbfest* foi interpretado e reduzido a apenas uma festa de consumo de bebida por alguns festeiros, ou seja, sem o caráter cultural e religioso, não se considerando as preocupações da organização com a presença de menores de idade que estariam frequentando a festa. A organização precisou, então, encontrar soluções para manter a continuidade do *Kerbfest*.

Dessa forma, a fim de incentivar a venda de ingressos antecipados, a estratégia utilizada pela organização foi: a equipe que comprasse 50 ingressos ou mais ganharia uma mesa (IECLB, 2001b, p. 21).⁴² Isso estimulou a criação de blocos para a festa. As referidas informações, contidas nas atas, já deixaram a entender isso; assim, ao analisar os vídeos dos bailes anteriores, constatou-se que a referida mesa seria utilizada para colocar um barril de chope, já que o valor da compra de um barril seria mais acessível aos membros dos blocos. Logo, percebe-se um estímulo da organização para obter maiores lucros vendendo mais ingressos e, conseqüentemente, mais barris de chope.

Além disso, “[...] idosos, patrocinadores, grupos de danças, autoridades e as pessoas que trabalharam e seus acompanhantes não pagaram ingresso” (KERBFEST, 2001, p. 13), o que se configura como outra estratégia adotada pelos organizadores a festa. Apesar de a reportagem do jornal apresentar sutilmente quais eram as pessoas que tinham livre acesso aos bailes devido à sua relevância social, também apontou que os trabalhadores e seus acompanhantes não pagariam ingresso para facilitar o alcance de maior número de trabalhadores. Ainda, segundo S. M. B. (2020): “[...] teve épocas que a gente tinha que chamar até de outras comunidades. Assim, né? Outras religiões. A católica, por exemplo, vinha trabalhar de garçom, porque a gente não conseguia o suficiente dos nossos”. Esse comentário de S. M. B. revela a dificuldade gradativa em conseguir pessoas para o trabalho comunitário. E a festividade pareceu exigir mais estratégias logísticas para atrair o público.

Nesse sentido, inicialmente, houve uma negociação antecipada com o Coral São Daniel; afinal, esta instituição faria uma festa na mesma data do X Seara *Kerbfest* em 2002. O coral cedeu o dia; mas, em contrapartida, a IECLB assumiu o compromisso de vender 200 ingressos do evento do coral e auxiliar com o serviço de garçons (IECLB, 2001d, p. 29).⁴³

Começaram, a partir de 2002, a surgir registros referentes às trocas de visitas para as comunidades que eram convidadas para a festividade. Foram negociados ônibus vindos de

⁴² Ata da sessão realizada em 16 de abril de 2001.

⁴³ Ata da sessão realizada em 26 de setembro de 2001.

Nova Estrela, Ipira/SC e Cunha Porã/SC (IECLB, 2002b, p. 34)⁴⁴, além de Concórdia/SC, Arvoredo/SC e de Canhada Grande – comunidade de Arabutã/SC (IECLB, 2002c, p. 35).⁴⁵ Outra estratégia foi de aumentar a venda de ingressos oferecendo 10 deles para serem sorteados a cada rádio contatada na região, o que funcionava como publicidade do evento (IECLB, 2002a, p. 32).⁴⁶ E, mais, para incentivar a venda antecipada, também fizeram sorteio de barris de chope e de cervejas para consumo nos bailes. Como resultado, obtiveram a um lucro muito superior após adotarem tais estratégias.

Este dado não foi apenas divulgado pelo jornal Folhasete, onde consta que: “[...] o público foi o recorde. O consumo de bebidas também foi o maior registrado no evento. Foram cerca de 4 mil litros de chope e milhares de latas de cerveja. O consumo de chope só não foi maior porque as 42 bombas à disposição foram insuficientes para atender à demanda” (GRANDE, 2002, p. 6). Também se observou o lucro superior com a análise dos registros de atas, onde os presbíteros fizeram as prestações de contas para a comunidade; contudo, esta pesquisa teve acesso apenas ao livro de atas a partir do ano de 1999; logo, a tabela apresentada a seguir exhibe os lucros disponíveis de 1999 até 2005.

Tabela 1 - Levantamento de entradas e saídas e lucros do *Kerbfest* de 1999 a 2005 (valores expressos em reais)

| Ano | Entradas | Saídas | Lucro |
|------|---------------|---------------|---------------|
| 1999 | R\$ 50.064,67 | R\$ 28.376,85 | R\$ 22.387,82 |
| 2000 | R\$ 49.887,67 | R\$ 28.421,75 | R\$ 21.539,00 |
| 2001 | R\$ 40.916,00 | R\$ 30.093,97 | R\$ 10.822,03 |
| 2002 | R\$ 66.431,50 | R\$ 42.833,61 | R\$ 23.597,89 |
| 2003 | - | - | - |
| 2004 | - | - | R\$ 17.318,16 |
| 2005 | R\$ 60.033,47 | R\$ 47.044,11 | R\$ 12.989,36 |

Fonte: Elaborada pela autora com base nas atas da comunidade de Seara.⁴⁷

Nas atas da comunidade de Seara não constam a quantidade de bonecas ou de bebidas vendidas, apenas os valores de entradas e saídas e o lucro em reais. Nem todos os cálculos foram transparentes, como no ano de 2000 – cujo lucro foi maior do que os cálculos de

⁴⁴ Ata da sessão realizada em 19 de fevereiro de 2002.

⁴⁵ Ata da sessão realizada em 01 de abril de 2002.

⁴⁶ Ata da sessão realizada em 05 de fevereiro de 2002.

⁴⁷ A Tabela 1 foi criada com base em todas as atas consultadas durante esta pesquisa.

entrada e saída. No ano de 2003, não se encontrou nenhum registro referente à prestação de contas da festa. Em 2004, consta apenas o lucro do evento. Isso sugere uma série de possíveis equívocos, ou pela ausência do secretário e de seu vice, ou a ausência da ata na reunião. Não foi possível apurar as razões da ausência desses dados.

Acerca do ano de 2001 (nona edição), foi evidente que os lucros sofreram uma queda. Os organizadores justificaram o dano devido à chuva. Em depoimentos ao Folhasete: “A esperança é que para o próximo ano o número de visitantes aumente, pois, se não tivesse chovido, esse número seria maior” (KERBFEST, 2001 p. 3). Todavia, na avaliação dessa edição (2001), feita pelos organizadores, houve descontentamentos. No registro consta: “resgatar o kerb e não só fazer um bailão. Fazer uma noite cultural, folclórica”; e, percebendo as mudanças sofridas ao longo dos anos, eles acrescentaram: “colocar junto com a decoração explicação para o porquê da decoração” (IECLB, 2001c, p. 21).⁴⁸ O grupo deixa claro uma necessidade de maior representação da identidade teuto-brasileira e luterana durante as festividades.

Ao entrevistar um dos membros da coordenação para entender esse declínio que ocorreu nas festividades, S. M. B. (2020) revela:

[...] muita exigência também, porque... Mais assim, do hospital, porque daí, às vezes, as pessoas tomavam demais. Daí eles alegavam que vinham bastante gente no hospital de noite. Aí, no fim, aconteceu que a gente tinha que pagar até pro hospital os médicos, uma taxa, porque eles tinham mais trabalho por motivo das bebedeira. Daí, né? E daí foi... Quebrando, quebrando... Assim, muitas exigências também do Bierwagen, né? Que, muito jovem, assim, que pulavam dos caminhões. E daí a gente ficou com medo de se um se quebra alguma coisa. Daí a comunidade teria que arcar com essas despesas. E aí foi [...] ano 2000 ainda deu festa grande... Meeeu! No tempo do L. [pastor] ali, que já era no Carecão [Centro Esportivo]. Vamo dizer, os primeiros três, quatro anos deu muita, muita festa ali. Só daí depois... Muito, eu acho, o medo de que acontecesse algo, né? Assim. Não dava mais, e não dava mais lucro... Vamo dizer... E a gente... diminuiu agora por almoço, né?

Segundo os entrevistados, os motivos para um possível declínio do *Kerbfest* de Seara foram as leis e os decretos que impediram o funcionamento da tradição da festa. Por esse motivo, o consumo de bebidas em garrafas de vidro foi proibido; a noite deixou de ser frequentada por crianças; as bonecas não foram mais confeccionadas com garrafas de vidro; era obrigatória a presença de seguranças, revistar as pessoas que entrariam na festa, além de disponibilizar uma viatura de pronto-socorro. Outras restrições foram voltadas ao *Bierwagen*,

⁴⁸ Ata da sessão realizada em 27 de abril de 2001.

como a distribuição de bebidas alcoólicas, visto que poderiam ser destinadas a menores de idade por um mediador, por exemplo.

Seguindo a lógica de Hobsbawm e Ranger (1997), os costumes mudam porque a vida muda, mas a tradição permanece. Nesse sentido, alguns costumes podem ser adaptados para que uma festividade continue sendo realizada, como a produção de bonecas sem garrafa para a segurança das pessoas. E a presença da boneca em si foi uma tradição. Mas com as mudanças de costumes, o *Kerbfest* sobreviveu e sobrevive em Seara/SC.

De acordo com a lógica de Nodari (2009), o processo de colonização do oeste catarinense fez com que as etnias tão bem definidas como teutas ou ítalas fossem se reinventando e renegociando suas práticas culturais. Segundo a autora, as festas, por exemplo, são eventos que estreitam as relações entre as diferentes etnias, representam uma das bases para o processo de renegociação das práticas socioculturais. E essas práticas de negociação foram profundas no *Kerbfest*, pois a população teuto-brasileira não era predominante no município. Então, para a festividade iniciar e continuar, foi preciso acordar com outros grupos – tanto para obter patrocinadores, bem como participantes da festa, já que não era restrita a um único grupo.

Esses acordos foram observados em outros pontos da festa, como: no *Bierwagen*, onde as diferentes etnias sentiram a necessidade de ter uma representação e assim se mostraram; nos desfiles para escolha da rainha e das princesas, visto que as candidatas desfilavam representando um ideal feminino proposto pelos organizadores do *Kerbfest* de Seara; e nos músicos, os quais tentavam agradar o público plural com músicas populares.

Na maioria das edições, eram contratadas duas bandas. A mais requisitada era a Banda Choppão, de Montenegro/RS, principalmente porque se apresentava em outras festividades de tradições germânicas. Destacavam-se, ainda, Os Montanari – que surgiu em 1958, em Concórdia/SC; porém, seus componentes residem em Blumenau/SC desde 1977 –; Nave Som e Nova Era, estas que também animavam eventos de regiões próximas.

Por fim, com o surgimento de várias outras festividades no município e na região, a organização do evento pensou que a troca de visitas seria uma solução para atrair maior público. Essa prática consiste em convidar grupos de comunidades de outras localidades da região; no caso de haver a participação, o grupo que fez o convite deve retribuir a visita. Tais estratégias iniciaram na décima edição, em 2002, cujo saldo monetário arrecadado foi superior ao dos demais anos pesquisados.

Analisando as atas da organização, percebeu-se que os interesses voltados à festividade foram esmaecendo aos poucos e que, nos registros, prevaleceram assuntos de

outras ordens, tais como: realização de estudos bíblicos, manutenção da igreja, horários de realização de ensino confirmatório, entre outras preocupações.

Logo, presume-se que as diversas estratégias pensadas pela organização para a festa ter continuidade foram interpretadas pela própria equipe de forma negativa, causando desânimo diante da falta de pessoas envolvidas no trabalho, como alegam os cinco entrevistados e se verifica no aporte teórico.

Em suma, o *Kerbfest* searaense foi uma festa de caráter religioso e cultural, composta de quatro momentos: abertura, culto, *Bierwagen* e bailes, que buscou estratégias para representar a etnia teuto-brasileira. Em razão das suas inúmeras edições e de necessidades ou impasses que surgiram, o *Kerbfest* passou por modificações ao longo dos anos com o intuito de dar continuidade à tradição e retomar ao caráter religioso.

4 O TEUTO-BRASILEIRO NO *KERBFEST*: IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E PATRIMÔNIO

O *Kerbfest* mostrou muitos elementos voltados aos valores e aos bens culturais do teuto-brasileiro. Neste capítulo, a etnia foi analisada como uma construção histórica, problematizando-se essa festividade e suas conexões com outros eventos locais. Já os elementos da festa foram interpretados como representações étnicas com seus valores identitários. Por fim, o estudo das representações da festa apontaram para seu caráter de patrimônio teuto-brasileiro searaense. Para isso, foram consultadas obras que concernem aos assuntos abordados além de fontes primárias, sendo elas: registros orais, atas, pôsteres e gravações audiovisuais de edições do *Kerbfest*.

4.1 O TEUTO-BRASILEIRO E O *KERBFEST* DE SEARA

Esta seção pretende compreender alguns aspectos voltados à etnia teuto-brasileira além de entender o *Kerbfest* como uma modalidade festiva que tem características próprias de cada comunidade. Foram observadas semelhanças com outras *Kerbfesten* de localidades distintas e também com outras festas germânicas, como as *Oktoberfesten*. Além disso, investigou-se as maneiras como o passado imaginado foi representado.

A etnia predominantemente representada na festa é fruto de uma construção histórica. Cabe aqui citar algumas características de etnia: “[...] é definida por uma cultura, um povo e uma língua comum” (SEYFERTH, 1981, p. 126). A etnia teuto-brasileira possui em sua germanidade (em seu *Deutschtum*) valores físicos espirituais e morais. O teuto-brasileiro é carregado de valores nacionalistas alemães, e tenta memorá-los por meio dos costumes, das características, do “espírito alemão” além de sua língua. O indivíduo que nasce nessa cultura, procura manter os costumes, ainda que sua cidadania seja brasileira. Para isso, as instituições que dão suporte a essa manutenção do *Deutschtum* são a escola, a igreja, a família e as sociedades e os grupos recreativos (SEYFERTH, 1981).

No caso específico de Seara, as igrejas, a família e os grupos recreativos deram suporte ao *Deutschtum*. Cabe mencionar que, no município, foi organizado um grupo de dança folclórica alemã, cujas danças eram coreografadas e repassadas através de um grupo recreativo da cidade gaúcha de Gramado. Segundo Voigt (2018), os grupos de danças folclóricas alemãs foram criados no Brasil na década de 1980, sendo idealizados por instituições que, a partir do desfecho da Segunda Guerra Mundial, arrecadaram fundos para o

programa Socorro a Europa Faminta. Esse autor acrescenta que este programa foi capaz de movimentar várias famílias da região sul do Brasil cujos parentes viviam na região da atual Alemanha, arrasada pela Segunda Guerra Mundial (VOIGT, 2018). Na organização deste programa estavam padres católicos, pastores luteranos, a imprensa e economia gaúcha. Voigt (2018) explica que essa foi uma das primeiras tentativas de rearticulação das elites teuto-brasileiras com a Alemanha após o período nacionalista de 1930.

Assim, frutos dessa relação entre os países, foram criados os Clubes 25 de Julho que atuavam em esfera local em diversos municípios do sul do Brasil, onde se fomentavam atividades sociais como: aulas de língua alemã, bailes, festas e diversos jogos. Além disso, o autor salienta que tais clubes serviam como espaço para a formação teológica luterana antes da criação da Escola Superior de Teologia (EST) de São Leopoldo/RS em 1946, esta que foi a base de formação para os pastores da IECLB. Em 1936, foi fundada a Federação 25 de Julho com o apoio da Embaixada Alemã, cujo objetivo era disseminar entre os descendentes alemães a literatura alemã, lutar por escolas alemãs no país e conceder bolsas de estudos para teuto-brasileiros. Com intuito de criar lideranças para atender às demandas dos Clubes 25 de Julho, foi criada a Associação Cultural de Gramado; esta, então, criou a Casa da Juventude em 1965. Segundo Voigt (2018), a Casa da Juventude foi a base para a formação de grupos de danças folclóricas alemãs a partir da década de 1980. Nessa instituição, professores de danças vindos da Alemanha ensinavam aos folcloristas os passos de danças; esses, por sua vez, repassavam o conhecimentos para as agremiações que estavam distribuídas pela região sul do Brasil. Na agremiação que atende o Alto Uruguai e o Vale do Rio do Peixe, está o grupo de danças *Freude der Schmetterlinge Volkstanzgruppe aus Seara* – Grupo de Danças Folclóricas Alegria das Borboletas de Seara. Uma importante informação é que a agremiação do Alto Uruguai e Vale do Rio do Peixe tinha como um dos principais representantes da regional Sr. Edemar Sunti, o qual, além de ser representante da regional de Seara, ocupou o cargo de Segundo Diretor Cultural da Associação Cultural de Gramado entre os anos de 2015 a 2018 (VOIGT, 2018).

Voltando ao contexto desta pesquisa, a partir dos estudos de Voigt (2018), constata-se que, apesar de o município de Seara não ter criado uma instituição de caráter germânico, organizou um grupo de dança com o objetivo de disseminar o folclore alemão no Brasil. Esse grupo foi organizado em 1995 e seu nome homenageia Fritz Plaumann (X KERBFEST, 2002a). O grupo possuiu fundamental relevância nos processos de representação do teuto-brasileiro. Além desse grupo, a igreja e a família eram locais onde ainda se preservavam os costumes alemães, mesmo após o período nacionalista da Era Vargas.

Como menciona Voigt (2018), a IECLB possuiu papel fundamental para a criação de um folclore germânico no Brasil; afinal, fez parte de uma elite intelectual que atuou em escolas com valores germânicos no Brasil anterior a década de 1930 e também atuou e apoiou na formação de associações culturais germânicas.

No contexto de sua instalação em Seara, apesar de a IECLB tentar possuir caráter missionário, ainda carregava consigo traços de seu passado alemão, tais como: cantos, hinos, e até mesmo os próprios registros de atas das comunidades eram feitas em alemão, por exemplo, a encontrada em Linha Taquarimbó⁴⁹ (Seara). Conforme a análise das atas, o princípio da IECLB de Seara era composto por teuto-brasileiros, até porque, quem não tinha conhecimento da língua, não conseguiria acompanhar os cantos entoados na igreja. Contudo, esta era uma realidade inicial; posteriormente, ocorreram várias reformas clericais, as idas e vindas de pastores que ministravam em outros lugares do país (como o norte, por exemplo), e novos fiéis integraram-se à igreja oriundos de outras etnias, o que se evidenciou nas atas onde estavam seus sobrenomes. Logo, a IECLB de Seara tomou outra postura de inclusão, tentando deixar de lado ou, pelo menos manter de forma velada, o *Deutschtum*.

Contudo, as festividades atreladas à igreja afloraram o *Deutschtum*. Além do *Kerbfest*, nos bailes de casais e nas macarronadas da OASE esteve a culinária e a música alemã. Em algumas cerimônias, como as natalinas, Seyferth (1981) aponta que, a árvore de natal, é um elemento considerado da cultura alemã e cultivados pelas populações tanto católicas quanto luteranas. Além disso, a este componente, pode-se aliar a *Osterbaum* – a árvore que possui ovos coloridos pendurados em seus galhos secos para celebrar a páscoa (COSTA, 2020). Entretanto, como explica Burke (2010), há elementos híbridos, isto é, os resultados das trocas culturais – por exemplo: o macarrão anteriormente citado, e as árvores de natal e de páscoa que também foram utilizadas em outras culturas.

A família é muito importante para manter esses elementos, pois é através dela que a criança é socializada na comunidade. Para Seyferth (1981), a educação que recebe de uma família determina suas atitudes dentro de uma comunidade étnica. Para a autora, o bilinguismo é admissível na esfera pública devido às relações políticas e econômicas que vigoram, onde o português deve ser utilizado. Entretanto, no âmbito familiar, o dialeto alemão

⁴⁹ Este livro de atas apresenta os processos de perda do domínio da escrita do alemão para o português, onde principiaram as anotações em alemão no ano de 1940 por um pastor. Em alguns anos, essas anotações foram feitas em português por outros pastores, e também retornam ao alemão em algumas passagens escritas por membros do presbitério. Quando as escrituras das atas passaram a ser feitas pelos presbíteros, há trocas de palavras de alemão para o português e vice-versa. Além disso, é uma escrita baseada na fonética, o que revela um português com sotaque alemão.

deve permanecer. Royer (2017) traz, em seu estudo, o uso do dialeto Hunsrück (variedade dialetal trazida por imigrantes germânicos oriundos da região da Renânia Central), falado no sul do Brasil. Apesar de essa autora voltar seu estudo à cidade de São Carlos/SC, pode ser compreendido em Seara. O Hunsrück era a língua materna de vários teuto-brasileiros, que se identificavam como “alemães” justamente pelo conhecimento e uso, de forma recorrente, desse dialeto. Caso o Hunsrück não fosse muito falado, outras práticas de origem germânica também eram comuns no cotidiano privado, por exemplo: músicas e culinária (ROYER, 2017).

Além do dialeto e da religiosidade, havia outros valores pertencentes à cultura teuto-brasileira. São eles: ética ao trabalho, o associativismo, o rigoroso respeito às hierarquias e às leis, a valorização da iniciativa privada e à família, a manutenção das tradições e o isolamento regional e municipal (VOIGT, 2013).

Destaca-se que o trabalho foi compreendido como um elemento sagrado para o teuto-brasileiro luterano. Meyer (2000) defende que a Reforma Protestante deu outro olhar sobre a noção de plenitude, a qual, segundo o catolicismo, seria alcançável somente após a morte. Para a autora, Lutero traz a ideia de que o sagrado pode estar presente na vida e que relaciona o trabalho com a “vocação” ou ao “chamado divino”, algo que em alemão é traduzido como *Beruf*, termo que, em português, significa “profissão” (MEYER, 2000).

O teuto-brasileiro do *Kerbfest* de Seara pareceu desconhecer a Alemanha contemporânea. Ou, ainda, os descendentes não identificavam a diferença entre a antiga e a atual configuração política e geográfica da Alemanha. Foi algo ideologicamente construído a partir dos imigrantes mais velhos ou da primeira geração. Tal ideologia apresentava os valores étnicos do grupo que foram passados ao longo das gerações, como: os costumes, a superioridade do trabalho etc. (SEYFERTH, 1981).

Ainda pensando na história do tempo presente, os teuto-brasileiros se definem como cidadãos brasileiros com descendência alemã e que seguem as tradições que receberam como herança de seus pais e avós. A germanidade não é pensada nesse sentido como uma fidelidade à Alemanha, como era pensado no período anterior à era nacionalista brasileira. No município de Seara não houve escolas com alfabetização na língua alemã. No tocante a escrita, é possível que apenas os mais antigos soubessem escrever; e alguns, possivelmente, teriam passado esse conhecimento para seus filhos. Quanto à língua, no caso, o dialeto era utilizado em âmbito familiar e na comunidade; por esse motivo, um pouco mais difundido até hoje.

Aos poucos, com a perda do domínio da escrita em alemão, e a diminuição do uso da língua ou dialeto, a identificação étnica voltou-se mais à sua descendência, aos costumes e às

tradições como as festividades. Assim, de acordo com Silva, Hall e Woodward (2014), entende-se que a identidade étnica não é um dado, ou um fato. Não é fixa, nem é estável ou unificada. Ela é uma construção, um processo em constante transformação. Também é instável, contraditória, fragmentada e inacabada, ligando-se à narrativa e ao poder.

Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 189-190) trazem importantes contribuições de Barth para se refletir sobre a identidade étnica, esclarecendo que um grupo étnico representa

[...] uma população que: 1) perpetua-se biologicamente de modo amplo, 2) compartilha valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais, 3) constitui um campo de comunicação e de interação, 4) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo.

Essa definição é aplicada para os teuto-brasileiros, uma vez que, até então, perpetuaram-se desde os tempos de migração, compartilham os valores citados anteriormente, possuem uma língua em comum, e também se identificam como diferentes das outras etnias. Poutignat e Streiff-Fenart (2011) alertam que seria ingênuo acreditar em uma possível definição de uma unidade étnica a ponto de conseguir encontrar uma totalidade de traços que definem uma identidade da outra. A isso se atribui o teuto-brasileiro, conforme apresentado, o qual se configura como uma etnia historicamente construída. Também definem como uma atitude ingênua acreditar que a base da diversidade étnica seja o isolamento geográfico.

Sobre esse tema, Poutignat e Streiff-Fenart (2011), ao abordarem estudos feitos por Barth, acrescentam que pensar essa unidade resultaria em escrever uma história de uma população separada de todas as outras, como se fossem ilhas, o que dificilmente ocorre dado ao contato com sistemas institucionais da sociedade global. Apesar de as empresas colonizadoras estabelecerem regiões distintas para a colonização entre imigrantes de origem germânica e italiana, as trocas no meio econômico e político ocorriam em Seara. Barth considera que essa dinâmica resulta em uma multiplicidade de possíveis campos de articulações.

Em Seara, a etnia pode possuir costumes voltados ao privado; porém, com a industrialização e urbanização, não vivem apenas em comunidades rurais; dividem espaços com outras etnias, entre eles: escola, trabalho etc. Essas práticas são analisadas por Barth como parte de um sistema poliétnico, onde, embora pertença a uma identidade, um indivíduo pode assumir diversos papéis sociais (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Nessas sociedades poliétnicas, as restrições devido à identidade são mais compreensivas; afinal, há amplos espaços de diversidade cultural em atividades domésticas, por exemplo. Logo, com o

fenômeno da industrialização, o município ganhou características de uma sociedade poliétnica.

Poutignat e Streiff-Fenart (2011) explicam que, na teoria de Barth, as etnias não são permanentes, pois sofrem mudanças ao longo dos anos. Isso foi percebido com a imagem da teuto-brasileira apresentada por Pedro (2004), que traz os ideais femininos publicados em jornais dos séculos XIX e meados do XX. A mulher daquela época possuía valores que foram representados na festa como uma tentativa de reconstruir um passado, mas este estereótipo se modificou com o passar dos anos. Compreende-se, no presente, como uma descendente de imigrantes alemães que possuem alguns valores culturais herdados, por exemplo, a língua.

Por fim, nota-se que, conforme destacam Poutignat e Streiff-Fenart (2011), a etnicidade se autodefine e não é definida por outros. Compreendendo que existem fronteiras entre os grupos, as demarcações definem-se entre “nós” e “eles”. Ou seja, para os autores, há uma linha demarcatória entre os membros e os não membros que são autodefinidos. E tais autodefinições estiveram nos depoimentos de S. M. B. (2020):

Tinha muito poucos alemães. E, daí, mais italianos, né? Então, a gente pode falar isso. Que, na época, eles faziam diferença da gente, porque, assim, quarenta e poucos anos, né? Que a gente mora aqui, era totalmente [diferente]. Eles olhavam meio grande pra gente. Porque “aqueles alemães”, eles diziam. Mas a gente não se importou com isso. E, daí, eles diziam: Ah, esses alemães, como é que eles vão organizar uma festa dessas? E, no fim, a gente ficou muito feliz, porque anos era a festa maior, dá pra dizer de todo o município, todo... Quase Santa Catarina também, né? Assim, vamos dizer, nos anos 97, por aí, eu acho que [...].

No depoimento, ficam evidentes a clara diferenciação entre as etnias no município de Seara e o olhar diferenciado para o outro. Notou-se a presença de estigmas que, para Poutignat e Streiff-Fenart (2011), serviam para minimizar a importância da identidade étnica (neste caso, dos teuto-brasileiros) e a capacidade de fazerem uma festa. Contudo, os estigmas apresentados no depoimento não impossibilitaram as trocas de elementos étnicos para a realização das festas.

Para Barth, o interessante é analisar por meio das fronteiras étnicas as relações entre os grupos, seus pontos de articulações, suas trocas e interações. Os grupos étnicos possuem categorias que se manifestam nos signos (como vestuário, língua, moradia) e em padrões de moralidade; contudo, nessas categorias, podem ser inseridos conteúdos diferentes dos traços culturais evidentes (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Dessa maneira, os grupos étnicos mudam, bem como seus traços culturais e suas fronteiras. Esses aspectos foram identificados no estudo da festa, porque, como já descrito, foram inseridos alimentos e

músicas de outros grupos culturais, o que, de certa forma, também mudou as concepções do que é característico de um *Kerbfest* Searaense.

Para Barth, quando culturas diferentes interagem, as diferenças entre elas se reduzem; afinal, a interação delas requer uma congruência de códigos e valores (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Isso foi percebido nos desfiles do *Bierwagen*, onde as etnias participantes exibiam seus diferentes vestuários, suas músicas, seus elementos que consideraram representativos de seu grupo; porém, todos eles são representações de etnias que estiveram no processo de colonização do município. As ações de festejar, dançar e cultuar são práticas presentes em todos os grupos.

Porém, como foi analisado neste estudo, por trata-se de uma festa teuto-brasileira, em vários momentos a representação de signos considerados como elementos de pertença é negociada com outras etnias, por exemplo, os critérios para a seleção da rainha e princesas do baile. Barth menciona que, para haver uma relação interétnica estável, é necessário um conjunto de prescrições e proscricções entre os grupos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). No caso da festa, foram atribuídos critérios para a seleção das princesas e da rainha; e as concorrentes, independentemente de sua identidade étnica, puderam participar do concurso. Compreendendo a disseminação de várias etnias nas sociedades industriais, Barth sugere que se reflita sobre quais são as estratégias abertas e utilizadas por um grupo étnico em uma sociedade industrial e poliétnica. No caso de Seara, é preciso questionar: “quais foram as estratégias abertas utilizadas pelo teuto-brasileiro para a constituição da festa?”.

Nos estudos de Barth, entre as possíveis estratégias a serem tomadas por grupos étnicos, a que esteve de acordo com as atitudes tomadas pelos organizadores do *Kerbfest* de Seara foi: “[...] escolher o realce de identidade étnica, utilizando-a para desenvolver novas posições e padrões, para organizar atividades, naqueles setores que antigamente não eram encontrados em sua sociedade, ou não eram adequadamente desenvolvidos para os novos objetivos” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 220). A identidade teuto-brasileira da comunidade da IECLB de Seara, como meio de angariar lucros para a igreja e também de manifestar a sua identidade, criou o *Kerbfest*. Esse evento tem-se adequado às adversidades que o tempo e o espaço impuseram. O *Kerbfest* sofreu influências externas, foi aberto para que outras etnias participassem e, com isso, ocorreram trocas de experiências e demandas do público, bem como adequações a normas e leis nacionais e locais.

Para Barth, a sobrevivência de uma etnia depende de estratégias, de estar aberto para mudanças (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011). Nas edições da festa, esses fatores ficaram evidentes, por exemplo, nas atitudes da organização quanto aos concursos de carros

alegóricos no *Bierwagen*. Quando as etnias deixaram de ser representadas por meio de símbolos, optou-se por eliminar a competição e permanecer apenas com o caminhão do *Bierwagen* para distribuir bebidas ao som de músicas típicas, podendo, assim, exibir as características étnicas que a própria organização desejava apresentar. Outra estratégia foi convidar pessoas de outras etnias para auxiliarem no trabalho de organização e preparação da festa. Também foi utilizada a troca de visitas com outras comunidades como forma de ter uma garantia de público presente. Essas alternativas encontradas contribuíram para a manutenção da festividade.

O *Kerbfest* de Seara, tema analisado nesta pesquisa, foi uma festa que reuniu e representou a população teuto-brasileira; mas, acima de tudo, foi um evento característico do município. Assim, cabe mencionar que existem diferenças na comemoração deste evento em cada comunidade.

Na historiografia das festas promovidas em Santa Catarina, o *Kerbfest* foi relatado de diferentes maneiras. Lenzi, Salvador e Konder (1989) observam que os sentidos podem ser atribuídos desde uma confraternização em família, uma comemoração do dia do padroeiro, ou aniversário da inauguração da igreja.

Lenzi, Salvador e Konder (1989) trazem relatos de pessoas do município de Peritiba/SC que apontaram como uma festa do padroeiro da igreja católica e como um propósito para conseguir unir os familiares que moravam distantes devido aos processos de colonização que os dispersaram pela região sul do país. As missas eram realizadas nas igrejas, já os almoços nas casas das famílias com seus visitantes. E, posteriormente, era feito um baile em esfera comunitária. O interessante é o fato de não terem comentado sobre o uso de trajes típicos. Lenzi, Salvador e Konder (1989) citam apenas que as pessoas geralmente usavam roupas novas para essa ocasião. Os autores relatam, ainda, que as bonecas eram leiloadas e não vendidas; assim, em Peritiba o modo de angariar recursos era diferente do praticado em Seara.

Sobre a cidade de Maravilha/SC, Lenzi, Salvador e Konder (1989) relataram que a festa possuía seu significado voltado ao aniversário do templo luterano. Havia culto e baile. Neste último, as pessoas entravam em uma competição pela procura e captura da boneca escondida durante a madrugada. Quem encontrasse a boneca, assumiria o compromisso de trazê-la para o baile no dia seguinte. Além disso, o evento apresentava vários momentos de diversão com jogos.

Já em São Carlos/SC, Royer (2017) aponta as características da festividade como voltada ao santo padroeiro de cada comunidade da paróquia católica, e que, por sua vez, cada

comunidade comemorava seu próprio *Kerbfest*. Também descreve que uma das particularidades da festa era o leilão da boneca e que o valor lançado era em cervejas e não em dinheiro propriamente dito. Para Driemeier (2002), em Arabutã/SC, a festividade possui um único sentido, e teme que este se perca e se torne leigo. Para a autora, o “Kerb é o dia do aniversário da igreja protestante” (DRIEMEIER, 2002, p. 283).

Por outro lado, com a revisão da literatura referente à festividade no estado catarinense, foi possível notar que o *Kerbfest* tem pontos em comuns: eram consideradas festas de confraternização, voltadas ao sagrado (católico ou luterano), possuíam a presença da boneca do baile e remetiam a um passado de colonização. Também apresentavam descendentes alemães oriundos da segunda fase da imigração alemã que migraram do Rio Grande do Sul para Santa Catarina.

Então, integrando todas essas características, o *Kerbfest* searaense mostrou suas particularidades. Tal festividade apresentou grande grau de trocas de experiências, pois festeiros de outras comunidades que comemoram o *Kerbfest* também poderiam trazer elementos vivenciados da mesma modalidade festiva. O que pode ser uma justificativa ao que explicou S. B. (2020), que afirmou: “*A boneca era leiloada. Quem dava mais, arrancava ela. E a gente ia lá e colocava outra*”. Mesmo depois de interrogada sobre a constância do leilão em demais eventos, S. B. (2020) voltou a afirmar que sempre foram leiloadas. L. D. A. (2020) assim atestou: “*A primeira era leiloada, [...] depois era um valor fixo cada uma*”.

Contudo, em análise das gravações e também das atas das organizações dos eventos, não foi constatado, em nenhum momento, um leilão das bonecas nas edições do *Kerbfest* searaense. Isso reforçou a lógica de que a memória foi composta por imagens que retrataram o passado, e que, portanto, poderiam ser representadas de maneira equivocada e confusa (HALBWACHS, 1990).

Se essas memórias dos membros que compuseram a coordenação de algumas edições mostraram-se confusas, possivelmente as comemorações do *Kerbfest* possuíam conexões e trocas de experiências vividas de uma festividade para outra, surgindo uma confusão sobre à qual festividade se referia uma recordação. Essas conexões fomentariam ainda mais a ideia de que a festa era algo criado, planejado, como defendia Hobsbawm e Ranger (1997), de que as tradições são inventadas e que pertencem a um passado construído, idealizado.

O passado histórico no qual a nova tradição é inserida não precisa ser remoto, perdido no tempo [...]. Na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio

passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social [...]. (HOBSBAWM, RANGER, 1997, p. 10).

A isso se explica os motivos pelos quais os entrevistados não souberam definir o significado das bonecas, nem mesmo da coroa da festa. Nesse sentido, alguns elementos da festa não teriam a sua gênese no município, mas eram fruto de conexões com outras *Kerbfesten* promovidas em outras regiões de imigração alemã. E que passou a serem reproduzidas com o passar dos anos em Seara.

Torna-se difícil, portanto, estabelecer uma cronologia acerca da origem do evento; porém, os entrevistados afirmaram que é germânica. Podem entender as festividades com estas características como munidas de um passado supostamente comum entre todos os envolvidos, mesmo quando não fica claro o significado de alguns símbolos festivos. É o que A. B. (2020) comenta sobre a escolha da rainha do *Kerbfest*: “*Isso fazia parte do pacote do Kerb também*”. O entrevistado revela que o importante era a função da rainha como elemento simbólico.

Ressalta-se que o propósito deste trabalho não foi a busca por uma gênese da tradição da festa, e sim entender como foi elaborada no município de Seara, e como construiu laços de pertencimento entre os descendentes de alemães no município entre os anos de 1993 a 2005. O *Kerbfest*, realizado em muitas localidades de colonização alemã, possui características em comum, já que é uma festividade que expressa os costumes e valores da germanidade. Porém, foi possível evidenciar pequenas variações entre as festas.

Em Seara, a festividade foi criada a partir da proposta do pastor R. A. e de C. F., que trabalhava na prefeitura de Piratuba/SC. O *Kerbfest* ganhou características muito semelhantes com as festas de outubro, como: a *Oktoberfest*, comemorada em cidades como Itapiranga/SC desde 1978, Blumenau/SC desde 1984, Santa Cruz do Sul/RS também desde 1984 e Igrejinha/RS desde 1988 (para citar as *Oktoberfesten* de maiores proporções).

As festas de outubro eram baseadas nas *Oktoberfesten* de Munique, na Alemanha, estas que, por sua vez, iniciaram em 1810, mas as festas no Brasil iniciaram entre o final da década de 1970 e a década de 1980 (VOIGT, 2018). Voigt (2018) esclarece que foi nessa última década e também dos anos 1990 que os grupos de danças folclóricas “alemães” começaram a ser difundidos no sul do Brasil. E esse também foi um período de amplas manifestações germânicas no país. Logo, fazendo uma análise com o *Kerbfest*, compreendeu-se que – da mesma maneira que as *Oktoberfesten* – o *Kerbfest* foi uma festividade criada e

construída no Brasil, com base na festa da Alemanha do século XX e não uma herança que os imigrantes germânicos trouxeram de seu país de origem.

Outra consideração relevante foi a influência regional, que não pode ser descartada, como defende o pastor R. A.; em momento de prédica, esse religioso sugeriu a criação da festividade no município, conforme relado no vídeo do VIII Kerbfest (2000a). Além disso, em depoimento, A. B. (2020) lembrou as inspirações para a organização da festa: “[...] *a nossa comunidade ali, ela já tinha certa experiência em fazer que nem Arabutã fazia, Nova Estrela fazia, Canhada Grande, Taquarimbó. O pessoal se reunia, e aí foi. E o pessoal se... Um ajudando o outro, até que deu certo ali também.*” Essa fala indica, portanto, que já havia um conhecimento prévio entre os organizadores com os *Kerbfesten* das proximidades de Seara.

Pensando a festa como fruto de uma influência regional, ficou mais difícil imaginá-la como uma herança dos imigrantes. Até porque, como anteriormente dito, o início da imigração alemã no Brasil ocorreu em 1824, período em que a atual Alemanha não estava unificada enquanto nação, fato que ocorreu apenas em 1871. Falava-se de reinados e ducados como da Baviera, da Prússia, onde várias regiões tinham suas especificidades; dessa maneira, não era possível falar de uma “Alemanha” nem de imigrantes “alemães”, mas sim que os que ali habitavam falavam a língua alemã – o mesmo que ocorre no Brasil, segundo Voigt (2018), visto que a língua alemã varia de acordo com as regiões de onde vieram os imigrantes, como o dialeto Hunsrück, bastante recorrente no sul do Brasil.

Logo, utilizou-se uma série de práticas que os imigrantes germânicos tinham no Brasil, e, mais tarde, categorizou-se como práticas “alemãs”, como se todos os imigrantes das diversas regiões germânicas comemorassem as mesmas festas, dançassem as mesmas danças, comessem as mesmas comidas e bebessem as mesmas bebidas. Ou seja, nas palavras de Meyer (2000), os imigrantes alemães não devem ser compreendidos como um grupo homogêneo, porque eram oriundos de diversas regiões e ocupavam cargos sociais e econômicos diversos – desde camponeses e servos a intelectuais –, até mesmo sua língua era diversificada, pois ela compreendia diferentes regiões de onde os imigrantes vieram.

Gertz (2013) relata que o sul do Brasil “se agitou” quando um teuto-brasileiro luterano entrou no poder presidencial do país. Quando Ernesto Geisel entrou no poder, houve uma “[...] intensificação das festas étnicas e do cultivo de símbolos de uma identidade alemã por parte de algumas comunidades – mesmo que com fins turísticos” (GERTZ, 2013, p. 10). Geisel permaneceu no poder até o ano de 1979, sendo motivo de alegria para a comunidade

teuto-brasileira que lutava por espaços políticos após a passagem da repressão da era nacionalista de Vargas.⁵⁰

Essa hipótese levantada por Gertz (2013) pode ter influenciado na ampliação das manifestações germânicas no sul do país, a exemplo de clubes e centros culturais, assim como festividades que buscavam inspiração na Alemanha para festas como a *Oktoberfest*.

Como forma de legitimação, procurou-se um passado imaginado, buscaram-se características comuns, como uma maneira de união. Por intermédio das relações que a igreja luterana possuía com a Alemanha de auxílio mútuo, desde o período posterior à Segunda Guerra Mundial com o Socorro para a Europa Faminta, até o incentivo de criações de instituições como clubes recreativos, bolsas de estudo, e construções de novas igrejas, foi criado um sentimento de união entre os teuto-brasileiros. E essa união, por sua vez, cresceu após o período de repressão da Era Vargas, impulsionando nos teuto-brasileiros a busca por representatividade.

Como já foi mencionado, os grandes grupos culturais do Rio Grande do Sul influenciaram a disseminação do folclore germânico, como a criação do grupo de danças de Seara. Voigt (2018) assevera que professores alemães vinham para a Casa da Juventude em Gramado/RS para ensinar os passos de dança aos grupos. O autor aponta que essas danças eram oriundas de estudos folclóricos da Alemanha escritas entre o fim do século XVIII e o século XIX e compreenderam um conjunto de práticas e costumes provenientes dos anos 1500 a 1800. Segundo Voigt (2018), o trabalho dos folcloristas alemães foi de “reconstruir um povo” onde as elites intelectuais da época trabalharam para catalogar uma série de fenômenos e práticas culturais da população, como foi o caso dos irmãos Grimm⁵¹, por exemplo. Surgiram, posteriormente, muitas histórias transmitidas oralmente, bem como danças, cantos, músicas, entre outros elementos, que compunham uma “tradição alemã”. Contudo, o autor salienta que foram entendidas como folclore alemão as danças das diversas regiões que nos séculos XVI e XVII não compreendiam a atual Alemanha. Logo, estes elementos culturais “resgatados” por folcloristas contribuíram para a criação da consciência de uma nação alemã.

⁵⁰ Em seu artigo, Gertz (2013) apresenta a luta da Igreja Luterana, mais especificamente o Sínodo Riograndense após 1945 contra a repressão sofrida devido ao seu culto à germanidade. Apresenta os desejos dos pastores sinodais para um desvincilhamento do culto à germanidade para conquistar espaços políticos e não serem mais vistos como uma “ameaça alemã” no país.

⁵¹ No século XIX os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, de Hanau, estudaram direito, mas abandonaram seus estudos na área para a literatura. Foram professores e atuaram no campo da História e da Filologia, porém o maior êxito foram as suas narrativas. Segundo os irmãos, estavam apenas escrevendo histórias que escutavam de camponeses e amigos; então, pesquisaram documentos para recolher histórias da atual Alemanha; com isso, acabaram contribuindo para a criação do folclore alemão. Entre seus principais contos, destacam-se: A Bela Adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, João e Maria, Branca de Neve e Cinderela (GRIMM, 2019).

Em suma, as danças típicas, bem como os trajes típicos foram frutos de uma criação na Alemanha trazida para o Brasil na década de 1980, por meio de Clubes Culturais e Recreativos e por festas que fomentavam a disseminação do folclore alemão e assimilados como pertencentes a um passado alemão que deveria ser mantido pelos descendentes de imigrantes alemães.

Segundo Anderson (2008), a ideia de simultaneidade é algo que demorou muito para ser assimilada; além disso, sua percepção foi fundamental para compreender o nacionalismo. Na construção de uma nação, muitas vezes, foram criadas relações entre os acontecimentos sem ligações temporais, o que deu a sensação de existir um tempo vazio e homogêneo. Mas esses acontecimentos relocados no tempo e no espaço ofereceram ao teuto-brasileiro um sentimento de pertencimento às características apresentadas, pois remetiam simbolicamente à Alemanha, e este, por sua vez, era o país de onde migraram seus antepassados.

Em suma, o *Kerbfest* de Seara era uma festa comemorada por descendentes de imigrantes germânicos, mas não se restringiu a esse grupo, pois era aberta à população. A festividade variava de acordo com cada comunidade. Em Seara, era uma comemoração organizada por luteranos, com características semelhantes às *Oktoberfesten* (uso de trajes típicos e apresentações culturais); por outro lado, o *Kerbfest* apresentava suas características próprias que eram tradicionais a essa modalidade festiva, como a presença de flores, cestas, coroas e bonecas. Essa festividade remeteu-se a um passado imaginado, idealizado na Alemanha e trazido para o Brasil por intermédio de instituições que fomentaram a disseminação do folclore alemão. E esse “passado” carregou elementos que despertaram no teuto-brasileiro uma identidade.

4.2 AS REPRESENTAÇÕES DA CULTURA TEUTO-BRASILEIRA PRESENTES NO *KERBFEST* DE SEARA

Nesta seção, analisam-se as representações do caráter teuto-brasileiro no *Kerbfest* de Seara e seus significados na construção de um passado imaginado. Tais elementos manifestaram um sentimento de pertencimento para a etnia e aos religiosos.

Sob essa ótica de afirmação germânica, foram analisados os espaços para festejar. Duvignaud (1983) expõe que nenhuma sociedade deixou seu espaço livre para festejar, cada festa tem seus protagonistas munidos da intenção do que querem representar. Assim, por mais que o *Kerbfest* de Seara tenha apresentado uma diversidade étnica em seus festeiros, ela esclareceu qual a etnia era comemorada, como era comemorada, quais eram os gestos, os

gostos, as danças e a língua que predominou naquele espaço. Embora a população teuto-brasileira no município não fosse preponderante, na festividade mostrava sua relevância, tinha um espaço onde era representada e legitimada. Nessa festividade, o searense e demais participantes vindos de outras localidades aceitaram a cultura teuto-brasileira da festa, aderindo aos trajes, aprendendo as danças típicas, comendo as comidas típicas, aplaudindo o espetáculo.

Duvignaud (1983) acrescenta que um espetáculo precisa de uma plateia para aplaudi-la; caso contrário, tornar-se-ia uma contemplação de si mesma sem interações, sem trocas de experiências, sem novidades, sem a presença do diferente. Até porque a comunicação também ocorre por meio das representações. Logo, para manter essa tradição e, conseqüentemente, uma identidade, foi fundamental que ocorresse a repetição do *Kerbfest* de Seara e, sobretudo, a sua possibilidade de repetição. Isso conferiu a ideia de que, para haver edições da festividade, foi preciso um sistema de trocas entre as etnias.

Ressalta-se que o fato de a festa ter sido uma constante desde 1993 revelou um prestígio e um poder da população que estabeleceu essas trocas do *Kerbfest* de Seara foi considerado pela população como algo positivo para ser repetido e mantido. A representação do passado colonial alemão e do *Deutschtum* foram aceitas positivamente entre as demais etnias, as quais negociaram as possibilidades de suas representações. Isso foi possível em razão de patrocínios e até mesmo pelo auxílio para assar cucas oferecido por panificadoras de famílias pertencentes a outras etnias, como lembra S. B. (2020): “*nóis tinha pedido, ali no Gaffuri, (panificadora) se a gente podia assar lá.*” Outra passagem em que essa negociação foi aceita ocorreu em entrevista realizada na décima edição da festividade (2002), em que um repórter desafiou alguns dos organizadores que estavam trajados tipicamente a falarem alguma palavra em alemão. Estes, então, em língua alemã, comentaram algumas características da festa e convidaram a população para prestigiar o evento. O repórter comentou: “olha, o homem deve ter xingado todo mundo aí. Eu não entendi nada!” (X KERBFEST, 2002b). A partir dessas informações, percebe-se que, mesmo sem compreenderem a língua, os festeiros das demais etnias aceitaram o *Kerbfest* de Seara, quiseram fazer parte dos jogos de gestos e das danças e também aceitaram os sabores. Essa última entrevista revelou a legitimidade da representação, já que, diante da câmera, estavam indivíduos trajados tipicamente e falando alemão, causando a impressão de que todos eram sujeitos oriundos da Alemanha, embora fossem teuto-brasileiros.

A festa almejava revelar uma intenção particular da comunidade. Esperava-se que o evento criasse um reconhecimento, uma contemplação da etnia teuto-brasileira e luterana em

Seara através do que foi projetado ao público. Nos convites feitos pelos organizadores do evento e enviados às autoridades para a ornamentação das sacadas de casas e vitrines do comércio no ano de 2000 (Anexo A), constou que “O *Kerbfest* é uma festa popular”.

Vale mencionar que, para Bourdieu (1996), o conceito de “popular” é manipulável, o que pode ser atribuído tanto às camadas sociais voltadas às classes trabalhadoras como para as demais classes. E esse conceito se estende também para os grupos étnicos. Logo, para o autor, esse conceito depende muito de seu interlocutor. Nesse caso, o sentido que os interlocutores empregaram para o *Kerbfest* era que ela se voltava para toda a população. Era uma ideia que a festividade queria transmitir, ainda que em análise mais detalhada, de algumas reuniões da organização, esse ideal se tornou frágil.

A partir dos significados produzidos pelas representações, foi possível, aos indivíduos, terem experiências da etnia. Desse modo, a festa funcionou como uma influenciadora de gostos com o poder de despertar no “outro”, no não teuto-brasileiro, um interesse pelo imaginário ou por alguns elementos que compunham o cotidiano do teuto-brasileiro.

O público do *Kerbfest* era composto por duas categorias de festeiros: 1) festeiros que se identificavam com a etnia teuto-brasileira; 2) festeiros que participavam da festa por simpatizarem com a etnia teuto-brasileira e luterana. A festa, portanto, se apresentou com grandes características de projeto, isto é, projetou-se para a população, possuindo um objetivo: o “desejo por um espaço”. E este espaço conferiu uma ideia de “lar”, mediante a fantasia e as representações oferecidas aos festeiros – principalmente os teuto-brasileiros.

A noção de lar é mais ampla, vai além do habitar, é carregada de experiências fundamentais da existência dos seres. Seyferth (1981) traz o conceito de *Heimat*, que, no seu sentido mais restrito, é “pátria”, também é derivada da palavra *Heim* (lar em alemão). O *Heimat*, seria, portanto: “[...] o país ao qual uma pessoa está ligada, seja pelo nascimento, seja pela lembrança, seja por herança seja por laços emocionais” (SEYFERTH, 1981, p. 46). Este conceito teria sentido para a pessoa, caso ela estivesse ligada ao *Deutschtum*, isto é, aos valores germânicos presentes no *Kerbfest* de Seara, por exemplo: a língua, a culinária, a música, a dança.

Os elementos ligados à fantasia e aos detalhes decorativos são compreendidos por Duvignaud (1983) como símbolos que são consumidos na festa. Segundo o autor, o símbolo é definido como

[...] um signo que indica uma realidade ausente, tanto mais fascinante quanto de difícil acesso é o objeto desejado ou o obstáculo a transpor se mostra insuperável. A realidade simbólica é o primeiro tempo de uma relação que foge, e que integramos

através do consumo, da nossa participação ou da nossa contemplação. (DUVIGNAUD, 1983, p. 62).

Exemplos dessa realidade simbólica foram as vestimentas dos festeiros e a representação das casas de vendas de fichas com características enxaimel no *Kerbfest* de Seara. Logo, o uso dos símbolos da festa foi uma tentativa de alcançar a realidade imaginada.

Sobre esse último exemplo de busca de “realidade imaginada”, é relevante citar os estudos de Weimer (2005). Este autor esclarece que a técnica do enxaimel iniciou na Europa, conforme comprovam documentos que chegavam a datar 350 d.C. Com o passar dos anos, a técnica começou a ser usada em quase todo o continente, mas foi mais atribuída às regiões germânicas. Para Weimer (2005), o enxaimel surgiu após adaptações feitas nas moradias devido à fácil decomposição da madeira quando era cravada ao solo; dessa forma: “Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre fundações de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que as peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez” (WEIMER, 2005, p. 66).

Como se percebe, a arquitetura em enxaimel foi utilizada a partir da Idade Média na Europa. Weimer (2005) explica que as peças de madeiras na vertical, horizontal e diagonal eram cortadas de tal forma que se encaixavam utilizando pinos de madeira. Para os tramos, era utilizada uma mistura de taipa, adobe, pedra e, mais tarde, tijolos a fim de preencher os espaços vazios, formando as paredes. Weimer (2005) também esclarece que, a partir de 1700, a demanda de madeira não conseguia ser mais atendida; logo, começou a ser usada a pedra. Primeiramente, usavam nos enxaiméis pedras embaixo e madeira em cima, até que, no século XIX, a madeira se restringiu exclusivamente ao telhado. Tais casas eram em sua maioria burguesas.

No período de migração para o Brasil, essa técnica foi trazida pelos germânicos. Segundo Royer (2017), houve adaptações nas casas em território brasileiro devido ao contexto social, geográfico e ambiental ser diferente do europeu. Todavia, a autora explica que esses modelos habitacionais eram bastante utilizados pelos camponeses e que, atualmente, possuem um valor histórico e cultural, sobretudo, pelo fato de registrarem materialmente um modo de viver de um determinado contexto e época. Royer (2017) cita que a arquitetura enxaimel é um dos elementos que distinguem as cidades de colonização alemã em relação às outras.

Por meio da representação que a identidade e a diferença foram estabelecidas. Segundo Silva, Hall e Woodward (2014), com representação, a identidade e a diferença ganham sentido. No caso do *Kerbfest* de Seara essa dicotomia era uma constante, uma vez que

a identidade dependeu da diferença. No *Bierwagen*, por exemplo, eram evidentes as maneiras representativas do teuto-brasileiro, do ítalo-brasileiro e do caboclo. Durante os bailes, essa identidade se fragmentou e expandiu, ocorrendo a divisão em diferentes blocos festeiros.

Cabe mencionar que alguns pratos feitos na festa eram bastante representativos, pois a culinária da festa estabeleceu uma identidade entre os indivíduos. A. B. (2020) afirma: “*não podia faltar cuca e salame cozido, não podia faltar num baile de Kerb*”. Ou seja, para A. B. (2020), a cuca e o salame eram alimentos que faziam parte da identidade da festa germânica, e que, por extensão, eram características que diferenciavam o *Kerbfest* de Seara das outras festas não germânicas do município.

A culinária pode falar muito sobre o indivíduo e sobre seus hábitos. De acordo com Sumerian e Katz (2009), a culinária envolve práticas e saberes acumulados ao longo de anos que podem distanciar ou aproximar quando são comparados com outros sistemas alimentares. Na festividade, bem como no cotidiano da etnia teuto-brasileira, está a combinação dos pratos com diferentes sabores, por exemplo: doces, salgados e chope. Como foi mencionado no capítulo anterior, as mulheres produziam cucas, salames cozidos, joelhos de porco (*einsbein*), batatas cozidas e fritas. Tudo era consumido conjuntamente. O doce não era visto como uma sobremesa, mas sim como parte do prato.

Para Silva, Hall e Woodward (2014), cozinhar é um ato de transformar a natureza em cultura. Assim, o que é servido pode esclarecer sobre a cultura local; afinal, a comida é um meio pelo qual as etnias podem realizar afirmações acerca de si próprias. Percebe-se que na etnia teuto-brasileira, prevalecem alimentos cozidos (linguiça, joelho de porco, batatas etc.), assados (cucas) e fermentados (chucrute, chope e cerveja). O *Kerbfest* de Seara estabeleceu o que era ou não comida, assim como o que deveria ser ingerido. Mas a festa adotou outras variedades culinárias que também eram apreciadas pelo teuto-brasileiro: o churrasco, por exemplo.

Também se verificam particularidades com as danças, pois estas eram definidas pelos organizadores da festa e pelos grupos que dela participavam. E ambos determinavam o que eram ou não passos para as danças, o que seria aceito ou não. Tratava-se de um jogo de gestos, de cumprimentos que contêm seus significados. Os ritmos mais populares eram polcas, valsas e marchas. Quem não conseguia dançar com um par, fazia movimentos com o corpo semelhantes aos dos músicos, como marchinhas e trenzinhos. Os músicos, assim como os grupos de danças, eram grandes influenciadores, mostrando, em seus espetáculos, aquilo que representava a etnia teuto-brasileira.

Sobre esse assunto, Voigt (2018) descreve as preocupações que os grupos de danças folclóricas tinham em relação ao público, pois acreditavam ser fundamental ter danças de integração, onde os dançarinos escolhiam pessoas do público para dançar com o grupo de danças. Nessas ocasiões, na visão de Voigt (2018), eram selecionadas as coreografias mais simples para que o público conseguisse assimilar facilmente os passos da dança.

Nos bailes do *Kerbfest* dava-se preferência às músicas típicas, onde prevalecia o som dos aerofones e percussão. Essas eram conhecidas como bandinhas que, por sua vez, eram categorizadas em dois estilos: com músicas típicas germânicas e aquelas que possuíam outros instrumentos musicais e eram cantadas em língua portuguesa. Embora existissem bandas que tocavam músicas típicas e de outros estilos musicais, a organização da festa era categórica em escolher as bandas que tocavam músicas típicas de *Kerbfest*. Contudo, em dado momento da festividade, as bandas tocavam outras músicas a fim de agradar os diferentes públicos. Inicialmente as festas eram embaladas com músicas típicas germânicas; depois de horas de festa, abria-se o espaço para o “outro”, para outras músicas, outros estilos. Mas não se descarta a possibilidade de os teuto-brasileiros apreciarem as músicas populares.

Existem duas maneiras de pensar a identidade cultural: aquela que se volta a busca de uma verdade no passado, e aquela percepção de olhar para a identidade como um “tornar-se”, sem esquecer seu passado, mas consciente de que pode mudar o presente, como algo imaginado (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014). Estas duas maneiras de pensar apareceram nas falas dos pastores em seus cultos festivos.

Havia pastores que tentavam legitimar a festa com a lembrança daqueles que: “*vieram de longe, [...] que atravessaram o oceano em busca de novas terras e novas oportunidades de vida*” (III KERBFEST, 1995a), e que, agora, festejam os processos de colonização com a adaptação do europeu no Brasil.

Há outros pastores que direcionam seus cultos como um compartilhar de alegrias com os seus semelhantes, olhando o festejar como algo necessário do homem. Como revela a prédica do pastor R. A. proferida no III Kerbfest (1995a):

A vida é fortemente determinada pelo mundo que a cerca, à sua volta estão constantemente forças que ameaçam, exploram e oprimem. Para o cristão, mesmo em meio a tudo isso, a vida tem sentido, e este é determinado a partir do agir de Deus em favor do homem, do ser humano, da mulher. Em Cristo o Deus liberta o ser humano das forças propagadoras da não vida, de morte, colocando-o a serviço, em favor de seu semelhante. Por isso, nesse culto, queremos afirmar que festejar é preciso, até como uma resposta ao amor de Deus.

Além disso, dava a possibilidade de um coral de outra religião, como a católica, cantar nos cultos ao lado dos corais luteranos, como em 1995, o pastor R. A. convidou as pessoas presentes no culto para que assistissem aos dois corais: o Treze de Maio (luterano de Canhada Grande, distrito de Arabutã/SC) e o São Daniel (coral católico de Seara), dizendo: “*E nós vamos ouvir, antes do final do nosso culto ainda, o coral de Canhada Grande com duas canções, e uma terceira, que vai ser cantada pelos dois corais juntos [acompanhado do Coral São Daniel]*” (III KERBFEST, 1995a). Esse posicionamento do pastor R. A. está de acordo com as estratégias da teoria de Barth que foram explicitadas nos estudos de Poutignat e Streiff-Fenart (2011); afinal, para que uma festa consiga espaços, os cultos eram pontos de articulação para a presença de outras etnias.

Além dos cultos festivos que apresentavam o lado sagrado, também existiam representações do sagrado nas comemorações, por exemplo, o uso de palmeiras, as quais eram bíblicamente utilizadas nas festas da colheita no Antigo Testamento (BÍBLIA, 1988). As palmeiras eram utilizadas para ornar o templo, onde também se fazia o compartilhamento de alimentos artesanais, e também para ornar o *Bierwagen* que apresentavam os valores de partilhar as bebidas distribuídas às pessoas.

O *Kerbfest* não deixa de possuir um caráter de confraternização e de comemoração das colheitas, pois um dos símbolos da festa em Seara eram as cestas, lembradas pelos organizadores como um meio para guardar os alimentos leiloados para a igreja. A presença das flores em cestos e também na decoração de todo o *Kerbfest* demonstrou valores sagrados. Segundo Eliade (1992), as flores representam a ressurreição da vida. Esse autor faz uma comparação com os jardins que todos os anos voltavam a florir. E essa análise pode ser ampliada para o dia da comemoração da festa em Seara, que sempre foi posterior à páscoa e representa, para os cristãos, a ressurreição de Jesus Cristo, o filho do criador.

O trabalho também era compreendido como sagrado e até mesmo exaltado pelo pastor R. A. em uma de suas pregações:

A pessoa da nossa comunidade se dispõe de semanas de trabalho, se dispõe do seu telefone, do seu carro, do seu dinheiro, do seu combustível, do seu risco, do seu tempo, é uma coisa que a gente não pode deixar de valorizar. Alguns, é verdade, desistem às vezes, por que tem as suas próprias preocupações e trabalhos, mas no meio de tudo isso, eu gostaria de ressaltar esse trabalho voluntário bonito que vem desde o primeiro Kerb [...]. (VIII KERBFEST, 2000a).

O trabalho era coletivo e voluntário, ou seja, que não gerava lucros para uma pessoa, mas para a comunidade religiosa de Seara. Isso gerava nos voluntários a sensação de trabalhar

para um bem comum e maior, atingindo a esfera sagrada para o crescimento e a manutenção da igreja. Portanto, esse trabalho foi considerado simbolicamente sagrado.

Para Eliade (1992, p. 31), o religioso imita as obras divinas: “[...] se os deuses tiveram de espancar e esquarterar um Monstro marinho ou um Ser primordial, para poder, a partir dele, criar o mundo, o homem, por sua vez, deve imitar essa ação quando constrói seu mundo próprio, a cidade ou a casa”. Dessa maneira, associou-se, para o religioso, que os sacrifícios simbólicos – o trabalho, por exemplo – são sagrados por estar destinado à comemoração da edificação seu templo.

O trabalho visto como algo sagrado e positivo entre os coordenadores da festa foi refletido não somente nas entrevistas, mas na própria maneira como se quis registrar o *Kerbfest* quando se elaborou o um projeto encaminhado para a Embratur. Nele consta: “Na verdade, um povo que não valoriza a sua história e suas tradições é um povo pobre. Sem passado e de futuro incerto. Além do que, um povo que se reúne e celebra se fortalece para a vida e para o trabalho” (COMUNIDADE EVANGÉLICA DE SEARA, 2000, [s. p.]). Além de explicitar uma vontade de autoafirmação e uma história para ser contada como uma maneira de preservar as tradições, o convite ressaltou a importância do trabalho voluntário na festa, destacando este como uma tarefa eventual.

A entrevistada L. D. A. (2020) citou que o trabalho voluntário era bom e que sentia saudades daquele tempo: “*Feito as cuca, tudo nós fazia. Tudo mesmo. E trabalhava! Óia nós trabalhava pra fazer os Kerb. Era muito bom! Meu, era muito bom! Era bom demais os Kerb [...]. E, se fosse hoje... Hoje tu tem uma idade, né? [...] Mas era muito bom!*”. Semelhante discurso foi encontrado na entrevista com S. B. (2020): “*[...] subir e descer com aqueles pratos, pra cima, pra baixo pra eu lavar, é muuito trabalhoso, muito, muito trabalhoso. [...] Mais, era divertido! Todo mundo ajudava, todo mundo trabalhava. Era bom!* O tempo destinado ao preparo da festa é encarado atualmente pelas entrevistadas como algo agradável e carregado de saudades, mas será que era compreendido da mesma maneira no passado?

Para Candau (2012), o tempo da memória é diferente do vivido, pois o que é lembrado é desligado das angústias que o tempo vivido carrega. Isso explica, segundo o autor, um possível embelezamento das lembranças desagradáveis que, quando são lembradas, são poupadas das angústias e das incertezas que atormentavam o tempo vivido (CANDAU, 2012). Os entrevistados, apesar de terem demonstrado um embelezamento com o passado, revelaram a preocupação por parte da organização do *Kerbfest* para que o evento fosse bem-sucedido.

O trabalho, então, foi uma das características bastante representadas do *Kerbfest* de Seara nos documentos que foram produzidos sobre essa festividade, nos discursos dos pastores em cultos festivos, e nas lembranças dos organizadores. O trabalho também foi representado nas danças exibidas pelos dançarinos bem como em suas vestimentas. Porém, esse trabalho foi um imaginário compilado pelos folcloristas da Alemanha sobre os anos de 1500 a 1800, como dito anteriormente.

Voigt (2018) comenta sobre as atividades disseminadas no contexto das corporações de ofício, como a dança do tecelão (*Webertanz*) a dança do costureiro (*Schneidertanz*) e a dança do senhor ferreiro (*Her Schmidt*). Explica que os trajes utilizados pelos grupos de danças folclóricas são frutos de um estudo de ilustrações de determinadas regiões da Alemanha com sua fauna, flora, os brasões, o trabalho, a religião e as demais práticas sociais presentes em livros de folcloristas. Voigt (2018) também destaca que esses detalhes dos trajes estão mais presentes nos grupos de danças do que nas roupas disseminadas para a compra e uso de festeiros em eventos de origem germânica. Para este último, o autor coloca que o uso mais comum entre as mulheres é do *Dirndl*, um traje voltado ao dia a dia, de passeio, feito de tecidos leves provenientes da região dos Alpes, Bavária e Tirol (também em algumas regiões da atual Itália); por isso, conclui-se que os trajes utilizados pelas mulheres que estavam representando a etnia ítalo-brasileira no *Bierwagen* tenham semelhanças com a teuto-brasileira. Esse traje possui origem camponesa, e sua nomenclatura volta-se ao termo “menina” ou “moça”. No *Kerbfest* de Seara, o modelo *Dirndl* era o mais utilizado pelas festeiras e também reproduzido nas próprias bonecas do baile.

Convém mencionar que a mulher possuiu um papel de representatividade marcante no *Kerbfest*. A elas eram atribuídos os cargos de mães de uma nação alemã, conforme relata Meyer (2000), com as seguintes características: uma mulher cuidadora, responsável por ensinar, inculcar costumes e comportamentos. No *Kerbfest*, como foi apresentado até então, as mulheres eram as responsáveis pelos alimentos, por transformar a natureza em cultura, pela decoração e as aparências. Para Meyer (2000), no período de imigração as mulheres eram responsáveis por perpetuar a cultura germânica.

Meyer (2000) ressalta que, em tempos de imigração, a literatura (poesia) trazia elementos voltados ao pertencimento nacional atrelados a questões de gênero, como é o caso do termo *Mutterland* como “terra-mãe”, nesse caso à nação, e *Vaterland* como a “terra pai” ou a pátria. A autora faz uma relação e conclui que havia uma noção de casamento ideal entre a terra natal, ou seja, as regiões germânicas com a pátria, o Brasil. Articula, dessa maneira, o ideal de “pai” ao Brasil, onde estaria destinado o lado econômico, quem ditava às ordens, a

quem se devia o respeito; já o ideal de “mãe” estaria ligado ao território germânico. A mãe seria aquela que “gestou e deu a luz”, transmitiu a cultura, produziu o alimento, governou as emoções enquanto o *Heim* (lar) seria um lugar protegido pelo afeto e longe das preocupações políticas e econômicas que foi voltado ao “pai”.

Essa relação pode ser feita com o *Kerbfest* de Seara, pois ao homem cabia o papel de organizar, planejar, dar ordens, ocupando cargos administrativos e econômicos da festa. Enquanto à mulher coube a busca por referências da festa, como fez N. P.⁵² A senhora N. P. foi fortemente referenciada entre as entrevistadas como uma das coordenadoras para a confecção de bonecas e enfeites, como S. B. (2020) deixou em seu depoimento acerca dos enfeites que C. F. de Piratuba/SC deixou para N. P.: “Então, daí a N. P. foi pedindo pra ela como assim. Assim... E daí, então, ela foi. A gente foi pedindo explicação dela, fazendo as bonecas assim. E assim. Ou ela trouxe uma de molde pra nós fazer”.

Além da referência da festa, coube às mulheres o trabalho de confeccionar os enfeites, das bonecas coletivamente, de enfeitar a igreja e de trazer os alimentos artesanais para o culto. Coube a elas cozinhar e apresentar a maioria dos elementos que eram tradicionais da festividade e deveriam ser compreendidos e passados para as gerações futuras.

Nessa ótica, a rainha e as princesas do *Kerbfest* eram escolhidas e julgadas como as que melhor representavam os elementos voltados à festa, e, por extensão, ao *Deutschtum* para o público, servindo como modelo, como padrão.

A rainha e as princesas trouxeram os elementos da *Mutterland*, mostrando para a população um ideal imaginário de mulher teuto-brasileira. Os títulos conferem simbolicamente um grau de soberania, de poder temporário de destaque, o que as diferenciava das demais mulheres que participavam da festividade. Como um dos símbolos da festa, as principais características são: a juventude, o traje típico, carregar flores, ser simpática no *Bierwagen* e nos bailes.

O mesmo conceito se estendeu às bonecas. Por elas trazerem a tradição da festa, estavam em todas as edições, mesmo quando não foram vendidas, como ocorreu nos últimos bailes. A boneca era ornada com trajes típicos e considerada valiosa por carregar esses elementos, sendo motivo de competição. Quem a adquiria a boneca, também a exibia com ostentação. A esse objeto eram atribuídos valor e respeito, pois os festeiros costumavam

⁵² N. P. é uma membra da IECLB e, segundo as atas, fez parte da organização de várias edições da festa. Não foi possível entrevistá-la devido ao contexto global em que esta pesquisa se realizou. As entrevistas foram realizadas com os membros da direção das edições do *Kerbfest* dias antes ao pedido de isolamento social feito pelo Ministério da Saúde como medidas de prevenção contra a pandemia de Covid-19. Por esse motivo, não foi possível agendar uma data para uma entrevista com a senhora N. P.

exaltar quem portava a boneca. Havia um valor sagrado voltado ao *Deutschum*. Sagrado porque o montante por ela arrecadado era investido na igreja. A boneca era um elemento carregado de valor simbólico, que remetia à *Mutterland*, a um ideal germânico de feminilidade.

As necessidades de representação surgiram da vontade de preencher um vazio. Isso pode ser explicado pelo medo de uma suposta ameaça que a globalização poderia causar nas etnias. Entende-se que “[...] a globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizantes” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2014, p. 21). Logo, em visão apressada, considerou-se que as culturas seriam supostamente homogeneizadas devido ao consumo de representações em escala global. Esse medo pode explicar a necessidade de uma autoafirmação. Se por um lado a globalização foi temida pela população e gerou uma necessidade de autoafirmação; por outro, os jovens mostraram uma possibilidade de identificarem-se com os padrões de consumo locais e globais. Os jovens dos anos 2000 foram consumidores desse mercado global, o que foi evidenciado nos desfiles do *Bierwagen*, onde exibiam seus carros sem enfeites, com instalação de grandes sistemas de sons. Todavia, o consumo em Seara apresentou-se no uso de camisetas de identificação de um bloco (confeccionadas nas malharias locais, possuindo estampas com frases e desenhos com características próprias que os identificavam e que remetiam à festa) e nas logomarcas de patrocinadores locais.

Dessa maneira, como aponta Hall (2006), percebe-se que a globalização é capaz de modificar as culturas, mas não a ponto de homogeneizar em algo global. Isso porque, conforme o autor, houve identificações globais e locais. Ao mesmo tempo em que eram produzidas novas identificações globais, também surgiam novas identificações locais. Isto também ocorre pelo fato de a globalização ser um processo que atinge a população de maneira desigual, pois nem todos possuem acesso ao consumo. Embora haja uma necessidade entre as etnias em se mostrarem resistentes às mudanças do tempo-espaço (como ocorreu com o *Kerbfest* de Seara), a festividade sofreu diversas modificações com o tempo e espaço.

Analisar o *Kerbfest* implicou abordar também o que os autores Du Gay *et al.* (1997) definem como um circuito cultural onde houve uma identidade já estabelecida, com seus costumes de fazer festas para angariar lucros para a igreja, com a participação de eventos da mesma modalidade festiva de outras regiões, com o uso da língua e com o consumo de alimentos típicos. Dessa identidade, partia-se para o processo de regulamentação, de estabelecer critérios e normas para uma organização do *Kerbfest*. Todos esses elementos

geraram uma representação do ideal de um “passado” alemão que foi consumido pelos festeiros. E esses elementos poderiam gerar uma influência sobre o não teuto-brasileiro e, com isso, despertar um interesse por esse imaginário que foi consumido e representado na festa.

Desta maneira, a festa também possuiu um interesse comercial. Com o entendimento de consumo desse modo de viver voltado a um suposto passado, houve a mobilização da prefeitura, a qual auxiliou com patrocínios para incluir a festividade no calendário turístico do município. Mostrou que, além do agronegócio, a economia de Seara também se voltava à cultura, pois “na terra da borboleta, do leite, do frango e do suíno *também se toma muito chopp*” (X KERBFEST, 2002c, grifo meu).

Portanto, a festa se encaixaria com um dos propósitos do turismo – realizar viagens por prazer – e, conseqüentemente, estimularia o mercado local devido ao consumo de produtos alimentícios, combustíveis, artesanato e hospedagens, o que traria também maior empregabilidade (OOSTERBEEK, 2007). Porém, essa iniciativa necessitaria de investimentos voltados à infraestrutura, tais como rodovias e até mesmo um local apropriado para uma festividade desse porte, a qual, lembrando, foi realizada durante várias edições, segundo o recorte temporal da pesquisa, próxima a um hospital.

Ressalta-se que, apesar de os entrevistados terem alegado que a festa foi criada em Seara para angariar lucros para a igreja e paróquia, houve também uma necessidade de busca ao “passado” para a elaboração da festa. Ou seja, embora existisse a preocupação com a lucratividade, a festa foi além do consumo, tornando-se um jogo de representações.

Essas representações revelaram uma necessidade de transmitir os valores materiais e imateriais da cultura teuto-brasileira. Bosi (1992) define cultura a partir da etimologia da palavra “[...] As palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*. *Colo* significou na língua de Roma, *eu moro*, *eu ocupo a terra*, e, por extensão, *eu trabalho*, *eu cultivo o campo*” (BOSI, 1992, p. 11, grifo no original). O autor vai além dos termos voltados a agricultura, para a transmissão de conhecimentos e valores para gerações futuras, onde cultura “[...] supõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro” (BOSI, 1992, p. 16). Os aspectos da cultura teuto-brasileira como o trabalho, a arquitetura, questões referentes ao gênero e a língua, foram elementos presentes na festividade e que tentaram através da repetição passar para gerações futuras.

Em suma, na tentativa de afirmar sua identidade, o espaço para festejar foi um lugar para a representação da cultura teuto-brasileira e de um “passado” alemão. Para tornar o

Kerbfest de Seara uma tradição, foi necessária a sua repetição. E isso ocorreu graças às negociações com as demais etnias.

A festa também pode ser definida como uma influenciadora de gostos, que pode despertar no não teuto-brasileiro um interesse pelo cotidiano e imaginário do teuto-brasileiro. Isso ocorreu nas representações que seguiam vários critérios estabelecidos – por exemplo: alimentos, danças, músicas, cultos, compreensões do sagrado e do trabalho, trajes no papel feminino e masculino – que definiam aquilo que seria um “passado” alemão.

4.3 O *KERBFEST* COMO UM PATRIMÔNIO DO TEUTO-BRASILEIRO SEARAENSE

Nesta análise, buscou-se pensar os elementos de representação da festa como um patrimônio do teuto-brasileiro do município de Seara, porque o *Kerbfest* procurou manifestar a germanidade em um lugar compreendido não somente como espaço para festejar mas também como um espaço de memória.

Na festividade reuniram-se, além dos bens culturais voltados a um passado idealizado, os bens que fazem parte da vida do oeste catarinense, em especial das localidades de imigração germânica. Pelo teor de representações de uma identidade coletiva e, principalmente, pelo compartilhamento de memórias em comum de uma comunidade, foi possível tratar o *Kerbfest* como um patrimônio teuto-brasileiro searaense.

Segundo Funari e Pelegrini (2009), a palavra patrimônio deriva do latim *patrimonium*, que, para os antigos romanos, se referia a tudo aquilo que pertencia ao pai (*pater*, o pai de família). Para os romanos, o patrimônio estava ligado diretamente aos interesses aristocráticos. Sendo eles proprietários de terras ou escravos, portanto, seriam possuidores de um patrimônio. Anos mais tarde, conforme destacam os autores, com o surgimento de Estados nacionais, houve uma necessidade de inventar “[...] um conjunto de cidadãos que deveriam compartilhar uma língua e uma cultura, uma origem e um território” (FUNARI; PELEGRINI, 2009, p. 16). Tinha-se, então, formado o nacionalismo, com um sentimento de pertença que os cidadãos deveriam possuir sobre seu território.

Conforme Funari e Pelegrini (2009), atualmente, os sentimentos de pertença extrapolam os ideais nacionais para outros meios como bens materiais – e estes variam desde uma joia até uma fotografia, seja pelo seu valor emocional, comercial ou religioso. Os autores explicam, ainda, que o patrimônio espiritual ou imaterial são os ensinamentos deixados pelos antepassados, a maneira de fazer algo, de dançar, de falar. Citam também a existência de um patrimônio coletivo que são os elementos considerados como patrimônio por uma

coletividade; contudo, ressaltam que a coletividade é composta por diversos grupos, com interesses diferentes e até conflitantes. Esses autores defendem que existem muitos grupos em constantes interações e mudanças; assim, devido a essas multiplicidades, há diferentes pontos de vista sobre o mundo. Portanto, o que para algumas pessoas pode ser considerado patrimônio, para outras não é (FUNARI; PELEGRINI, 2009).

Nessa lógica, o patrimônio foi compreendido como uma herança cultural e coletiva. Importante ressaltar que a definição de patrimônio cultural foi estabelecida na Conferência Geral das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura em 1972 em Paris. A conferência foi resultado de uma série de preocupações voltadas à degradação dos bens culturais e naturais, que se não preservadas “(...) acarreta o empobrecimento irreversível do patrimônio de todos os povos do mundo” (UNESCO, 1972, p. 2). Segundo a conferência, são considerados bens culturais:

[...] - os monumentos: obras arquitetônicas, esculturas ou pinturas monumentais, objetos ou estruturas arqueológicas, inscrições, grutas e conjuntos de valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, - os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas, que, por sua arquitetura, unidade ou integração à paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência, - os sítios: obras do homem ou obras conjugadas do homem e da natureza, bem como áreas, que incluem os sítios arqueológicos, de valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico. (UNESCO, 1972, p. 2-3).

Além das definições, a conferência deixou a cargo de cada Estado identificar e delimitar os bens situados em seu território bem como protegê-lo. Assim, a Constituição Brasileira de 1988 em seu artigo 216, estabelece como patrimônio cultural:

[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I – as formas de expressão; II – os modos de criar, fazer e viver; III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (CONSTITUIÇÃO, 1988).

De acordo com a lei, o *Kerbfest* searaense atende os requisitos por trata-se de um evento que traz elementos materiais e imateriais que referenciam a identidade teuto-brasileira em diversas formas de expressão até então mencionadas neste trabalho. Além disso, apresentam modos de criar, fazer e viver da população teuto-brasileira searaense com intenções de repassar seus aprendizados, seus costumes, suas tradições para as gerações

seguintes por meio da festa. Os meios encontrados para transmitir essas heranças foram por intermédio de suas representações.

Nas representações, foram notadas cenas como a oferta de alimentos artesanais no culto festivo, a produção de alimentos, a dança em casais, as músicas apresentadas, as casas em arquitetura enxaimel e as refeições que misturam cucas com linguças e cerveja ou chope. Estas cenas fazem parte de uma paisagem cultural do oeste catarinense que foram frutos dos processos de colonização.

Sobre o tema, Ribeiro (2007) compreende a paisagem cultural como:

[...] fruto do agenciamento do homem sobre o seu espaço. No entanto, ela pode ser vista de diferentes maneiras. A paisagem pode ser lida como um documento que expressa a relação do homem com o seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. A paisagem pode ser lida como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço. (RIBEIRO, 2007, p. 9).

Portanto, nessa perspectiva, as cenas notadas na festa, e apontadas anteriormente, são consideradas bens que foram aprendidos, herdados, sofreram modificações, mas que representam uma maneira de viver no oeste catarinense.

No Brasil, segundo Ribeiro (2007), Mário de Andrade em seu anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (SPHAN) elaborado em 1936 concebeu o patrimônio como um engenho humano. Assim, as produções materiais e espirituais, as edificações urbanas e rurais, as músicas e demais produções mostrariam o desenvolvimento histórico do povo brasileiro.

Esses conceitos de Ribeiro (2007) certamente se aplicam às relações humanas do oeste catarinense que resultam em uma paisagem cultural, em especial nas regiões de colonização alemã. Mesmo compreendendo dinâmicas ocorridas entre as populações teuto-brasileiras com outras etnias, os traços como a arquitetura enxaimel, as músicas, as danças, os componentes da culinária são elementos que compõem um patrimônio; afinal, possuem um aspecto de vestígio das relações entre o homem e seu meio e revelam as maneiras de se adaptar ao meio no decorrer da história.

As representações citadas como parte do cotidiano local não ficaram inerentes ao *Kerbfest* de Seara; pelo contrário, estiveram em conexão. Além disso, os organizadores se empenharam para perpetuar aquela maneira de viver com elementos germânicos de um passado imaginado. E as formas encontradas pela comunidade teuto-brasileira de perpetuar sua tradição foram criando um lugar de memória.

De acordo com Nora (1993), um lugar de memória é um espaço destinado à repetição do passado sobre um sentimento histórico profundo, um lugar onde o indivíduo ingressa em um tempo cristalizado que sempre começa. Para o autor, lugares de memória são vestígios de uma consciência comemorativa de uma história. Esse espaço, segundo Nora (1993), é uma expressão de uma vontade de uma coletividade envolvida em sua transformação e renovação. Os festeiros adentraram nesse mundo ritualizado, de um ideal de uma Alemanha reproduzida em outras *Kerbfesten* locais, regionais ou das *Oktoberfesten*. Vivenciaram um momento que gostariam de experimentar através da nostalgia, do imaginado, idealizado. Ritualisticamente o evento se repetiu, com algumas mudanças, mas os elementos centrais que caracterizaram a festa permaneceram.

Foi possível definir o *Kerbfest* como um patrimônio teuto-brasileiro searaense pelo fato de os festeiros ali terem um espaço coletivo para comemorarem, havendo ainda, um sentido religioso, com a celebração da vida, o contato com seu Deus e seus rituais e a presença de elementos regionais oriundos de um passado colonial, reportado a uma noção de *Heimat*, de lar, de pertencimento.

Um dos meios encontrados pela etnia para sua representação no município foi através do *Kerbfest*. Todavia, esta festa não ocorreu em um lugar fixo, como um salão de festas, mas funcionou como um trajeto que, conseqüentemente, se transformou em um ritual, um “lugar de memória”. Iniciava com a abertura; em seguida, com culto festivo; depois, com *Bierwagen* e baile – sempre nessa ordem. Cabe mencionar que, segundo Santiago Júnior (2015), patrimônio é um lugar de memória e não a própria memória. Lugar de memória é uma unidade de significados materiais ou imateriais que a vontade da comunidade ou o trabalho dos anos transformou em elementos simbólicos do patrimônio (SANTIAGO JÚNIOR, 2015).

Essa vontade da comunidade apareceu em várias passagens da festa, como os rituais e os costumes já citados os quais aspiravam perpetuar. Esse interesse também consta nos registros em atas, pois os membros em sessão realizada dia 27 de abril de 2001, apontaram: “[...] resgatar o *kerb* e não só fazer um bailão. Fazer uma noite cultural folclórica” (IECLB, 2001c, p. 21).⁵³

Então, quais seriam as diferenças entre o *Kerbfest* e um “bailão”? Os sentidos atribuídos nessa frase valorizaram o *Kerbfest* como uma festa com tradições teuto-brasileiras, com músicas cantadas em alemão, com pessoas trajando roupas típicas, com culto festivo,

⁵³ Ata da sessão realizada em 27 de abril de 2001.

Bierwagen e apresentações culturais germânicas. Já o “bailão” seria um baile com a ausência de todas essas representações, onde o teuto-brasileiro não era o foco da festividade.

Para Reichet (2017) os bailões são compostos por músicas populares regionais e nacionais de diversos ritmos. Segundo o autor, os bailões são lugares frequentados pelas classes populares, e também carregados de certos estigmas vindos de outras classes sociais, designados como locais frequentados por pessoas imorais (marginais e prostitutas). E esses ideais eram contrários aos do *Kerbfest*, cuja festividade voltou-se à celebração em família, à comunidade, e também à esfera religiosa, pois ele também comemorou a inauguração da igreja e a colheita.

Logo, nessa frase registrada em ata em abril de 2001, foi notável o sentimento de pertença da comunidade: ela pertence a “nós”, porque “somos” representados, enquanto em um “bailão” não “somos” representados. Ressalta-se que aparece uma disputa ideológica e estigmatizante entre o “nós” e o “eles”. Essa disputa acabou colocando em xeque o ideal de “popular” que a festividade quis transmitir, pois evidenciou qual população se quis representar, como se quis representar, e temeu que essa perdesse o seu espaço de representação. Na festa, as pessoas podiam exibir sua identidade, seu pertencimento étnico; mas ao som de bandas típicas, comendo seus pratos e dançando os passos que os músicos e os dançarinos ensinaram.

De acordo com Candau (2012), quando o indivíduo recorre às lembranças, essas são moldadas pelo presente, ou de acordo com a posição que o indivíduo toma no presente. Ainda segundo o autor, não é possível reviver fielmente o passado, porque para isso, o indivíduo deveria esquecer tudo aquilo que viveu depois do acontecimento passado. Candau (2012) acrescenta que a evocação de uma memória varia infinitamente ao longo da vida de um indivíduo. Logo, lembrar o *Kerbfest*, ao mesmo tempo, seria reinventar, acrescentar e subtrair alguns elementos simbólicos da festa.

Nora (1993) traz uma importante contribuição quando levanta os lugares de memória como sendo voltados mais para o novo do que para o velho, mais para o futuro do que para o passado. Essa lógica relaciona-se com a festividade, pois houve preocupações com o presente e futuro, uma vez que se intencionou perpetuar ensinamentos, costumes, tradições teuto-brasileiras para as futuras gerações.

Os lugares de memória possuem uma origem antiga (SANTIAGO JÚNIOR, 2015); mas, com a emergência de novas cidades no oeste catarinense, com um passado colonial, os lugares de memória se tornaram mais expressivos, sobretudo quando se trata da memória dos vencedores, concedendo-lhes a vestimenta de heróis que venceram as dificuldades que o

sertão inóspito, desconhecido, lhes apresentava. Assim surgiram os arquivos, os museus, as galerias, as coleções, os monumentos e as festas como lugares onde a memória se fazia emergente. Nora (1993) cita que os lugares de memória nascem a partir da consciência de que a memória não é espontânea; portanto, é preciso registrar, criar arquivos, organizar celebrações, porque é necessário consultar, porque a memória está sujeita ao esquecimento.

O *Kerbfest* foi um lugar de memória, com seu caráter imaginário munido de elementos materiais como as cestas, as flores, as bonecas; e imateriais como as músicas, as danças, os gestos etc. Os bens patrimoniais dessa festa estavam voltados aos valores de comemoração, o que permitiu ao indivíduo ou à coletividade elaborar um sentido de continuidade de um “passado” a ser retomado. Os valores objetivavam perpetuar as tradições teuto-brasileiras.

Apesar de a festa em Seara ter sido idealizada por alguns indivíduos, ela remeteu a uma memória ou a um passado do cotidiano dos organizadores que migraram para o município e quiseram, nessa festa, mostrar seu espaço no município. Mesmo que no *Kerbfest* houvesse vários elementos que faziam menção ao processo de imigração e colonização local, ou seja, algo próprio do município, essa modalidade festiva foi colocada em Seara como uma prótese, uma memória artificial de uma Alemanha lembrada e idealizada pelos organizadores.

Nesse jogo de representações e de negociações por um espaço de memória, as maneiras de expressar a etnia teuto-brasileira na festa foram aceitas como uma das verdades do passado colonial; afinal, não há registro historiográfico específico do passado desta etnia no município. Dessa maneira, foi cedido o direito a memória para essa população. Contudo, esse direito não resultou de lutas por um espaço, porque o sujeito teuto-brasileiro no município de Seara foi compreendido positivamente como um elemento a ser representado. E isso reflete teorias raciais vindas do início do século XX, com o ideal de branqueamento da população, compreendendo o elemento branco como mais apto para o trabalho do que o negro. Portanto, foi estimulada a vinda de europeus, e por extensão, dos alemães e italianos para o trabalho agrícola nas grandes e pequenas propriedades. Assim, inicialmente essa população branca era compreendida como trabalhadores aptos e possuidores de uma genética para o clareamento da população brasileira vista como atrasada (SCHWARCZ, 1993).

Importa lembrar que, na primeira fase de imigração alemã, houve um auxílio por parte da Alemanha para o desenvolvimento econômico do sul do Brasil. Os imigrantes alemães vieram com valores associados ao desenvolvimento, ao trabalho, ao progresso econômico na região sul do país. E, em tempos de colonização da região a qual o município de Seara pertence, conforme revelam os estudos de Radin (2006), havia uma imagem positiva acerca da moral dos trabalhadores brancos europeus. Em geral os imigrantes alemães e

italianos e seus descendentes que se deslocaram do Rio Grande do Sul, em contraposição à depreciação das culturas indígenas e caboclas, que eram consideradas indolentes, inferiores, desqualificadas em todas as esferas sociais, econômicas e culturais.

O teuto-brasileiro não teve de lutar por um espaço, mas sim negociar espaço com as demais etnias, como a cabocla e a ítalo-brasileira, bem como criar um espaço de memória. A necessidade de representatividade ocorreu devido ao seu pequeno número demográfico no município e da necessidade de perpetuação das tradições, e não pela busca por um reconhecimento da etnia, como ocorre com populações indígenas, por exemplo. Dessa maneira, de acordo com Santiago Júnior (2015), os interesses dos grupos e os valores étnicos contidos na memória que atuam num meio social que decidirão o que será ou não preservado. Nessa lógica, Michel Pollak (1989) analisa a memória coletiva da seguinte maneira:

[...] longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação ou violência simbólica, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de “comunidade afetiva”. (POLLAK, 1989, p. 3).

Há nas edições um processo de negociação para conciliar as memórias coletivas e individuais. Ou seja, não é algo imperativo, mas que depende da adesão de um grupo com o outro, quer ele de imigrante para migrante, ou de demais etnias até aqui apresentadas.

A festa compreendida como patrimônio cultural confere ao teuto-brasileiro a noção de cidadania como parte da pluralidade cultural searaense. Como citado no primeiro capítulo, a cidadania para o teuto-brasileiro está ligada ao solo brasileiro, isto é, ao direito ao voto, à liberdade de culto, de comunicação e de educação no Brasil. Assim, a festa foi uma maneira de demonstrar essa cidadania conquistada após a era nacionalista de Vargas. Foi uma forma de a população de Seara representar simbolicamente seus saberes, seus hábitos, seu cotidiano, ainda que de maneira embelezada, resgatando uma Alemanha idealizada; mas, essa é a imagem que os organizadores herdaram de seus pais ou avós e naturalizaram na comunidade.

Em suma, o *Kerbfest* de Seara possuiu como patrimônio elementos materiais e imateriais, tornando-se um lugar de memória que não foi fixo e que possuiu um ritual próprio. Esse ritual, ligado aos elementos patrimoniais, despertaram no teuto-brasileiro da festa uma experiência de pertencimento, mostrando elementos da vida cotidiana do oeste catarinense, em especial das localidades de colonização germânica. A festa também possuiu preocupações com a preservação, o futuro e a perpetuação do *Deutschtum*, isto é, os valores morais,

espirituais e costumes que são a base da germanidade, esta que, por sua vez, foi responsável por criar laços de pertencimento entre os teuto-brasileiros searaenses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, foram analisadas as edições ocorridas entre os anos de 1993 e 2005 do *Kerbfest* de Seara/SC, festividade criada a partir de outros eventos semelhantes realizados regionalmente e visando a representar a população teuto-brasileira por meio do folclore alemão contemporâneo. Esse evento ocorre até hoje, porém com proporções de público menores do que a analisada nesta pesquisa.

Os teuto-brasileiros de Seara, em sua grande maioria, nasceram nas regiões de colonização germânica do Rio grande do Sul, tais como: vales do Rio Taquari, Jacuí e Caí. Essa população, quando migrou para Seara e mediações ainda na primeira metade do século XX, trouxe na bagagem suas práticas culturais referentes a hábitos alimentares, a saberes relativos à construção das casas, às festividades e à religiosidade.

Ao migrarem para um local ainda sem infraestrutura, foi necessário improvisar. Assim o luteranismo, num primeiro momento, foi praticado em Seara provisoriamente nas casas dos fies. No ano de 1985 foi inaugurado o templo da comunidade luterana de confissão evangélica no Brasil. Mais tarde, em 1993, por meio de um pastor, foi sugerida a ideia da festa, que foi aceita pela comunidade. A realização do *Kerbfest* foi pensada para comemorar a inauguração da igreja e foi inspirada em outras festas que eram promovidas em localidades próximas.

As primeiras edições do *Kerbfest* contaram com ornamentação de flores, cestos, galhos de palmeiras. As pessoas vestiam roupas típicas e elaboravam pratos típicos. Também faziam parte da festa a celebração de cultos, os desfiles pelas avenidas do município, com o *Bierwagen* que distribuía bebidas e os bailes que finalizavam geralmente ao amanhecer.

Quanto às edições da festa, nota-se que elas evidenciaram questões de gênero, já que as atividades eram destinadas diferenciando homens e mulheres. Também eram determinados padrões de comportamento durante a festa. Um dos símbolos da festa era a boneca, que representava a beleza e os valores da feminilidade germânica. E obtê-la, por meio da compra, era sinônimo de status.

A organização também passou a ver o *Kerbfest* como uma oportunidade de obter lucro. De acordo com as fontes disponíveis para análise, presentes na Tabela 1, no ano de 2002 a festa obteve maior lucro em comparação com as outras edições. Isso ocorreu devido ao estímulo de que fossem criados mais blocos de festeiros a fim de vender mais ingressos e, conseqüentemente, mais barris de chope. A parceria buscada em rádios e emissoras de televisão locais, distribuição de fôlderes e cartazes em cidades vizinhas e o uso de carros de som em Seara contribuíram para que essa meta fosse alcançada. A estratégia encontrada pela

equipe organizadora do evento visava, principalmente, à continuidade da festa, uma vez que as maneiras de festejar foram mudando no decorrer das edições.

Entretanto, de acordo com entrevistas, é importante esclarecer que a consequência negativa do grande público em 2002 foi o grande consumo de bebidas alcoólicas, o que causou insegurança nos organizadores. Cresceu o número de pacientes atendidos no hospital, justamente por terem se excedido no consumo alcoólico durante o evento. Por isso, ainda que o chope reforce a cultura alemã e teuto-brasileira, não se pode descartar a interpretação, por uma parte dos participantes da festa, como sendo algo desligado do caráter religioso ou cultural, e sim, compreendido como um momento associado apenas ao consumo e ao prazer.

Além disso, a festa possibilitava trocas étnicas, tendo a participação de outros grupos, especialmente os ítalo-brasileiros. Tais grupos atuavam como patrocinadores, no preparo dos pratos considerados pela organização como típicos etc. Como os representantes teuto-brasileiros em Seara eram minoria em termos demográficos, a presença de outras etnias na festa era essencial, porque aumentava o número de participantes e, por consequência, gerava mais lucros – os quais eram destinados principalmente para a manutenção da igreja.

Nos depoimentos orais dos organizadores, foi possível perceber também que o termo *Kerbfest* estava associado à palavra *Korb* – cesto. Segundo as memórias dos entrevistados, em outras *Kerbfesten* que participaram, nos cestos eram levados os mantimentos para as festas. Os produtos (geralmente artesanais e agrícolas) eram leiloados e seus valores destinados à Igreja. Isso explica também a presença de cestos de flores nas edições da festa.

O *Kerbfest*, além das expressões culturais atreladas ao teuto-brasileiro, também apresenta aspectos culturais e históricos regionais, uma vez que a cultura não é estática e os grupos não vivem isolados. Embora para os participantes fosse um momento de diversão, de encontro, comilança e consumo de bebidas, para o teuto-brasileiro luterano searaense o *Kerbfest* é uma festa carregada de sentimento de identidade.

Muitos dos elementos decorativos estavam carregados de sentido, de valores que remetiam aos ideais da germanidade e da religiosidade. A presença das bonecas nos bailes, os trajes, as músicas e as comidas típicas, os enfeites utilizados nos carros alegóricos, na igreja e nos bailes remetiam a um passado imaginado, difundido no sul do país a partir dos valores da germanidade. Esses costumes passaram a ser valorizados e difundidos no Brasil, sobretudo, nas décadas de 1970 a 1980, retratando um folclore alemão contemporâneo que tinha por objetivo rememorar costumes do passado.

Embora, o *Kerbfest* tenha sido uma festividade construída no Brasil e não uma herança germânica trazida da Alemanha, após a análise das fontes e dos referenciais teóricos que

tratam das questões ora abordadas, é possível olhar o *Kerbfest* de Seara sob a ótica de uma festividade que construiu laços de pertencimento entre os teuto-brasileiros e conclui-se, portanto, que se tornou um patrimônio cultural do município.

REFERÊNCIAS

A. B. **Entrevista** [8 mar. 2020]. Entrevistadora: Sandra Kuester. Seara, 2020. Áudio (mp3). 24 min.

ALBERSEIM, Ú. **Uma comunidade teuto-brasileira**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Educacionais, 1962.

ALTMANN, L. **Memória, Identidade e um espaço de Conflito: A comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingáng da Área indígena Toldo Pinhal**. Orientador: Ricardo Willy Rieth. 2007. 323 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2007.

ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724** – Informação e documentação – trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023** – Informação e documentação – Referências - Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.

BARROS, J. A. Nova história cultural – considerações sobre seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n. 16. 2011.

BÍBLIA. A. T. Levítico. Português. **A Bíblia Sagrada**. Sociedade Bíblica do Brasil: São Paulo, 1988. p. 130-132.

BOITEUX, J. A. Oeste Catharinense – de Florianópolis a Dionísio Cerqueira. *In*: CEOM (org.) **A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina – Documentos e leituras**. Chapecó: Argos, 2005. p. 81-105.

BOSI, A. **A Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, P. Você disse “popular”? **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 1, p. 16-26, jan./abr. 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 03 nov. 2020.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 20 jun. 2020.

BURKE, P. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2010.

CALLAIS, C. **Fritz Plaumann uma odisseia**. Concórdia: Gráfica Equiplan, 1993.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHUVA cancela bier wagen. **Folhasete**, Seara, 09 abr. 2005. Geral, p. 8.

COMUNIDADE EVANGÉLICA DE SEARA. [**Correspondência**]. Destinatário: Roston Luiz Nascimento. Brasília, 2000. Projeto do Kerbfest de Seara.

CONCURSOS movimentaram o evento. **Folhasete**. Seara. 13 abr. 2002. Cidade, p. 6.

COSTA, M. S. **DER Osterbaum**: a árvore da páscoa. **Portal Luteranos**, 2020. Disponível em: <https://luteranos.com.br/conteudo/der-osterbaum-a-rvore-da-pascoa> Acesso em: 25 jul. 2020.

CUNHA, J. L. Imigração e Colonização Alemã. *In*: BOIN, N.; GOLIN, T. (coord.). PADOIN, M. M.; PICCOLO, H. I. L. (dir.). História Geral do Rio Grande do Sul. Vol. 2. **Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. p. 279-300.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. [s. l.]: EbooksBrasil.com, 1997.

X KERBFEST abertura. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 2002a. videocassete (30 min), VHS, son., color.

X KERBFEST Sexta e Sábado. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 2002b. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

X KERBFEST – 2002 [Festa]. Seara: IECLB, 2002c. 1 fôlder.

XI KERBFEST – 2003 [Festa]. Seara: IECLB, 2003. 1 fôlder.

XII KERBFEST – 2004 [Festa]. Seara: IECLB, 2004. 1 fôlder.

XIII KERBFEST – 2005 [Festa]. Seara: IECLB, 2005. 1 fôlder.

DOMINGO tem lançamento do Kerb fest. **Folhasete**, Seara. 28 mar. 1997. p. 8.

DRIEMEIER, A. A. **Arabutã**: uma comunidade construindo história. Porto Alegre: Edições EST, 2002.

DU GAY, P. *et al.* **Doing cultural studies**: The Story of the Sony Walkman. Londres: Sage Publications, 1997.

DUVIGNAUD, J. **Festas e Civilizações**. Rio de Janeiro: Edições Universidade Federal do Ceará: Tempo Brasileiro, 1983.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FLORES, M. B. R. **Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Livraria e Editora Obra Jurídica Ltda., 1997.

FRANZINA, E. **A Grande Imigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

FUNARI, P. P. A.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GERTZ, R, E. A Guerra que ainda não terminou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2.*, 2013, [s. l.]. **Anais Eletrônicos [...]**. [s. l.]: [s. n.], 2003. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:iGuz0JxKKQMJ:https://www.renegertz.com/arquivos/UPF2013.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 10 jun. 2020.

GONÇALVES, E.; MANFROI, F.; NARDI, I. **Sociedade Searaense: O processo de Colonização**. Orientadora: Rosana Cristina Kohls. 2004. 55 f. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade do Contestado, Concórdia, 2004.

GRANDE festa no Kerb. **Folhasete**, Seara. 13 abr. 2002. Cidade, p. 6.

GRIMM, J. **Contos de fadas dos irmãos Grimm**. Jandira: Principis, 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINSFELD, A. A fronteira: historicidade e conceitualização. *In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (org.) História da Fronteira Sul*. Chapecó: UFFS, 2016. p. 25-42.

HEINSFELD, A. **A questão de Palmas entre Brasil e Argentina e o início da colonização alemã no Baixo Vale do Rio do Peixe-SC**. Joaçaba: UNOESC, 1996.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

IBGE. **Estimativas da população**. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>. Acesso em: 09 jul. 2019.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório do IV Seara Kerbfest**. Seara: IECLB, 1996.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório do VII Seara Kerbfest**. Seara: IECLB, 1999a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 05 mar. 1999, p. 3-4. Seara: IECLB, 1999b.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 16 mar. 1999, p. 5. Seara: IECLB, 1999c.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 30 mar. 1999, p. 6-13. Seara: IECLB, 1999d.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 06 abr. 1999, p. 9. Seara: IECLB, 1999e.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 04 nov. 1999, p. 12. Seara: IECLB, 1999f.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Relatório do VIII Seara KerbFest**. Seara: IECLB, 2000a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas de atividades festivas** (IECLB). Ata da sessão, 17 fev. 2000, p. 14. Seara: IECLB, 2000b.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Ata da sessão, 02 mar. 2000**, p. 15. Seara: IECLB, 2000c.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas de atividades festivas** (IECLB). Ata da sessão, 22 de mar. 2000, p. 15-16. Seara: IECLB, 2000d.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas de atividades festivas** (IECLB). Ata da sessão, 25 abr. 2000, p. 19. Seara: IECLB, 2000e.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 05 abr. 2001, p. 20. Seara: IECLB, 2001a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 16 abr. 2001, p. 21. Seara: IECLB, 2001b.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas de atividades festivas**. Ata da sessão, 27 abr. 2001, p. 21. Seara: IECLB, 2001c.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata de sessão, 26 set. 2001, p. 29. Seara: IECLB, 2001d.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 21 nov. 2001, p. 30. Seara: IECLB, 2001e.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 04 dez. 2001, p. 31. Seara: IECLB, 2001f.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 27 dez. 2001, p. 32. Seara: IECLB, 2001g.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 05 fev. 2002, p. 32. Seara: IECLB, 2002a.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 19 fev. 2002, p. 33. Seara: IECLB, 2002b.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 01 abr. 2002, p. 35. Seara: IECLB, 2002c.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 09 abr. 2002, p. 36. Seara: IECLB, 2002e.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 5 abr. 2003, p. 47. Seara: IECLB, 2003.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas da comunidade de Seara**. Ata da sessão, 06 abr. 2004, p. 4. Seara: IECLB, 2004

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Livro de atas da comunidade de Seara**. Seara. Ata da sessão, 02 dez. 2007, p. 37. Seara: IECLB, 2007.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (IECLB). **Acervo fotográfico e documental**. Seara: IECLB, 2019.

JUNGBLUT, A. L. O protestantismo luterano dos teuto-brasileiros: algumas considerações necessárias para uma abordagem antropológica. *In*: MAUCH, C; VASCONCELLOS, N. (org.). **Os Alemães no Sul do Brasil: Cultura, Etnicidade, História**. Canoas: ULBRA, 1994. p. 139-147.

KARNAL, L.; TATSCH, F. G. A memória evanescente. *In*: PINSKY, C. B; LUCA, T. R. (org.) **O Historiador e suas fontes**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 9-29.

KERB Fest confirmado: é o maior evento de Seara. **Seareiro Folhasete**, Seara, 12 abr. 1997. p. 2.

KERB Fest continua hoje. **Seareiro Folhasete**, Seara. 10 abr. 1999. p. 2. 1999a.

KERB Fest repete sucesso. **Seareiro Folhasete**, Seara. 17 abr. 1999. p. 8. 1999b.

KERBFEST. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1993. 1 videocassete (42 min), VHS, son., color.

KERBFEST atinge objetivos. **Seareiro Folhasete**. Seara. 28 abr. 2001. Regional, p. 13.

KLUG, J. Confessionalidade e etnicidade em Santa Catarina: tensões entre luteranos e católicos. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 16, n. 24, p. 111-127, out. 1998.

L. B. **Entrevista** [8 mar. 2020]. Entrevistadora: Sandra Kuester Seara, 2020. Áudio (mp3). 24 min.

L. D. A. **Entrevista** [12 mar. 2020]. Entrevistadora: Sandra Kuester Itá, 2020. Áudio (mp3). 20 min.

LE GOFF, J. Documento/monumento. *In*: FONSECA, T. N. L. (org.). **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 535-549.

LENZI, Z. M.; SALVADOR, N. T. M.; KONDER, V. M. **O Kerb em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC; Secretaria de Cultura e Esporte do Estado, 1989.

LUBENOW, A. M. **Enveredado pelas matas do sertão catarinense**: a coleção entomológica Fritz Plaumann. Orientadora: Magali Romero Sá. 2015. 117 f. Dissertação. (Mestrado em História da Ciência e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz: Rio de Janeiro, 2015.

MACHADO, P. P. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação de chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

MEYER, D. E. E. Cultura Teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul: articulando gênero com raça, classe, nação e religião. **Educação e Realidade**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 135-161, jan./jun. 2000.

MORES, S. **A importância da abordagem familiar no tratamento de alcoolistas**: o caso da CLIPIS. Orientadora: Luziele Maria de Souza Tapajós. 2004. 92 f. Monografia. (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

NODARI, E. S. **Etnicidade renegociadas**: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

NOITE de festa em Seara. **Folhasete**, Seara. 6 abr. 2002a. Capa.

NOITE de Kerb Fest. **Folhasete**, Seara, 6 abr. 2002b. Cidade, p. 3.

IX KERBFEST – 2001. [Festa]. Seara: IECLB, 2001. 1 fôlder.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, [s. l.], [s. n], p. 7-28, dez. 1993.

O SUCESSO de mais um Kerb Fest. **Seareiro Folhasete**. Seara, 25 abr. 1998. Especial, p. 6.

POLLAK, M. **Estudos Históricos**, RJ, vol.2, n.3, 1989. p. 3.

VIII KERBFEST Culto e Bierwagen. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 2000a. 1 videocassete (85 min), VHS, son., color.

VIII KERBFEST Primeira Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 2000b. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

VIII KERBFEST Segunda Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 2000c. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

VIII KERBFEST – 2000. [Festa]. Seara: IECLB, 2000d. 1 fôlder.

OOSTERBEEK, L. **Arqueologia, patrimônio e gestão do território:** polêmicas. Erechim: Habilis, 2007.

PALUDO, B. A. **Álbum de Família.** Chapecó: Graftsel Serviços Gráficos Ltda, 1985.

PARÓQUIAS Comunidades e áreas missionárias. 2019. Disponível em: http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/uruguai/paroquias-comunidades-e-areas-missionarias-3. Acesso em: 09 jul. 2019.

PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. *In*: PRIORE, M. D. (org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 278-321.

PIAZZA, W. F. **A Colonização de Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 1994.

PISCHKE, S. A Colonização de Seara. **Folhasete**, Seara, 09 abr. 2005. Caderno Show, p. 1.

POUTIGNAT, P; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

PREPARATIVOS finais. **Seareiro Folhasete**, Seara, 7 abr. 2001. p. 12.

IV KERBFEST. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1996a. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

IV KERBFEST – 1996. [Festa]. Seara: IECLB, 1996b. 1 fôlder.

XV KERBFEST – 2007 [Festa]. Seara: IECLB, 2007. 1 fôlder.

RADIN, J. C. **Companhias Colonizadoras em Cruzeiro:** representações sobre a civilização do sertão. Orientadora: Eunice Soeli Nodari. 2006. 210 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2006.

RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P. A. (org.). **História da Fronteira Sul.** Chapecó: UFFS, 2016.

REICHET, H. R. A cena musical dos bailões: Um todo à parte em meio a região metropolitana de Porto Alegre. *In*: AMARAL, A. *et al.* **Mapeando cenas da música pop:** cidades mediações e arquivos. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017. p. 221-223.

RIBEIRO, R. W. **Paisagem cultural e patrimônio.** Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROYER, E. **A Língua, a casa e a festa: O patrimônio de origem alemã em São Carlos – SC.** Orientador: Jaisson Teixeira Lino. 2017. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Licenciatura em História) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

S. B. **Entrevista** [7 mar. 2020]. Entrevistadora: Sandra Kuester Seara, 2020. Áudio (mp3). 29 min.

S. M. B. **Entrevista** [11 mar. 2020]. Entrevistadora: Sandra Kuester. Seara, 2020. Áudio (mp3). 21 min.

SANTIAGO JÚNIOR, F. DAS C. F. Dos Lugares de memória ao patrimônio: Emergência e transformação da ‘Problemática dos Lugares’. **Projeto História**, [s. l.], [s. n.], p. 245-279, 2015.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEARA. **Lei nº 1114, de 28 de novembro de 1997.** Dispõe sobre normas de saúde em vigilância sanitária, estabelece penalidades e dá outras providências. Seara: Palácio da Prefeitura Municipal, 1997. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/s/seara/lei-ordinaria/1997/112/1114/lei-ordinaria-n-1114-1997-dispoe-sobre-normas-de-saude-em-vigilancia-sanitaria-estabelece-penalidades-e-da-outras-providencias?q=c%F3digo%20sanit%E1rio%20municipal>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SEARA. Prefeitura Municipal. **Mapa de Seara.** Seara: Palácio da Prefeitura Municipal, 1999.

II KERBFEST. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1994a. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

II KERBFEST. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1994b. 1 videocassete (3 min), VHS, son., color.

VII KERBFEST Culto e Bierwagen. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1999a. 1 videocassete (96 min), VHS, son., color.

VII KERBFEST Kerbfest Primeira Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1999b. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

VII SEARA Kerbfest Segunda Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1999. 1 videocassete (96 min), VHS, son., color.

VI KERBFEST Culto e Bierwagen. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1998a. 1 videocassete (59 min), VHS, son., color.

VI KERBFEST Primeira Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1998b. 1 videocassete (118 min), VHS, son., color.

VI KERBFEST Segunda Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1998c. 1 videocassete (118 min), VHS, son., color.

VI KERBFEST– 1998. [Festa]. Seara: IECLB, 1998d. 1 fôlder.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SEYFERTH, G. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **Fazer a América**. A Imigração em Massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 273-313.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SPESSATTO, M. B. (org.). **O Diário de Fritz Plaumann**. Chapecó: Argos, 2001.

SUMERIAN, C-É; KATZ, E. Introdução: modelos alimentares e recomposições sociais na América Latina. **Anthropology food**, dez. 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aof/6433>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SUPERNOITE do Kerbfest deve lotar o Centro Comunitário. **Seareiro Folhasete**. Seara, 21 abr. 2001. Geral, p. 6.

TEDESCO, J. C.; ROSSETTO, V. **Festas e saberes: artesanatos, genealogia e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: Méritos, 2007.

III KERBFEST Culto e Bierwagen. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1995a. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

III KERBFEST Segunda Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1995b. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

III KERBFEST Primeira Noite. Foto Estúdio Bela Vista. Seara. 1995c. 1 videocassete (120 min), VHS, son., color.

UNESCO. **Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural**. 1972. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

VALENTINI, D. J. **Atividades da Brazil Railway Company no Sul do Brasil: A instalação da Lumber e a guerra na região do Contestado (1906 - 1916)**. Orientadora: Núncia Santoro de Constantino. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VOIGT, E. (org.). **Guia para o presbitério: manual de estudos**. Sinodal: São Leopoldo, 2010.

VOIGT, F. A. **A invenção do Teuto-brasileiro**. Blumenau: Liquidificador produtos culturais, 2013.

VOIGT, L. **O Espaço de práticas do folclore “alemão” autêntico no Brasil: Um estudo de Sociologia da Cultura e das Elites**. Orientador: Alexandre Bergamo Idargo. 2018. 376 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina Florianópolis, 2018.

WEIMER, G. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

WILLEMS, E. **A Aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editoria Nacional, 1946.

WOLFF, J. N. **Bandinhas e a festa do Kerb**. Chapecó: Argos, 2001.

WOORTMANN, E. Memória alimentar: prescrições e proscricões. *In*: WOORTMANN, E; CAVIGNAC, J. A. (org.). **Ensaio sobre a antropologia da alimentação**: saberes, dinâmicas e patrimônio. Natal: EDUFRN, 2016. p. 57-88.

ANEXO A –

Correspondência enviada pela Comissão organizadora da VII Seara Kerbfest.

